



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS DIADEMA



PÓS-GRADUAÇÃO EM ANÁLISE AMBIENTAL INTEGRADA
(PPGAAI)

ANNA KAROLINA OSÓRIO PIMENTEL

**MOTIVOGRAMA PSICOAMBIENTAL: FUNDAMENTAÇÃO
TEÓRICA E VALIDAÇÃO EMPÍRICA DE UM
INSTRUMENTO PARA O ESTUDO DAS MOTIVAÇÕES EM
ATITUDES PRÓ-MEIO AMBIENTE**

DIADEMA
 2021

ANNA KAROLINA OSÓRIO PIMENTEL

MOTIVOGRAMA PSICOAMBIENTAL: FUNDAMENTAÇÃO
TEÓRICA E VALIDAÇÃO EMPÍRICA DE UM
INSTRUMENTO PARA O ESTUDO DAS MOTIVAÇÕES EM
ATITUDES PRÓ-MEIO AMBIENTE

Dissertação apresentada, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências, ao Programa de Pós-Graduação em Análise Ambiental Integrada (Stricto Sensu) do Instituto de Ciências Ambientais, Químicas e Farmacêuticas da Universidade Federal de São Paulo – Campus Diadema.

Orientadores: Luciana Aparecida Farias

Cristina Rossi Nakayama

Claudio Benedito Baptista Leite

Pimentel, Anna Karolina Osório

Motivograma Psicoambiental: Fundamentação teórica e validação empírica de um instrumento para o estudo das motivações em atitudes pró-meio ambiente / Anna Karolina Osório Pimentel. – Diadema, 2021.

114 f.

Dissertação (Pós-Graduação em Análise Ambiental Integrada) – Universidade Federal de São Paulo – Campus Diadema, 2021.

Orientadores: Luciana Farias Aparecida; Cristina Rossi Nakayama; Claudio Benedito Baptista Leite.

1. Meio Ambiente; 2. Necessidades; 3. Maslow; 4. Socioambiental; 5. Consumo.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autora: Anna Karolina Osório Pimentel. Título do trabalho: Motivograma Psicoambiental: Fundamentação teórica e validação empírica de um instrumento para o estudo das motivações em atitudes pró-meio ambiente / Dissertação para o Programa de Análise Ambiental Integrada – Universidade Federal de São Paulo.

Data de aprovação: 26 de agosto de 2021

Banca examinadora:

Prof. Drª. Luciana Aparecida Farias (Orientadora)
Instituto de Ciências Ambientais, Químicas e Farmacêuticas
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Prof. Dr. Luiz Eduardo Valiengo Berni
Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar (APTD)

Prof. Drª. Adriana Regina Braga
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Prof. Drª. Melissa Vivacqua Rodrigues
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Universidade Federal de São Paulo



PROGRAMA ANALISE AMBIENTAL INTEGRADA

ATA DE DEFESA DISSERTAÇÃO E TESE nº 0796998/2021/PROGRAMA ANALISE AMBIENTAL INTEGRADA

Diadema, 26 de agosto de 2021.

Aos vinte e seis dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e um, reuniu-se via Google Meet (por conta da pandemia de Covid-19) às 09:00 horas, a Comissão Julgadora para a DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, solicitada por ANNA KAROLINA OSÓRIO PIMENTEL, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em ANÁLISE AMBIENTAL INTEGRADA, que apresentou tese sob o Título: MOTIVOGRAMA PSICOAMBIENTAL: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E VALIDAÇÃO EMPÍRICA DE UM INSTRUMENTO PARA O ESTUDO DAS MOTIVAÇÕES EM ATITUDES PRÓ-MEIO AMBIENTE.

A referida Comissão esteve constituída pelos Professores Doutores:

Prof(a). Dr(a). Luiz Eduardo Valiengo Berni - Professor(a) Doutor - Departamento Clínico - do Ateliê de Pesquisa Transdisciplinar;

Prof(a). Dr(a). Adriana Regina Braga - Professor(a) Doutor em Educação - Departamento de Educação - da Universidade Federal de São Paulo;

Prof(a). Dr(a). Melissa Vivacqua Rodrigues - Professor(a) Adjunto - Instituto do Mar - da Universidade Federal de São Paulo;

O(a) Presidente Prof(a). Dr(a). Luciana Aparecida Farias, inicia a sessão dando a palavra ao(a) candidato(a), que dispõe de um período de tempo entre trinta e cinquenta minutos, para expor sua tese. A seguir dá a palavra aos Professores para a arguição. Cada examinador(a) dispõe de trinta minutos, no máximo, para arguição, bem como o(a) candidato(a) para as respostas. Tendo o(a) candidato(a) respondido todas as arguições em tempo hábil os membros da Banca Examinadora, emitiram seus Pareceres:

Prof(a). Dr(a). Luiz Eduardo Valiengo Berni, _____

Prof(a). Dr(a). Adriana Regina Braga, _____

Prof(a). Dr(a). Melissa Vivacqua Rodrigues, _____

Prof. Drs. :

Em face dos referidos pareceres, a Comissão Julgadora considera o(a) Sr(a) ANNA KAROLINA OSÓRIO PIMENTEL habilitado(a) a receber o título de MESTRE EM CIÊNCIAS pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. E por estarem de acordo, assinam a presente ata.

São Paulo, 26/08/2021.

Prof(a). Dr(a) Luiz Eduardo Valiengo Berni	(X) APROVADO () REPROVADO
Prof(a). Dr(a) Adriana Regina Braga	(X) APROVADO () REPROVADO
Prof(a). Dr(a) Melissa Vivacqua Rodrigues	(X) APROVADO () REPROVADO

Sugestões e Observações:



Documento assinado eletronicamente por **Luciana Aparecida Farias, Docente**, em 26/08/2021, às 11:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **Luiz Eduardo Valiengo Berni, Usuário Externo**, em 27/08/2021, às 16:19, conforme horário oficial



de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Melissa Vivacqua Rodrigues, Docente**, em 30/08/2021, às 10:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Regina Braga, Docente**, em 31/08/2021, às 13:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida [clikando aqui](#), ou pelo endereço: "https://sei.unifesp.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0" informando o código verificador **0796998** e o código CRC **B6DB763C**.

Rua São Nicolau, 210 5º Andar - Bairro Centro - Diadema - SP CEP 09913-030 - <http://www.unifesp.br>

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família e aos amigos, principalmente à minha mãe Leonida, que mais uma vez me apoiou e auxiliou durante a busca e desenvolvimento de um dos meus sonhos, incentivando-me a trilhar mais uma etapa da carreira acadêmica. Obrigada por toda a revisão de texto, suporte emocional e pausas para um lanchinho, além de inúmeros detalhes que me deram força para continuar. Agradeço também ao meu padrinho Ulisses e à minha madrinha Ana Augusta, que sempre se posicionaram prontos para me ajudar e incentivar.

Agradeço a todos os meus amigos, pelos mais diferentes tipos de suporte. Sou grata a minhas amigas Bruna Veiga e Marina Bruza, que já são um conhecido presente com que a UNIFESP me agraciou e que seguiram me apoiando; sou grata a minha amiga Renata Correa, que nunca duvidou do que eu fazia por um único momento; sou grata ao meu amigo e companheiro Lucas Pavanelli, que me incentivou e ajudou a lidar com inúmeras emoções e páginas de pesquisa, sempre me instigando a optar pela minha melhor versão, também na escrita; sou grata aos meus amigos de longa data e aos mais recentes achados de amizade, Bianca Pancini, Caroline Silva, Edgard Castanho, Gabriela Manzi, Gabriel Rezende, Guilherme Sales, Ian Perlungieri, Victória Camargo e certamente muitas outras pessoas que carrego no coração.

Agradeço imensamente aos meus orientadores e colaboradores, profa. dra. Luciana Aparecida Farias, profa. dra. Cristina Rossi Nakayama, prof. dr. Claudio Benedito Leite, prof. dr. Luiz Omir e profa. dra. Carla Duarte, que me guiaram nos estudos, escritas e discussões que levarei para toda a vida.

Agradeço ao Programa de Análise Ambiental Integrada e a todos os seus docentes, pela oportunidade de aprendizado, assim como pelos esforços ao tentar desenvolver os inúmeros potenciais de cada indivíduo, por meio de uma visão mais humana e integrada, tanto das matérias quanto das pessoas.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa e incentivo científico, fundamentais tanto para minha pesquisa, quanto para o meu desenvolvimento como pesquisadora. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Agradeço também aos participantes deste estudo, que reservaram alguns minutos de seu dia, para que, ao fim, eu pudesse realizar a minha pesquisa e este trabalho, de que me orgulho

muito. Sendo assim, agradeço a todos que estiveram ou passaram pelo meu caminho, durante esta jornada.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer os acasos, discussões dos mais variados tipos e coisas do cotidiano, como o amor dos meus animaizinhos e reviravoltas da própria vida, elementos que me deram motivos e forças para refletir, escolhendo cada passo e sentindo o desejo de continuar.

O assunto mais importante do mundo pode ser simplificado até ao ponto em que todos possam apreciá-lo e compreendê-lo. Isso é, ou deveria ser, a mais elevada forma de arte.

(Charles Chaplin)

RESUMO

Muito se tem estudado a respeito da importância da percepção ambiental e da representação social em trabalhos que objetivam entender a relação estabelecida entre ser humano e natureza, com o intuito de propor projetos de educação ambiental mais efetivos. Todavia, esses estudos também vêm demonstrando que existem muitas variáveis envolvidas quando se pensa na maneira como nos relacionamos com a natureza, sendo inegável, por exemplo, como diversos trabalhos já comprovam, que a forma como percebemos e representamos o meio ambiente vai muito além do que é captado por nosso aparato fisiológico, pois também atribuímos sentido e valor ao que é captado por meio de categorias construídas a partir de uma complexa relação entre aspectos históricos, sociais, culturais e psicológicos. Este último, o psicológico, traz também, em seu bojo, um questionamento: o que nos motivaria realmente a ter atitudes e ações em prol do meio ambiente, a despeito dos nossos hábitos de consumo e escolhas cotidianas? Dentro dessa perspectiva, o objetivo deste estudo foi adaptar e validar um instrumento de pesquisa a partir da teoria das necessidades de Maslow para a avaliação das motivações presentes em atitudes em prol ou não do meio ambiente. O estudo partiu do seguinte pressuposto inicial: que indivíduos com uma percepção/representação ambiental menos ingênua ou utilitarista, bem como um discurso pró ambiente, deveriam, a princípio, apresentar maior predisposição a uma relação menos antropocêntrica em relação ao meio ambiente, contemplando uma maior responsabilidade socioambiental. Contudo, as atitudes, ações e comportamentos poderão se mostrar contraditórios em relação ao discurso pró ambiente, caso necessidades humanas básicas teorizadas por Maslow não estejam sendo atendidas. Esta pesquisa teve caráter empírico exploratório, de base qualitativa e quantitativa, sendo que o referencial teórico adotado foi a corrente da psicologia humanística a partir dos estudos de Maslow. Participaram desse estudo 134 indivíduos, com idade predominante entre 23 e 27 anos, que estavam cursando ou já tinham concluído o ensino superior. Para a coleta de dados foi empregado um questionário estruturado, com a adaptação de um motivograma derivado da teoria da pesquisa de necessidades pessoais de Abraham Maslow, de forma a incluir questões que buscassem avaliar, além das motivações, também a percepção/representação ambiental e as atitudes, ações e comportamentos de consumo adotados no dia a dia. Os resultados revelaram um grupo com visão predominantemente antropocêntrica e naturalista e com significativa valorização das necessidades de segurança. Conclui-se que o motivograma psicoambiental permitirá identificar e compreender como o atendimento ou não das necessidades básicas do ser humano influencia no comprometimento e prática de ações em prol do meio ambiente, contribuindo para aperfeiçoar estratégias de educação ambiental.

Palavras-Chave: Meio Ambiente; Necessidades; Maslow; Socioambiental; Consumo.

ABSTRACT

Much has been studied regarding the importance of environmental perception and social representation in works that aim to understand the relationship established between human beings and nature, with the aim of proposing more effective environmental education projects. However, these studies have also shown that there are many variables involved when thinking about the way we relate to nature, and it is undeniable, for example, as a number of works already prove, that the way we perceive and represent the environment goes far beyond what it is captured by our physiological apparatus, as we also attribute meaning and value to what is captured through categories built from a complex relationship between historical, social, cultural and psychological aspects. The latter, the psychological, also brings in its wake a question: what would really motivate us to have attitudes and actions in favor of the environment, despite our consumption habits and daily choices? Within this perspective, the aim of this study was to adapt and validate a research instrument based on Maslow's theory of needs for the assessment of motivations present in attitudes in favor or not of the environment. The study started from the following initial assumption: that individuals with a less naive or utilitarian environmental perception/representation, as well as a pro-environment discourse, should, in principle, be more predisposed to a less anthropocentric relationship with the environment, contemplating a greater social and environmental responsibility. However, attitudes, actions and behaviors may prove contradictory in relation to the pro-environment discourse, if basic human needs theorized by Maslow are not met. This research had an exploratory empirical character, qualitative and quantitative, and the theoretical framework adopted was the current of humanistic psychology from the studies of Maslow. One hundred and thirty-three individuals participated in this study, predominantly aged between 23 and 27, who were students at or had graduated from higher education. For data collection, a structured questionnaire was used, with the adaptation of a motivegram derived from Abraham Maslow's personal needs research theory, in order to include questions that sought to assess, in addition to motivations, environmental perception/representation and attitudes, actions and consumption behaviors adopted on a daily basis. Results revealed a group with a predominantly anthropocentric and naturalistic view and with a significant appreciation of security needs. It is concluded that the psychoenvironmental motivegram will allow to identify and understand how meeting or not the basic needs of human beings influence the commitment and practice of actions for the environment, contributing to improve environmental education strategies.

Key words: Environment; Needs; Maslow's theory; Socio-environmental; Consumption.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fluxograma do processo perceptivo	25
Figura 2 - Pirâmide das necessidades de Maslow.....	32
Figura 3 - Oscilações das necessidades	33
Figura 4 – Recorte hipotético das necessidades/motivações em um determinado momento ...	33
Figura 5 - Estágios da valorização do meio ambiente a partir das necessidades humanas (adaptado de Vernalha, 2017).....	42
Figura 6 - Representação esquemática do pressuposto inicial, no qual a hipótese geral estabelecida segue a orientação das flechas vermelhas	45
Figura 7 - Gabarito hipotético para o preenchimento do motivograma psicoambiental.....	52
Figura 8 - Roda do momento, com a média das necessidades do grupo amostral.....	77
Figura 9 - Roda do momento, com a média das necessidades do grupo antropocêntrico	77
Figura 10 - Roda do momento, com a média das necessidades do grupo naturalista.....	77
Figura 11 - Roda do momento, com a média das necessidades do grupo globalizante.....	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Informações de ensino (básico e superior) e dados de interesse (n =134).....	49
Quadro 2 – Frases classificadas pelas representações sociais de meio ambiente	59
Quadro 3 – Categorias referentes à escolha da graduação.....	61
Quadro 4 - Categorias dentre os tipos de contatos com a temática ambiental/educação ambiental	62
Quadro 5 - Categorias sobre as atuais prioridades neste estágio da vida.....	62
Quadro 6 - Categorias sobre a definição de responsabilidade socioambiental.....	63
Quadro 7 - Categorias sobre a possibilidade de trabalho em uma empresa com histórico ambientalmente negativo	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Representações sociais e frequência das 10 palavras mais utilizadas dentre cada visão.....	59
Tabela 2 - Frequência de palavras referentes aos impactos ambientais.....	60
Tabela 3 - Predominantes maiores e menores das necessidades e as representações sociais (n = 134).....	75
Tabela 4 - Alfa de Cronbach.....	78
Tabela 5 - Conjunto de frequência entre as necessidades e as representações sociais	79
Tabela 6 - Qui-quadrado de Pearson entre as necessidades e as representações sociais	79
Tabela 7 - Qui-quadrado de Pearson entre as necessidades e os hábitos de consumo.....	80

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Prioridades cotidianas.....	66
Gráfico 2 - Prioridades na decisão de compra	67
Gráfico 3 - Arrependimento quanto à compra de produtos e à contratação de serviços	68
Gráfico 4 - Sentimento que impulsiona o consumo.....	69
Gráfico 5 - Influência na decisão de comprar um carro	71
Gráfico 6 - Influência na decisão de comprar vestimentas.....	72
Gráfico 7 - Influência na decisão de comprar um celular.....	73
Gráfico 8 - Considerações de níveis de importância dentre os estágios ou necessidades	74
Gráfico 9 – Média das necessidades e agrupamentos.....	76

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

PA – Percepção ambiental

RS – Representação social

X – Necessidades fisiológicas

Y – Necessidades de segurança

W – Necessidades sociais/de associação

Y – Necessidades de estima

Z – Necessidades de autorrealização

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	18
2. INTRODUÇÃO	19
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
3.1. Percepção ambiental (PA).....	23
3.2. Representação social (RS)	26
3.3. Teoria das necessidades de Maslow	28
3.4. Necessidades	35
3.4.1. Necessidades fisiológicas	35
3.4.2. Necessidades de segurança.....	36
3.4.3. Necessidade sociais/de associação	37
3.4.4. Necessidades de estima.....	37
3.4.5. Necessidades de autorrealização.....	38
3.5. A Teoria de Maslow e o meio ambiente	39
4. OBJETIVOS	44
4.1. Objetivo geral.....	44
4.2. Objetivos específicos	44
4.3. Pressuposto inicial	44
5. PERCURSO METODOLÓGICO	46
5.1. Caracterização do grupo participante e amostragem	47
5.2. Instrumento de pesquisa.....	50
5.3. Análise dos dados e validação do instrumento	54
5.3.1. Dados qualitativos	54
5.3.2. Dados quantitativos	55
6. RESULTADOS	58
6.1. Análise qualitativa	58
6.2. Análise quantitativa	65
6.2.1. Hábitos de consumo.....	65
6.2.2. Motivograma psicoambiental	75
6.2.3. Alfa de Cronbach e Qui-Quadrado de Pearson	78
7. DISCUSSÃO.....	81
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88

1. APRESENTAÇÃO

O comprometimento socioambiental consiste em um complexo e significativo desafio para sociedade e para o indivíduo, contemplando a importância do coletivo, mas também da individualidade, visto que a ambiência atual provém de circunstâncias sociais, culturais e ambientais do momento histórico e material vivido, bem como das atitudes, ações e comportamentos dos seres humanos.

Essa elucidação despertou questionamentos sobre o comprometimento que estamos dispostos a realizar, assim como sobre as necessidades às quais estamos expostos, me fazendo ponderar acerca das condições ambientais presentes e das minhas próprias condutas e posicionamentos, visto que ao longo da minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, o meio ambiente sempre apresentou posição de destaque e relevância.

Ao longo de minha graduação em Ciências Ambientais, me aprofundi em temas como educação ambiental complexa, percepção ambiental e representação social, assim como diversos outros segmentos que permeavam meu momento de vida, como materiais e indicações de minhas grades curriculares, vivências em simpósios e congressos, bem como a participação em projetos de extensão universitária e atividades extracurriculares.

As reflexões sobre a minha maneira de me relacionar com o meio ambiente acabaram influenciando e instigando meus estudos, tornando o mestrado em desejo, mas que agora se trata de uma realização, que refletiu em um crescente interesse no desenvolvimento de investigações referentes aos potenciais relacionamentos entre o indivíduo e o meio ambiente, concomitantemente à pesquisa, elaboração e avaliação de instrumentos metodológicos capazes de auxiliar e/ou promover diagnósticos mais eficazes e direcionados quanto a hábitos, expectativas e comportamentos que causem ou minimizem os impactos no meio ambiente.

2. INTRODUÇÃO

A relação entre o ser humano, com seu “estilo de vida”, e o ambiente transforma-se e adapta-se de acordo com o momento histórico, cultural e social da humanidade, variando conforme as percepções e funcionalidades atribuídas pelos próprios indivíduos, assim como pelas condições ambientais do espaço e período em que estão inseridos, sendo que, o mais recente cenário socioambiental é advindo de um contexto Pós-Revolução Industrial altamente antropocêntrico que se agrava na sociedade globalizada (ALBUQUERQUE, 2007; LEFF, 2010; GREGORI e ARAUJO, 2013).

Este cenário foi determinante para a relação desequilibrada entre a sociedade e o meio ambiente¹, visto que “o homem moderno passa a não retirar mais somente o necessário para sua sobrevivência, e sim o máximo que puder, para obter o maior lucro”, ignorando as questões de capacidade e suporte da natureza (ALBUQUERQUE, 2007, p.48). Tal comportamento se apoia em uma racionalidade² econômica que simplesmente ignora os limites dos recursos naturais, com o seu impacto se dando de forma cada vez mais inegável na realidade, manifestando-se nos índices crescentes de destruição ecológica, nos elevados índices de contaminação do meio ambiente e no aquecimento global do planeta (LEFF, 2010).

Além disso, essa mesma conjuntura fundamenta e influencia as representações e expectativas humanas com relação ao meio ambiente, o que, na evidente crise socioambiental pela qual estamos passando, mostra que o ser humano não se percebe ou considera como parte da natureza e que os recursos ambientais se encontram expostos às consequências e impactos da sociedade de consumo (PORTILHO, 2005; PITANGA, 2015).

Ao perceber a correlação entre os impactos socioambientais e os hábitos de consumo, Portilho (2005) propõe que este fenômeno seja paralelamente analisado como uma atividade social e cultural, para assim possibilitar a investigação e compreensão de novos discursos e posicionamentos, a partir do confronto entre a atual problemática socioambiental, a percepção ambiental e os estilos de vida, por um lado, e, por outro lado, os comportamentos vigentes dos indivíduos.

¹ A presente pesquisa apoia-se nesse termo com base na definição proposta por Reigota (2004), que considera que o meio ambiente seja composto pelas interações naturais e sociais que influenciam na determinação e percepção sobre um espaço ou meio, acarretando a criação e transformação de processos históricos, culturais, políticos e tecnológicos entre a sociedade e a natureza.

² O conceito de racionalidade adotado é o utilizado por Leff (2006), que pressupõe uma organização da sociedade baseada em regras de pensamento e ação econômica, política e ideológica que refletem crenças, normas morais e padrões de produção.

Este entendimento se aproxima ao de Leff (2006), que considera que o desenvolvimento da civilização está diretamente relacionado aos problemas socioambientais, justamente em virtude de suas ações e pensamentos (racionalidade econômica), ressaltando que as atitudes, ações, comportamentos e intervenções humanas demandam uma quebra de paradigma em que se possam criar e resgatar valores e conhecimentos que reconectem o indivíduo e a sociedade ao meio ambiente, assim como a própria ressignificação das suas motivações e necessidades de consumo.

Este processo de transformação do conhecimento precisa questionar e desconstruir preconceitos, conceitos, crenças, valores e comportamentos, os quais se sustentam meramente por serem dominantes ou comumente difundidos, ou seja, por serem uma grande influência advinda do contexto histórico e societário (LEFF, 2006; PITANGA, 2015). Tal reestruturação demanda uma reavaliação comportamental humana e condiz com o intuito do movimento ambientalista e de educadores ambientais, que tentam promover uma reflexão crítica a respeito da problemática socioambiental em suas diferentes dimensões e contextos.

Neste sentido, pressupõe-se que indivíduos e grupos que manifestam interesses e preocupações por causas ambientais, buscando e desenvolvendo soluções para degradação, impactos, e, conseqüentemente, para o seu relacionamento com o ambiente, representam um potencial agente transformador e, mesmo com um padrão social e econômico existente, manifestam predisposição em prol do meio ambiente (PORTILHO, 2005). Todavia, salienta-se que a presença ou uso de conceitos oriundos de responsabilidade socioambiental em discursos individuais e/ou coletivos quanto a esta temática não necessariamente representam um retorno em ações em prol do ambiente, visto que a atitude, ação ou comportamento final são também influenciados pelo conteúdo representacional, simbólico e psicológico previamente adquiridos e desenvolvidos ao longo de trajetórias pessoais e coletivas. Portanto, surge uma necessidade cada vez maior da integração de conhecimentos que tentam dar conta das diferentes dimensões do ser humano, além da inter-relação indivíduo-sociedade, evitando uma dicotomia reducionista e fragmentada da problemática socioambiental, além de contribuir para a elucidação das inúmeras variáveis envolvidas na nossa forma de atribuir sentido e de se relacionar com o meio ambiente (IARED e OLIVEIRA, 2017).

Dentro dessa perspectiva, outro aspecto que vem se destacando nos estudos socioambientais é a psicologia ambiental, identificando as inter-relações entre o ser humano e o meio ambiente, havendo também desdobramentos como a psicometria, que, em sua origem, trata da teoria e da técnica de medir os processos mentais, sendo especialmente aplicada na área da psicologia e da educação (PASQUALI, 2009). Atualmente, também são inúmeros os

trabalhos nacionais e internacionais que se dedicam a desenvolver e validar instrumentos que objetivam medir, por exemplo, o conhecimento ecológico, as habilidades cognitivas, as competências, a conexão ambiental, a responsabilidade ambiental, os valores, as atitudes, as ações e os comportamentos pró-ambientais ou para sustentabilidade (PATO e TAMAYO, 2006; POWELL *et al.*, 2011; DIJKSTRA e GOEDHART, 2012; ERDOGAN *et al.*, 2012; BEERY, 2013; SCHNELLER *et al.*, 2015; UGULU, 2015; ALMEIDA, 2016; BIASUTTI e FRATE, 2016; OLSSON *et al.*, 2019; SZCZYTKO *et al.*, 2019; VARELA-LOSADA *et al.*, 2019; SASS *et al.*, 2021). Destacam-se também os conhecidos e amplamente aplicados estudos de percepção ambiental e representações sociais de meio ambiente e educação ambiental (REJESKI, 1982; KELIHER, 1997; SEEMAN, 2003; ANTONIO e GUIMARÃES, 2005; FERREIRA *et al.*, 2007; MARTINHO e TALAMONI, 2007; PEDRINI, COSTA e GHILARDI, 2010; REIGOTA, 2010; SOUZA e PEREIRA, 2011; MAGALHÃES e TOMANIK, 2013, RUA *et al.*, 2015; FARIAS *et al.*, 2017; COLAGRANDE *et al.*, 2021).

Contudo, um tema pouco explorado com relação ao seu papel em estudos que buscam compreender como estabelecemos um vínculo com o meio ambiente e com as questões socioambientais, bem como as variáveis envolvidas neste processo, é a temática das necessidades e motivações. O psicólogo Abraham Harold Maslow pode apresentar uma importante contribuição neste campo, a partir da sua teoria das necessidades (MASLOW, 1970).

Sendo assim, partindo do entendimento que a maioria dos indivíduos somente apresentaria uma sólida e permanente defesa em prol do meio ambiente, bem como comportamento condizente, quando este se caracteriza como um instrumento de auxílio na busca da autorrealização, e que este estágio de necessidade só apareceria quando outros estágios já estivessem minimamente satisfeitos, o presente trabalho apresenta o motivograma psicoambiental, adaptado do motivograma utilizado no ambiente organizacional, como um possível instrumento a ser utilizado em estudos na área socioambiental e de educação ambiental. O instrumento elaborado também estabelece uma interface de aplicação com estudos de percepção e representação de forma a superar a fragmentação do conhecimento e oferecer uma análise mais integrada de aspectos psicoambientais, dentro do contexto a que se propõe o programa de pós-graduação em Análise Ambiental Integrada no qual o presente estudo foi desenvolvido.

Neste trabalho, buscou-se avaliar se o motivograma psicoambiental, aliado ao estudo da percepção e representação, pode contribuir no aprofundamento da compreensão das dicotomias existentes entre discurso e prática, além de averiguar a possibilidade de trazer a questão

socioambiental para todos os estágios de necessidades, deslocando a tendência preservacionista/conservacionista para também os estágios que precedem a autorrealização. A conjuntura destes elementos remete em uma avaliação mais ampla e complexa, tratada como o inventário do perfil psicoambiental do participante. Com efeito, se a maioria dos indivíduos na sociedade ainda não consegue alcançar níveis transpessoais³, a educação ambiental pode, desde já, aproveitar os contributos deste tipo de estudo para avançar na sensibilização e conscientização socioambiental, saindo do conflito no qual se encontra: a constatação de que o conhecimento até agora acumulado na área não vem sendo aplicado e nem surtindo o efeito desejado, conforme evidencia a crise em que nos encontramos.

Ainda somos muito autocentrados e individualistas⁴, então, ao adotarmos estratégias que nos escancarem que a degradação ambiental ameaça frontalmente a nossa sobrevivência no planeta, por meio da compreensão das nossas próprias necessidades, talvez estejamos dando o primeiro passo rumo à transcendência coletiva.

³ O nível transpessoal, segundo Maslow, levaria o indivíduo a transcender-se, a ser mais que aquilo que é nesse momento, a sentir um sentimento de pertencimento ao Universo, no qual tem um papel que só ele pode preencher, nível este alcançado no estágio de autorrealização (SALDANHA, 2008).

⁴ Questão que se agrava em uma sociedade líquida, na qual um processo extremo de insensibilização avança e se consolida, conforme discute Bauman (2014) em seu conceito de adiaforização.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta revisão bibliográfica fornece conceitos e referenciais teóricos pertinentes à compreensão desta dissertação, abordando os três principais pilares de sua construção: a percepção ambiental, a representação social e a teoria das necessidades de Maslow.

3.1. Percepção ambiental (PA)

Apesar de interagirmos com a realidade a partir dos nossos sentidos, nossa apreensão e compreensão do mundo vai além do que é captado pelo nosso aparato biológico. Por isso, há muito se tem observado que o conceito de percepção tem também ocupado lugar em acalorados debates em áreas, como por exemplo, da filosofia e das ciências sociais, ou seja, para além da comumente esperada neurociência (SMITH, 2014). Esse movimento aprofunda os estudos em torno deste conceito, o que se constitui como uma importante questão em um cenário de grandes impactos socioambientais, nos quais pesquisas a respeito da percepção humana não podem ser desconsideradas e a dimensão indivíduo-sociedade precisa ser levada em consideração. Nas palavras de Crochík (1998, p. 3):

O método para se estudar a subjetividade deve ser, portanto, o que leva a procurar no indivíduo as marcas da sociedade. Ou seja, dizer que o indivíduo é mediado socialmente, não significa que ele seja afetado externamente pela sociedade, mas sim que se constitui por ela, isto é, pela sua introjeção.

Os estudos de PA atualmente constituem um importante segmento da psicologia ambiental, se intensificando a partir da década de 1970, marcados pelo aprofundamento da consciência global com relação à problemática socioambiental. Dessa forma, favoreceu-se o aprofundamento em discussões pautáveis de elementos psicológicos, sociais e ambientais, de maneira correlata, minimizando os impactos da fragmentação destes conhecimentos.

Para Moser (1988) o objetivo deste campo do conhecimento é avaliar a inter-relação indivíduo-ambiente, ou seja, como a percepção da realidade por um indivíduo influencia em seu comportamento e relação com o entorno, assim como identificar quais os efeitos deste entorno nas condutas do indivíduo. Já segundo Faggionato (2004), a PA trata da tomada de consciência do ambiente pelo indivíduo, pois ele se situa no meio em que está inserido, integrando fatores externos e internos no seu entendimento sobre os mecanismo e processos que estão sendo observados. Para Merigueti *et al.* (2004), cada sujeito percebe e reage de

maneira diferente ao meio ambiente, em decorrência das percepções únicas e individuais, mas também como reflexo de grupos e coletivos em suas interpretações.

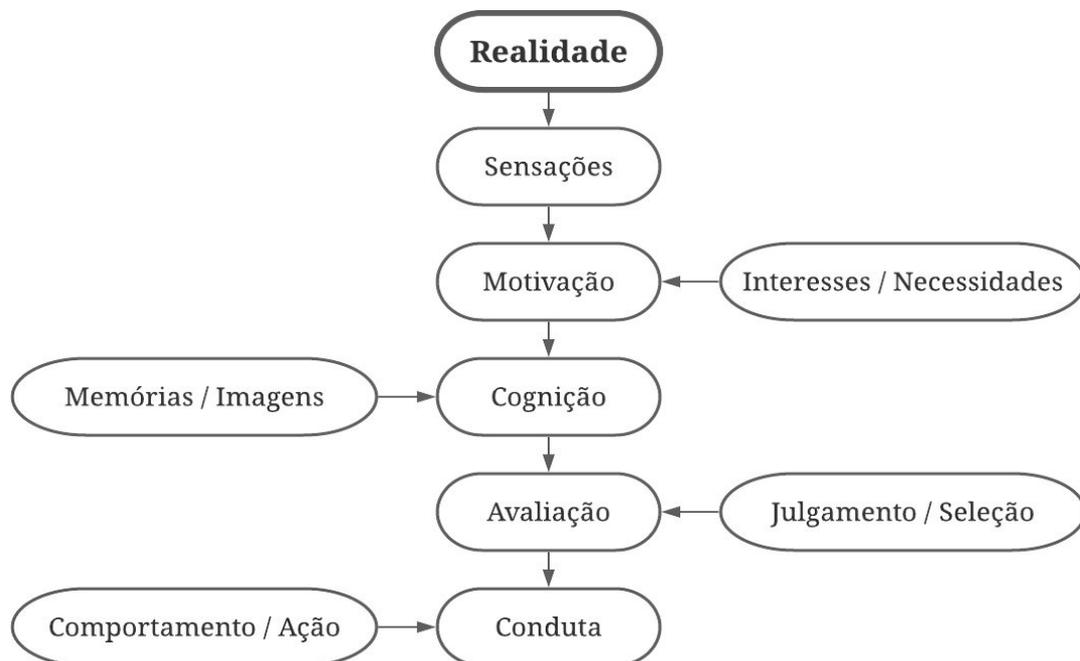
Observa-se que essas conceituações têm em comum o fato de a PA expressar o vínculo e a mútua transformação entre o indivíduo e o meio, evidenciando um fenômeno subjetivo e aproximando os estudos de percepção ao campo da fenomenologia, particularmente com relação às reflexões de Maurice Merleau Ponty. Este fenomenólogo francês afirmava que é a partir da experiência de um indivíduo em seus contextos sociais e materiais que ele passa a perceber e entender a existência da alteridade, ou seja, um mundo exterior e ele próprio. Portanto, a própria consciência do indivíduo e a realidade externa não são dissociados, sendo constituintes de um único fenômeno (CARMO, 2000).

Rodrigues *et al.*, (2012) consideram que esse processo implica na organização e interpretação das sensações advindas da realidade, tratando-se de uma “lente” que é lapidada conforme esses estímulos e compreensões. Isso contribui para que cada indivíduo ou grupo perceba e se relacione com o meio ambiente também com base nas suas necessidades, convicções e experiências, refletindo diretamente nas suas ações e condutas, bem como nas satisfações ou insatisfações com o próprio entorno, salientando-se que, em decorrência de uma percepção única a cada ser, é possível que, mesmo havendo valores e preceitos em comum em um grupo de influência, este indivíduo ainda seja capaz de desenvolver diferentes pensamentos e/ou atitudes em uma mesma, similar ou diferente condição (RODRIGUES *et al.*, 2012; CUNHA e LEITE, 2009).

Este processo de organização e interpretação, tanto interno, quanto do próprio fenômeno, tem sido amplamente utilizado na área ambiental, por meio de propostas e instrumentos relacionados com o campo da educação ambiental, cujo objetivo consiste no desenvolvimento de diagnósticos perceptivos que servem para o embasamento quanto às expectativas, descontentamentos e maneiras de compreender este relacionamento, visando a transformá-lo e melhorá-lo de acordo com casos reais e suas demandas (RODRIGUES *et al.*, 2012).

Pontua-se que a PA e o seu processo de compreensão representam um importante aspecto da complexidade humana e seu desenvolvimento é influenciado e moldado pelo conjunto de elementos internos e externos difundidos entre o indivíduo e a sua realidade, ou seja, trata-se de um conceito e processo que Del Rio e Oliveira (1996) propuseram como um percurso de estímulos (Figura 1) capaz de fundamentar e direcionar as interpretações e condutas de um sujeito, bem como a relação e interpretação que um indivíduo desenvolve com o seu entorno e condição ambiental (KRZYSZCAK, 2016).

Figura 1 - Fluxograma do processo perceptivo



Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Del Rio e Oliveira (1996).

Esta trajetória gera diferentes estímulos ao indivíduo, os quais, por sua vez, conduzem às satisfações, insatisfações, posicionamentos e opiniões que esse indivíduo apresenta com relação ao seu ambiente, permitindo uma apropriação de conhecimentos e experiências que refletem em suas atitudes, ações e comportamentos, mas que, por sua vez, não necessariamente são práticas conscientes, ou coerentes com as motivações, necessidades, comportamentos, discursos e julgamentos, visto que existe um longo processo entre a realidade, a percepção e a conduta (PEDRINI, COSTA e GHILARDI, 2010; DEL RIO e OLIVEIRA, 1996; KRZYSZCAK, 2016).

Constata-se, portanto, que o processo perceptivo também considera que a realidade é interpretada a partir do meio em que o indivíduo está inserido e que esse local, assim como seu contexto, resultará em sensações e expectativas que conduzem tal indivíduo a criar ou manter motivações derivadas de seus interesses e necessidades, moldando e atribuindo significados às suas memórias e experiências por meio de sua cognição e, com isso, acarretando uma avaliação dotada de julgamento e seleção, que serão determinantes para seu comportamento efetivo. Essa realidade também incluirá a forma como esse indivíduo percebe, representa e compartilha o sentido que atribui ao meio ambiente. Sendo assim, simultaneamente ao desenvolvimento das percepções individuais, surgem também percepções compartilhadas nos contextos

socioculturais, as quais contribuem para a formação e constituição das representações sociais (REIGOTA, 2007; KRZYSCZAK, 2016).

3.2.Representação social (RS)

A teoria das representações sociais foi elaborada por Serge Moscovici na década de 1960 a partir do resgate do conceito de representações coletivas de Durkheim (MOSCOVICI, 2005). Segundo o autor, as RS objetivam explicar o senso comum que se tem sobre algo e, em sua constituição, estão presentes os estereótipos/preconceitos, ideologias e crenças, bem como aspectos simbólicos e emocionais do ser humano.

Existem variadas interpretações quanto a esta ocorrência, como a de Wachelke e Camargo (2007, p. 380), segundo os quais a RS é “tanto um produto, quanto um processo”. Já para Wagner (1998, p.3), as RS podem ser consideradas um “conteúdo mental estruturado, isto é, cognitivo, avaliativo, afetivo e simbólico, sobre um fenômeno social relevante, que toma a forma de imagens ou metáforas, e que é conscientemente compartilhado com outros membros do grupo social”. Dessa forma, as RS servem como parâmetro que o indivíduo cria e utiliza em suas condutas, em seus hábitos e nos grupos com que se relaciona, inclusive para se justificar ou não de algum tipo de comportamento (WACHELKE e CAMARGO, 2007).

Segundo Abric (2001), as RS possuem quatro funções fundamentais que influenciam nas práticas sociais de um indivíduo, sendo elas:

- Função de saber: aquela que compreende e explica, por meio de saberes práticos ou do cotidiano (REIS e BELLINI, 2011).
- Função identitária: aquela que permite a identificação e especificidade de um grupo, colaborando e sendo compatível com algum tipo de identidade social (REIS e BELLINI, 2011).
- Função de orientação: aquela que conduz comportamentos e práticas, em virtude do que é esperado ou exigido em determinado contexto social (REIS e BELLINI, 2011).
- Função justificadora: aquela que permite ou justifica determinados posicionamentos ou ações, normalmente se diferenciando ou comparando com outros grupos (REIS e BELLINI, 2011).

Em resumo, essas funções reforçam a questão de se familiarizar com a realidade e pertencer a algum núcleo, sendo a RS um processo que acontece repetitivamente, carregando

consigo memórias e significados, mas que podem ser ressignificados, visto que os seres humanos estão em contínua transformação (REIS e BELLINI, 2011).

De maneira mais abrangente, Moscovici (2005) define a RS como uma sucessão de conhecimentos e práticas cotidianas, que são advindas de influências diretas e indiretas de fatores externos individuais e coletivos, que convergiram para um entendimento em comum, mas que estão sujeitas a contradições ou diferenças, em virtude das individualidades pessoais e locais de cada situação. Portanto, se pensarmos no sentido atribuído ao meio ambiente, por exemplo, pode-se constatar que além de apresentar uma interpretação que também é subjetiva, pois esta é formada pelo indivíduo a partir do modo como ele percebia e representava o meio ambiente ao longo da própria trajetória de aprendizado, também há um senso comum a respeito da questão no grupo de relações deste indivíduo.

Neste sentido, em seu trabalho, Reigota (2007) procurou categorizar o que ele denominou de RS que permeiam o termo meio ambiente, estabelecendo três principais RS para este termo: as visões naturalista, antropocêntrica e globalizante.

A visão naturalista propõe um panorama romantizado sobre natureza, no qual o ser humano não se sente incluído, ou até mesmo presente, representando um aspecto nocivo ao equilíbrio socioambiental por falta de espaço para a coexistência humana. Na visão antropocêntrica também pode aparecer a noção do impacto, mas de uma forma geral o meio natural é percebido a partir de uma perspectiva utilitarista, subjugado às nossas necessidades e considerado como uma fonte de insumos. Ambas as perspectivas não condizem, ou se distanciam muito, da visão globalizante, segundo a qual o ser humano é parte integrada de seu ambiente, podendo coexistir de maneira equilibrada com todos os seus componentes e fenômenos, mas ainda mantendo o desenvolvimento e progressão social (REIGOTA, 2007).

Esta categorização permite a compreensão a respeito do tipo de relação que os indivíduos de um determinado grupo estão estabelecendo com o meio ambiente, tornando-se um potencial norteador em uma avaliação ou diagnóstico socioambiental. Este tipo de classificação permite investigar e desenvolver propostas que sejam mais coerentes com o perfil observado, distanciando-se de abordagens generalistas, quando for necessário propor ou desenvolver algum projeto/plano de educação ambiental.

Neste sentido, a PA e a RS são dois diferentes fenômenos, que podem ser investigados e avaliados por variados instrumentos metodológicos, no intuito de compreender a inter-relação indivíduo-sociedade estabelecida com relação a uma temática. No caso de estudos socioambientais, por exemplo, é possível descobrir as RS que estão se sobressaindo, indicando

diferentes níveis e padrões da relação existente entre um grupo e o meio ambiente (REIGOTA, 2007).

Todavia, estudos de PA e RS podem ser aprofundados a partir de outros aspectos subjetivos, haja vista que inúmeros hábitos regidos e incentivados por antigas concepções da visão predominante são conjuntamente moldados e influenciados por motivações diversas, tornando-se necessário investigar e compreender quais são as necessidades que os indivíduos apresentam, as quais podem impactar diretamente em seu comprometimento com as questões socioambientais, visto que esse aspecto também moldará suas motivações (SAMPAIO, 2009).

O psicólogo Abraham Maslow (1970), sugere que tais motivações são determinantes diante da perspectiva do ser humano racional e emocional, pois o indivíduo se encontra sujeito a impulsos e desejos, de maneira a ser influenciado e conduzido por manifestações internas e externas de suas necessidades. Em sua teoria, Maslow também incorpora o preceito de que o indivíduo é um todo integrado e organizado, tanto capaz de realizar escolhas, como de criar e atribuir significados a sua realidade a partir de seus interesses, desejos e necessidades (SAMPAIO, 2009; MASSENA e MARINHO, 2011).

3.3. Teoria das necessidades de Maslow

A teoria das necessidades de Maslow, também conhecida como teoria das motivações, consolida-se em uma sequência de componentes que permeiam a identidade humana. Nessa teoria, constata-se que não se podem desconsiderar as necessidades e os desejos⁵ (e a diferença entre os dois) que o ser humano busca atender, além de se reconhecer a importância da relação entre o indivíduo, suas necessidades e motivações.

Lopes (1980), considera que a motivação é uma variável interna de cada indivíduo, que não pode ser apontada empiricamente, mas que pode ser averiguada a partir dos comportamentos.

Segundo Davis *et al.* (1992), cada indivíduo possui a tendência de se motivar conforme as condições culturais do ambiente em que está inserido, questão que pode ser expandida para o contexto histórico, social e político, todavia, compreendendo que um igual ambiente pode ser

⁵ Compreende-se que as necessidades humanas derivam de situações, contextos e/ou sensações em que o fator de privação se torna percebido ou impactante ao indivíduo, como no caso das cinco necessidades descritas nas próximas seções deste trabalho, enquanto os desejos refletem necessidade/motivações que são moldadas pela cultura e pela trajetória deste ser, tornando-se metas, objetivos e/ou demandas que influenciam na sua satisfação em quanto necessidade (MASLOW, 1970; KOTLER e ARMSTRONG, 2015).

capaz de influenciar de distintas maneiras, visto que a motivação em si não é passiva de observação e que cada indivíduo desenvolve a sua própria perspectiva.

Compreende-se que, na maioria de suas definições, a motivação consiste em um processo que parte de dentro para fora, onde ocorre a busca pela satisfação de uma necessidade ou um impulso para alcançar o desejado, também havendo a influência de oscilações motivacionais (MARRAS, 2000; CHIAVENTO, 2004).

Maslow (1970), apresenta um substancial foco nas questões das necessidades humanas, postulando uma potencial hierarquia, que é dividida em cinco partes, onde cada categoria tem a função de direcionar e identificar as possíveis motivações do ser humano, baseando-se no que é almejado e realizado por meio de suas necessidades. Cada estágio⁶ de necessidade visa enquadrar algum tipo de especificidade comportamental ou de propensão:

- Necessidades fisiológicas – correspondem a elementos básicos e intrínsecos ao instinto de sobrevivência, como fome, sede, descanso e reprodução (SAMPAIO, 2009).
- Necessidades de segurança – representam estabilidade, compreensão e controle sobre o ambiente em que se está inserido, como no caso de evitar ameaças inesperadas ou se sentir em um local confortável (SAMPAIO, 2009).
- Necessidades sociais/de associação – expressam compartilhamento de afeto e intimidade entre indivíduos e a ideia de relacionamentos (SAMPAIO, 2009).
- Necessidades de estima – demonstram a imagem que o indivíduo faz de si próprio, considerando seus desejos e motivações internas, mas junto à busca de reconhecimento ou atenção (SAMPAIO, 2009).
- Necessidades de autorrealização – contemplam o desenvolvimento pessoal, ambições, conquistas, junto à vontade de organizar, analisar e buscar relações e significados (SAMPAIO, 2009).

Esses elementos complementam-se com o entendimento de que o indivíduo se caracteriza como um ser integrado e organizado com base no todo, se referindo a incapacidade de designar a satisfação ou insatisfação do atendimento ou não de uma necessidade para uma única motivação, visto o elevado grau de complexidade humana, que não pode ser definido por partes, funções ou percepções unitárias (MASLOW, 1970). Cabe destacar que essas etapas são fundamentais no desenvolvimento saudável de uma criança e, portanto, neste período, os estágios de necessidades anteriores precisam ser necessariamente atendidos para se garantir um

⁶ Optou-se no presente trabalho pela expressão “estágio de necessidade” ao invés de “níveis de necessidade”, por se entender que a palavra estágio remete menos a uma hierarquização das necessidades humanas.

desenvolvimento pleno, de maneira a favorecer que este indivíduo atinja mais facilmente os estágios de autorrealização na vida adulta (VERÍSSIMO, 2017).

Contudo, ainda que as necessidades e as motivações decorrentes perdurem pela vida toda de um indivíduo, na vida adulta este processo se torna mais complexo e uma infinita gama de combinações de necessidades e motivações podem ocorrer, com predominância alternada dos diferentes estágios de necessidades. Um exemplo apresentado pelo próprio Maslow sobre esta questão é o caso em que, se um indivíduo venha sentir fome, por mais que a necessidade por comida, de maneira simplista, possa ser dita que está partindo do estômago, a motivação por comer não necessariamente provém desta única necessidade, visto que a mesma também poderia partir de uma necessidade de associação. Neste caso, o alimento também seria considerado um alívio para alguma frustração social ou demais motivos para socialização e, portanto, estaria em outro estágio de necessidade (MASLOW, 1970).

Percebe-se que usualmente ocorre uma valorização maior das necessidades consideradas como “básicas”, que envolveriam predisposições e direcionamentos considerados advindos das necessidades fisiológicas e as de segurança. Entretanto, Maslow ressalta que a adesão a essa perspectiva pode levar a uma ideia equivocada de que todas as motivações partiriam de uma ordem progressiva, com necessidades inferiores e superiores, divergindo de sua real conjuntura, onde existe uma grande variabilidade na atribuição de importância e interesse a cada tipo de necessidade (MASLOW, 1970).

Contudo, esta constatação não anula outro ponto que também é discutido por Maslow (1970), ou seja, que existe um maior potencial motivador, conforme o indivíduo siga satisfazendo necessidades mais elementares, para que, assim, consiga melhor desenvolver os demais estágios de necessidades, que não acarretam tantas implicações em seu instinto de sobrevivência.

Outra questão a ser levada em consideração é que a variabilidade das motivações e necessidades se associa com a questão dos desejos, que são de importante significância na vida cotidiana, geralmente envolvendo uma prospecção futura, cuja ambição pode se manifestar de maneira consciente ou inconsciente, refletindo uma alta variabilidade motivacional (MASLOW, 1970).

A cultura também é uma grande influenciadora de desejos e interesses, norteados as suas realizações, com base nas prioridades e modelos que são desenvolvidos, ocasionando uma tendência ou busca por alguns padrões específicos, inclusive acarretando semelhanças entre indivíduos que são submetidos a um mesmo contexto (MASLOW, 1970).

Entende-se, portanto, que o atendimento de uma necessidade também é impactado por múltiplas motivações, havendo grande influência por parte dos estados motivadores⁷, que interferem fundamentando-se em constituintes do estado emocional, físico ou psicológico de um indivíduo. Isso leva a uma contínua busca por satisfação, que transita por todos os estágios das necessidades, sem ordem determinada, mas de acordo com a organização individual de cada sujeito, inviabilizando a produção de listas ou padronizações acerca da temática e minimizando a ideia de uma hierarquia fixa. (MASLOW, 1970).

Aponta-se que o aprofundamento sobre os desejos, interesses e necessidades pode revelar os escopos das necessidades fundamentais, ao expressar o prospecto de sua verdadeira motivação, que atualmente se distancia do instinto animal e aproxima-se mais da cultura como elemento adaptativo e norteador de inclinações, ocorrendo também a influência do meio ambiente, que impacta fortemente em sua valorização e relação com o espaço (MASLOW, 1970).

Todavia, essas constantes influências e visões integradas apresentam um contraponto ou fator limitante, que Maslow discute como distanciamento ou negligência da compreensão integral, o que favorece um desconhecimento pessoal, mas que não necessariamente deve ser considerado negativo, haja vista a possibilidade de ser a conduta resolutiva em que esse indivíduo consiga lidar com suas eventuais necessidades (MASLOW, 1970).

Contornando esse aspecto, também existem as variâncias referentes ao comportamento não motivado, aquele no qual se manifestam repostas ou expressões involuntárias, que, quando maturadas, representam justamente o contrário. O comportamento não motivado, porém, não exclui o comportamento propositivo, que parte para o conhecimento aprofundado na resolução de problemas ou posicionamento consciente quanto à conduta, potencialmente adentrando no campo da autorrealização (MASLOW, 1970).

Entende-se que o conceito de motivação desenvolvido por Maslow e utilizado nesta pesquisa se reflete diretamente na associação com a existência de finalidades, objetivos, ou até incômodos, pois a privação ou pretensão possuem capacidade de mobilizar a atitude, ação ou comportamento.

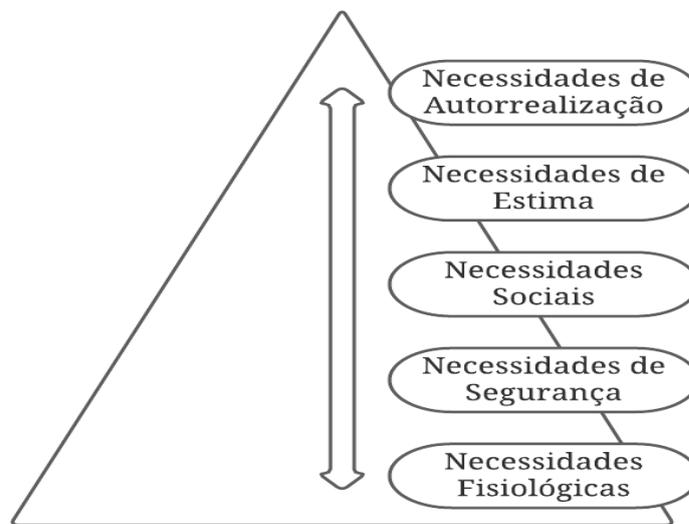
Compõe-se, assim, um crescente de intenções, em que o sentimento de possibilidade se manifesta como potencializador de ações e onde a influência da realidade molda e energiza o

⁷ Para Maslow (1970), os estados motivadores correspondem à premissa do quão raro ou pouco usual seja o fato de que o ato ou desejo provenham de um único motivo.

impulso para busca de interesses, mas que são controlados e adaptados por meio de aspectos sociais e de convívio (MASLOW, 1970).

Neste sentido, mesmo que os estágios de necessidades sejam frequentemente apresentados em esquema de pirâmide (Figura 2), deve-se destacar que isso não significa que as necessidades ascendam em alguma sequência ordenada, mas sim que estão presentes simultaneamente.

Figura 2 - Pirâmide das necessidades de Maslow



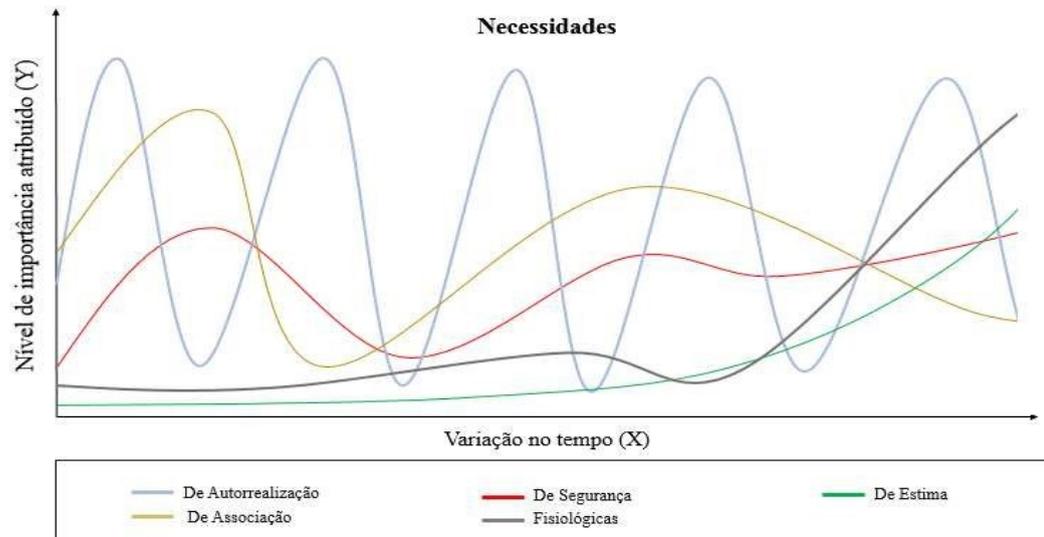
Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Maslow (1970).

Considera-se que a estrutura de pirâmide expressa apenas uma tendência conduzida pela noção de que o próprio organismo e indivíduo são capazes de se direcionar para o atendimento de uma necessidade. Dessa maneira, quando satisfeito, o indivíduo sente maior propensão a atender outra ou demais necessidades, não significando que esse crescimento ocorra de forma progressiva, posto que comumente as pessoas podem ficar estagnadas em determinados estágios e, consecutivamente, refletindo tanto sobre sua motivação quanto desmotivação (SILVA *et al.*, 2017).

Em vista desta projeção, a presente pesquisa considera e compreende que a investigação sobre alguma necessidade predominante ou ínfima de algum sujeito deve ser analisada por uma perspectiva mais fluída, interpretada como reflexo de um momento ou tendência. Em outras palavras, todas as necessidades podem ser observadas, mas refletem o nível de importância atribuída de acordo com o período e as circunstâncias em que o indivíduo se encontra em determinado momento.

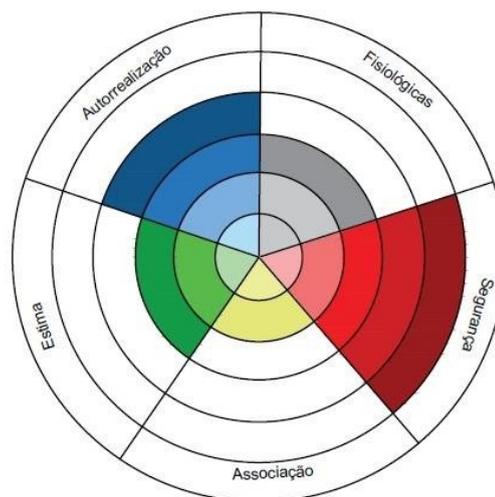
A Figura 3 propõe um gráfico meramente ilustrativo sobre as oscilações de necessidades⁸ durante um período tempo, configurando a sua variabilidade de possibilidades, enquanto a Figura 4 apresenta um recorte de um determinado momento e as suas necessidades predominantes ou minoritárias.

Figura 3 - Oscilações das necessidades



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 4 – Recorte hipotético das necessidades/motivações em um determinado momento



Fonte: Elaborado pela autora.

⁸ As oscilações das necessidades têm sua ideia expressada por meio da simbologia de um gráfico de ondas, que busca de refletir a variabilidade das necessidades e suas alterações de acordo com direcionamentos e influências do próprio indivíduo. Ilustração que foi sugerida e posteriormente amadurecida, conforme colaboração de Berni (2021).

Esta organização em diferentes estágios propõe que o ser humano possa se orientar pelas necessidades e que a privação de alguma delas pode afetar o comportamento ou compreensão do indivíduo de formas diferentes ao longo da vida. O nível de importância atribuído a uma determinada necessidade seguirá adequando-se à variabilidade do próprio ser, que organiza e distribui suas necessidades conforme elementos da sua própria trajetória e influências (SAMPAIO, 2009; MASSENA e MARINHO, 2011).

É importante destacar que não foi somente Maslow que se dedicou ao estudo das necessidades e motivações humanas, existindo outras teorias de autores que abordam esse tema, principalmente nas ramificações que consideram o ambiente de trabalho e perfil profissional. Esse é o caso da teoria das necessidades adquiridas de McClelland, que preconiza três grupos de necessidades: realização, poder e afiliação, defendendo um comportamento que envolve busca pelo sucesso, controle e bons relacionamentos, enquanto a teoria dos dois fatores de Herzberg, se divide em fatores de higiene (extrínsecos) e de motivação (intrínsecos), correspondendo respectivamente à insatisfação e satisfação (FERREIRA, 2006; MELLO JR, 2014).

Além disso, existem inúmeras teorias que se baseiam em Maslow, como a teoria ERC de Alderfer, que igualmente propõe um sistema hierárquico, que condensa os cinco conhecidos níveis em três: Existência (fisiológicas, segurança), Relacionamento (sociais, estima) e Crescimento (autorrealização), postulando que todos esses níveis atuam de maneira simultânea, e que a insatisfação com algum deles aumentará a importância atribuída às necessidades de baixo nível (MELLO JR, 2014).

Contudo, o entendimento das motivações humanas, assim como a teoria das necessidades de Maslow, revela-se um campo teórico de grande potencial exploratório, cuja aplicação em estudos socioambientais poderá permitir o desenvolvimento de um novo conhecimento acerca da relação do ser humano com o meio ambiente, desde suas motivações até suas reais condutas. Tal fundamentação teórica, quando relacionada com a PA e a RS previamente mencionadas, pode significar um potencial referencial teórico para se investigar conflitos entre discurso e prática com relação à responsabilidade socioambiental, de forma a oferecer subsídios teóricos para o desenvolvimento de projetos de educação ambiental mais efetivos (BRITO e DIAS, 2011).

Assim, a conjunção desses três aspectos é significativa para uma avaliação mais profunda do relacionamento humano com o meio ambiente, assim como os aspectos psicológicos suscetíveis à transformação e melhoria, com relação não somente ao discurso, mas também a atitudes socialmente e ambientalmente responsáveis. Deste modo, na sequência, o

tema “Necessidades” é aprofundado, de maneira a subsidiar a avaliação e interpretação dos resultados obtidos a partir da aplicação do motivograma psicoambiental e inventário como um todo.

3.4.Necessidades

3.4.1. Necessidades fisiológicas

As necessidades fisiológicas tratadas por Maslow (1970) inicialmente são apresentadas por meio de necessidades derivadas do próprio organismo (homeostase⁹), incluindo o desenvolvimento de certos apetites como maneira de atender às carências do corpo. Comumente, as necessidades fisiológicas são associadas à questão alimentar, entretanto, descanso, desejo sexual, atividade física, saúde e outros exemplos também entram nesta categoria, pois transpassam condições sensoriais do ser humano (MASLOW, 1970).

Aponta-se que as necessidades fisiológicas também podem ser canais para outros tipos de necessidades, mas, de maneira geral, ainda são consideradas como uma das mais potentes em um ser humano, principalmente no início do desenvolvimento do indivíduo ou em casos extremos, pois precedem uma questão de sobrevivência (MASLOW, 1970).

Considerando-se principalmente a situação de casos extremos, Maslow (1970) atribui uma peculiar contribuição, que afirma que o organismo dominado por algum tipo de necessidade, principalmente as fisiológicas, é capaz de ter sua perspectiva futura totalmente influenciada por esta demanda, normalmente limitando seus desejos e motivações para a garantia específica daquela necessidade, inclusive podendo negligenciar as outras.

Entretanto, também se observa que comumente a cultura¹⁰ consiste em uma mediadora ou ferramenta adaptativa que regula as necessidades fisiológicas, para que sejam cada vez menos emergentes, visto que a maioria das sociedades exemplifica a extrema pobreza e fome

⁹ O termo homeostase refere-se à regulação interna do corpo humano, sendo um fenômeno apontado em meados de 1800 pelo médico francês Claude Bernard, e retomado até por autores mais recentes, como Walter B. Cannon, que propôs uma lista de variáveis, que seriam controladas pelo fenômeno homeostático, inclusive classificando-as entre fatores ambientais que afetam a célula (pH, temperatura, ...) e as substâncias para as necessidades na célula (nutrientes, água, cálcio, sódio, ...) (SILVERTHORN, 2017).

¹⁰ Por outro lado, segundo Bauman (2013, p. 20) “a cultura nos dias de hoje também se assemelha a uma das seções de um mundo moldado como uma gigantesca loja de departamento em que vivem, acima de tudo, pessoas transformadas em consumidores”. Portanto, criam-se necessidades, antes inexistentes ou imaginárias, que podem levar indivíduos e grupos sociais a não priorizarem as questões ambientais, por exemplo.

como casos negativos a serem evitados para qualquer ser humano, o que incluiria o combate às desigualdades sociais extremas (MASLOW, 1970).

Todavia, constata-se que muitas dessas situações ainda ocorrem e que indivíduos com questões “básicas” inadequadas ou inexistentes possuem suas motivações impactadas e desequilibradas, dificultando o desenvolvimento de outros estágios de necessidades (MASLOW, 1970).

3.4.2. Necessidades de segurança

As necessidades de segurança encontram-se associadas a questões de estabilidade, proteção, ordem, estrutura, organização, segurança física, mental, financeira, emocional e assim por diante, visando sempre livrar o indivíduo de possíveis ameaças e mantê-lo em segurança. Isso faz com que, muitas vezes, o desconhecido, novas tarefas, objetos, pessoas ou até conhecimentos diferentes acarretem impactos na motivação do indivíduo, pois entende-se que ele buscará manter sua segurança e/ou estabilidade, minimizando a exposição ao que se possa considerar como um risco (MASLOW, 1970).

Este tipo de necessidade pode influenciar desde qual carreira escolher, a escolha pela aquisição ou não de um bem ou serviço ou até uma maneira de se portar coletivamente. Costuma se tratar de uma categoria em que indivíduos marginalizados, oprimidos ou sujeitos a algum tipo de preconceito ou intempérie são os mais impactados, pois acentua a sua questão de instabilidade (MASLOW, 1970).

Entende-se que este estágio de necessidade é bem representativo no contexto social e que, em casos de ameaças à lei, ordem e até organização societária, é comum que os indivíduos regressem de necessidades posteriores para que se sintam protegidos (MASLOW, 1970). Isso explicaria, por exemplo, como retrocessos em direitos humanos podem ser aceitos por um determinado grupo social em uma situação na qual a necessidade de segurança esteja predominando.

Atualmente, também se compreende que a segurança financeira, bem como a estabilidade empregatícia, são significativos elementos dentro desta categoria, principalmente ao considerar a contínua aplicação de investigações motivacionais direcionadas ao ambiente empresarial ou de trabalho.

Outro aspecto recorrente desta categoria é a religião ou filosofia de vida, pois fornece ao ser humano algum tipo de suporte ou coerência satisfatória em que possa se apoiar, sendo que até mesmo a ciência pode ser observada por este tipo de perspectiva. Demonstra-se, assim,

que a necessidade de segurança pode facilmente ser acentuada ou estar associada a outro tipo de motivação, novamente condizendo com o conceito de estados motivadores (MASLOW, 1970).

3.4.3. Necessidade sociais/de associação

As necessidades sociais envolvem elementos como amor, afeto, presença e outros, focando-se muito nas relações em que o indivíduo quer e é capaz de desenvolver com o próximo, havendo um grande espaço para o desejo de pertencimento, assim como motivações para fazer parte de um grupo ou comunidade (MASLOW, 1970).

Este campo não foi tão intensamente desenvolvido por Maslow, mas atualmente destaca-se sua relevância ao tratar de grupos sociais e como eles direcionam e motivam decisões que vão ser compartilhadas em sociedade, por meio dos vínculos de amizade, trabalho, afeto e até mesmo redes sociais ou midiáticas (CUNHA, 2015).

Aponta-se que um dos primeiros núcleos a que um indivíduo é exposto normalmente é a família, sendo ela responsável pelos primeiros modelos, estabelecimento de necessidades e hábitos de consumo. Todavia, ocorrem alterações em inúmeros comportamentos e condutas, conforme o desenvolvimento de novas relações e o surgimento de novas motivações, associadas a essas necessidades sociais (CUNHA, 2015). De acordo com a perspectiva desenvolvida por Cunha (2015), a aceitação encontra-se amplamente associada aos hábitos de consumo, assim como a influência cultural do meio em que o indivíduo se encontra inserido.

Há um significativo espaço para discussões sobre este estágio de necessidade, visto que se trata de um elemento muito peculiar, com grande variabilidade de caso para caso, assim como forte suscetibilidade de interações externas.

3.4.4. Necessidades de estima

As necessidades de estima podem ser divididas em dois segmentos: as necessidades que se direcionam pelo respeito próprio, autoestima e estima dos outros, e as que seguem pelas necessidades de prestígio, reconhecimento, *status* e reputação. Ambos os tipos visam à satisfação da autoconfiança, valorização, sentimento de força (estímulo), adequação, reconhecimento, virtude, decoro e variada outras questões que permeiem o íntimo do sujeito. Pontua-se que essas mesmas necessidades, quando frustradas, comumente originam sentimentos de decepção, desânimo ou até desmotivação, impactando consideravelmente as

atitudes, ações e comportamentos que um indivíduo possa assumir ou desempenhar, perante a relevância ou nível de importância atribuído a este estágio (MASLOW, 1970).

3.4.5. Necessidades de autorrealização

As necessidades de autorrealização referem-se a um nível elevado de autoconhecimento, cujas necessidades transformam-se de acordo com cada pessoa, pois compreende-se que elas devem ser coerentes com a essência de cada indivíduo, sendo importante ressaltar que este estágio de necessidade permite que o sujeito interprete mais profundamente suas outras necessidades, bem como que evite algumas dependências (MASLOW, 1970).

Esta categoria é capaz de conceber questões individuais e coletivas, prezando por uma conduta mais harmônica, explorando tanto o potencial humano, quanto sua capacidade de se relacionar com outros seres e ambientes, bem como sua capacidade de exercer criatividade ou se comprometer com causas, tais como a causa ambiental e o comprometimento socioambiental (MASLOW, 1970).

Segundo Maslow (1970), Feist J., Feist G. e Roberts (2008), existem alguns critérios e posicionamentos, capazes de refletir e avaliar indivíduos no estágio de autorrealização, sendo eles:

- Ser livre de psicopatologias;
- Percorrer de forma mais independente os estágios de necessidades;
- Valorizar questões do ser, como verdade, integridade, alegria, beleza, justiça, vontade e outros;
- Usar e explorar talentos pessoais;
- Perceber de forma eficiente a realidade;
- Aceitar a si, aos outros e à natureza;
- Apreciar o novo ou diferente;
- Espontaneidade e simplicidade;
- Resolutiva quanto a problemas;
- Entendimento e valorização da privacidade;
- Autonomia;
- Experiência cumulativa;
- Relacionamentos interpessoais saudáveis e profundos;
- Estrutura e caráter democrático;

- Compreensão entre meios e fins;
- Senso de humor crítico e filosófico;
- Criatividade;
- Resiliência.

Totalizando uma sequência de características, o ser humano se torna amplamente responsável por suas condutas, decisões e potencialidades, de maneira que a autorrealização é definida por Ramos (1980, p.60) como:

A autorrealização é uma necessidade existencial porque o homem só pode existir como pessoa atualizando suas potencialidades. A pessoa é existente ou ser potencial, cujo objetivo mais profundo é realizar suas potencialidades. Este objetivo se concretiza, especificamente, num estilo de vida consciente e livremente preferido, dentro do quadro de possibilidades internas e externas de cada um. Mas todo esse processo, por incluir escolhas livres, efetua-se com tensões, conflitos, renúncias e sofrimentos.

O estilo de vida consciente é um dos elementos mais correlacionados com os requisitos da responsabilidade socioambiental, justamente por um senso de realização, que não é tão abalável ou influenciado por necessidades mais flexíveis, visto que um indivíduo autorrealizado, normalmente se sentirá mais confortável e estável ao lidar com suas próprias motivações e variabilidades internas (RAMOS, 1980). A consciência¹¹ permite que indivíduos desenvolvam firmeza na hora de tomar suas decisões e de se responsabilizar por elas. A autorrealização é um estágio de mais difícil alcance, ao depender das escolhas e pensamentos dos indivíduos, no qual o indivíduo será circundado pelas próprias percepções de si e do coletivo, mas também pelas condições ambientais e sociais (RAMOS,1980).

3.5.A Teoria de Maslow e o meio ambiente

Na avaliação do binômio indivíduos-sociedade, é raro na atualidade encontrarmos posicionamentos neutros ou ignorância total com relação à existência da discussão sobre as questões socioambientais, pois o cenário é de grande crise e a discussão está colocada na sociedade, alcançando a todos de uma forma geral. Contudo, é comum se constatar uma dicotomia com relação a atitudes, ações e comportamentos. As atitudes podem ser consideradas

¹¹ O termo consciência é um termo polissêmico, todavia a presente pesquisa provém do entendimento de que a tomada de consciência sobre os próprios atos e estados consiste na transmissão de reflexos, coerentes e condizentes a cada momento, ou seja, uma interpretação capaz de exprimir e manifestar emoções, sensações e até comportamentos, os quais expressem a interação do indivíduo externa e internamente (TOASSA, 2006).

como uma preparação mental do indivíduo e, segundo Thomas e Znaniecki (1915, *apud* MENDES, 2009, p.18), se trata de “um processo de consciência individual que determina atividades reais ou possíveis do indivíduo no mundo social”, demonstrando a predisposição ou não de um sujeito a responder a uma determinada situação. Esse mesmo termo também foi apontado como uma resposta consciente sobre alguma circunstância ou objeto (MENDES, 2009). Nesse sentido, as atitudes correspondem aos discursos e supostos posicionamentos do indivíduo que se expressa sobre alguma questão, como por exemplo, o meio ambiente.

Já em relação à ação e ao comportamento, encontram-se tanto autores que diferenciam a ação do comportamento, quanto aqueles que aproximam conceitualmente os dois termos. Por exemplo, Olsson *et al.* (2019) discutem em seu trabalho que uma ação difere de um "mero" comportamento por ser voluntária e por ter como objetivo promover transformações ou resolver um conflito ou divergência. Portanto, uma ação difere de um comportamento por ser uma escolha mais consciente do indivíduo. Já para Fishbein e Ajzen (1975, *apud* LACERDA, 2007), ação e comportamento seriam sinônimos, sendo o comportamento uma intenção comportamental, que se encontra adaptada pelas variáveis exteriores e interiores, em que o indivíduo se encontra sujeito. De qualquer forma, há um certo consenso de que é necessário se estudar a intenção comportamental, pois esta encontra-se mais próxima das atitudes do que do comportamento em si, ou seja, investigações que considerem esses dois elementos (atitudes e comportamentos) apresentam maiores condições investigativas para que se contraponha incoerências ou inconsciências entre discurso e ação. Entre outros autores que também consideram a ação como um ato intencional direcionado pelas razões ou motivações do ser, destacam-se Moutinho e Roazzi (2010), Lacerda (2007) e Dutra (2006).

A despeito dessa diversidade de reflexões entorno dos termos *atitudes, ação e comportamento*, é inegável que existem tanto indivíduos quanto sociedades que se mobilizam em prol do meio ambiente, defendendo sua conservação e preservação, por entenderem que estamos chegando a um limite que, se ultrapassado, pode ser desastroso. No entanto, também há outros, que, apesar dos inúmeros alertas, tendem a uma atitude negacionista, a qual é agravada pela nossa relação com o consumo na sociedade atual, existindo, uma grande pressão econômica e social para que sejamos consumidores, por meio de técnicas subliminares para que nosso consumo se torne tanto um desejo quanto uma necessidade (BAUMAN, 2013; CUNHA, 2015).

O consumo tornou-se um referencial ou ideal na sociedade do consumo, podendo impactar toda a dinâmica das necessidades humanas, pois as motivações se tornam menos claras

ou até mesmo disfuncionais¹², principalmente quando se observa que existem casos em que indivíduos abdicam de alimentação básica para comprar um celular novo, só por se tratar de um lançamento. Possivelmente, essa compra vai atender alguma outra motivação, por meio de uma necessidade de estima ou social (PORTILHO, 2005; CUNHA, 2015). Todavia, também se interpreta que essa postura desconsidera totalmente uma questão de responsabilidade socioambiental, levando por vezes até mesmo a um desengajamento moral (BANDURA, 2007), o que pode ser limitante na transição ao longo do estágio de necessidades, dificultando o desenvolvimento pleno que é alcançado no estágio de autorrealização.

Neste contexto, frente à complexificação dessa realidade, faz-se necessário aprofundar o nosso entendimento a respeito da nossa relação com o meio ambiente, integrando às perspectivas da PA e da RS estudos que tratem de outras dimensões do ser humano, como é o caso do estudo das necessidades e motivações. A hipótese adotada no presente trabalho é a de que um vínculo mais forte e duradouro entre o ser humano e o meio ambiente surge quando o indivíduo alcança o estágio de autorrealização, mas que por sua vez com o uso do diagnóstico das necessidades torna-se possível alcançar um refinamento dos métodos de educação ambiental para que se comuniquem eficientemente com as pessoas naquelas necessidades que se destacam para próprias, quaisquer que sejam elas, e não que, por manifestarem mais esta ou aquela necessidade, as pessoas estejam propensas a pensar mais ou menos em meio ambiente.

Como no caso de uma situação no qual, pescadores aprendessem sobre a importância do respeito ao período de defeso para manter a produção pesqueira e assim garantir a sua necessidade fisiológica de obtenção de alimento. Tratando-se de um vínculo forte e duradouro construído sobre uma necessidade que poderia ser considerada anterior, ou básica e não depende de autorrealização para se aprimorar, que comumente se manifesta apenas quando os outros estágios já foram minimamente atendidos.

O que poderia explicar a dicotomia existente e a dificuldade de a temática socioambiental ganhar relevância para alguns indivíduos e sociedades, bem como evidenciar a importância de os projetos de educação ambiental contemplarem em suas propostas os estágios anteriores, fazendo com que a valorização do meio ambiente comece a aparecer em estágios mais prementes de necessidade, como, por exemplo, no estágio da segurança, no qual o

¹²O sentido atribuído à palavra disfuncional, neste contexto, refere-se à influência do consumo desenfreado, junto aos elementos de marketing e publicidade, que atuam com técnicas de persuasão psicológica, bem como por estímulos em ampla escala, refletindo em impactos e alterações sobre as percepções/considerações de necessidades ou motivações (CUNHA, 2015).

indivíduo teria uma percepção de risco mais próxima do perigo real em relação às mudanças climáticas.

Vernalha (2017) esquematizou o que seria uma inter-relação ideal entre seres humanos e meio ambiente levando em consideração as necessidades humanas (Figura 5).

Figura 5 - Estágios da valorização do meio ambiente a partir das necessidades humanas (adaptado de Vernalha, 2017)



Fonte: Elaborado pela autora.

A questão socioambiental como valor intrínseco¹³ foi colocada na necessidade de autorrealização por se entender que é nesta etapa que o indivíduo tem mais propensão para se dedicar às causas de interesse coletivo de forma mais contínua e independente de fatores externos. Segundo Maslow (1970), nesta etapa, os valores B (de Ser) podem surgir com mais frequência e intensidade: cosmoética, valorização da verdade e do que é correto em detrimento de vantagens pessoais, bondade, beleza, integridade, justiça, simplicidade, singularidade, alegria, dentre outros. Portanto, os indivíduos serão mais comprometidos com ações comunitárias, assim como esclarecidos sobre seus posicionamentos e motivações para desempenhar suas tomadas de decisões e condutas. Desta maneira, reaproxima-se também a noção de felicidade e bem-estar do próprio ser humano a uma questão mais altruísta e menos utilitarista ou consumista. Segundo Maslow (1970), é neste estágio também que o indivíduo

¹³ O conceito de valor intrínseco adotado no presente trabalho é o de Dworkin (1998), que reconhece o caráter sagrado ou inviolável da vida. Nesta concepção, ao não respeitarmos o caráter sagrado da vida humana, dos animais e do meio ambiente é, segundo o autor, intrinsecamente mau.

consegue administrar melhor o não atendimento de algumas necessidades, sem grandes comprometimentos emocionais. Neste sentido, o ser humano conseguiria, por exemplo, ter uma predisposição maior para o coletivo em detrimento de necessidades individuais, questão fundamental na resolução da problemática socioambiental.

Todavia, conforme destacado na Figura 5, isso não significa dizer que impulsos de preservação/conservação ambiental não apareçam em outros estágios de necessidade, surgindo, por exemplo, na necessidade de estima ou mesmo no estágio social (isso poderia explicar a aderência de indivíduos, particularmente jovens, aos movimentos de ativismo ambiental). Ainda que o ideal seja que a questão socioambiental tenha um valor intrínseco, deslocar a tendência preservacionista/conservacionista para outros estágios também pode ser o primeiro passo para uma sensibilização mais efetiva em relação aos impactos socioambientais decorrentes do nosso modelo de desenvolvimento.

Contudo, para que esta dimensão possa ser levada em consideração em projetos de educação ambiental, é necessário também um instrumento de diagnóstico inicial de qual necessidade estaria predominando em um determinado grupo¹⁴, que, junto à avaliação da PA e RS, poderia contribuir para a elaboração de projetos com maior potencialidade de sensibilização efetiva.

É neste sentido que o presente trabalho objetivou contribuir, ou seja, com a elaboração do motivograma psicoambiental, o qual consistiu na adaptação para a área socioambiental de um teste criado a partir da teoria das necessidades de Maslow, que detecta a prioridade atribuída a cada necessidade, destacando-se, no entanto, que esse reflexo de importância não significa a ausência ou eliminação das demais, mas condiz com uma tendência organizacional do próprio indivíduo durante o momento de aplicação (RÉGIS, 2007).

O motivograma psicoambiental constitui, portanto, um instrumento metodológico previamente consolidado cuja estrutura foi aproveitada por se entender que ele já continha uma distribuição equilibrada das necessidades, como poderá ser constatado na seção de metodologia.

¹⁴ Cabe destacar o alerta que o próprio Maslow (1970) faz com relação ao fato de que as necessidades e motivações podem mudar; portanto, este diagnóstico inicial valeria somente para um determinado período de tempo, ainda que autores, como Ugulu (2015), reflitam em seu trabalho que atitudes, valores e crenças são características de cada indivíduo e, uma vez estabelecidos, parecem ser relativamente estáveis. O mesmo acontece no caso das RS com relação ao Meio Ambiente, pois o núcleo da representação é mais estável (SÁ, 1996). Outro destaque importante é que, mediante todos esses estágios e oscilações motivacionais, o próprio discurso também consiste em uma significativa questão a ser averiguada, pois, assim como as motivações, o discurso não necessariamente reflete a verdadeira ação ou comportamento, tornando-se importante especular e validar de acordo com a prática (CUNHA, 2015).

4. OBJETIVOS

4.1. Objetivo geral

Este trabalho objetivou adaptar e validar um instrumento de pesquisa a partir da teoria das necessidades de Maslow para a avaliação das motivações presentes em atitudes em prol ou não do meio ambiente.

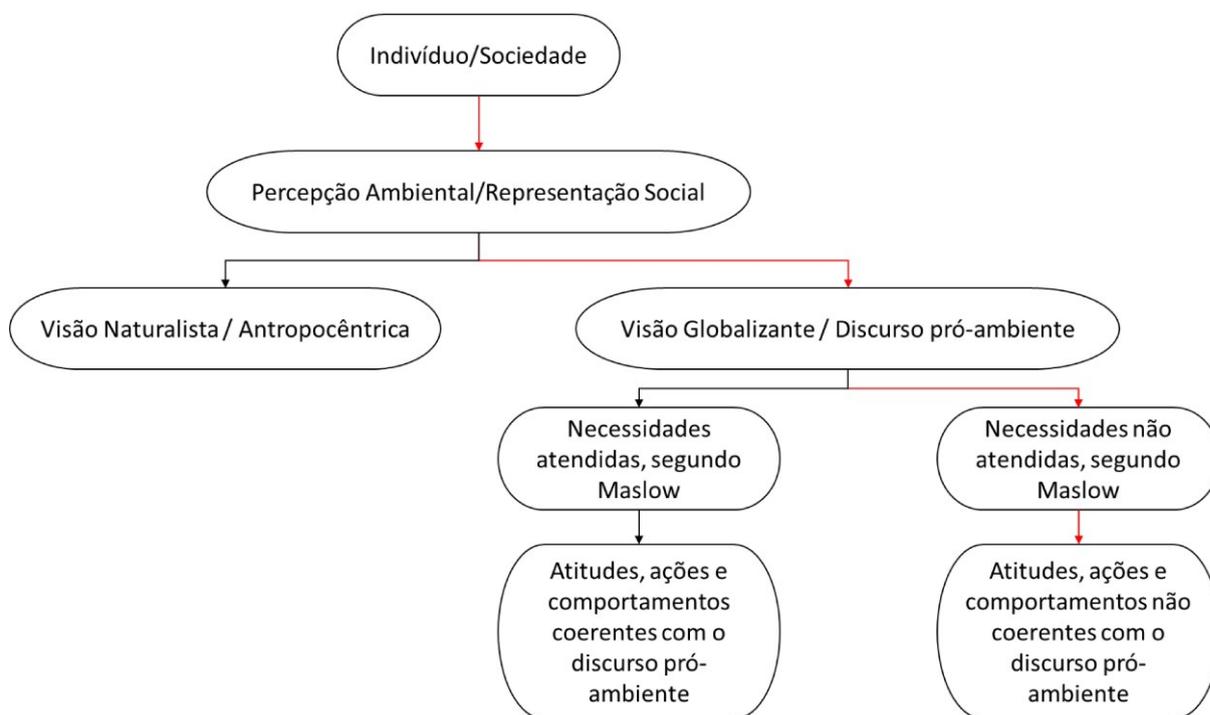
4.2. Objetivos específicos

- Adaptar um teste para avaliação das motivações baseado na teoria das necessidades de Maslow, incluindo questões de PA, RS e hábitos de consumo, com o objetivo de averiguar a efetividade do teste para utilização em projetos de educação ambiental.
- Testar e avaliar a aplicabilidade do motivograma psicoambiental do ponto de vista estatístico.
- Verificar, comparar e analisar aspectos entre o discurso e a atitude do grupo de participantes com relação a posicionamentos referentes à questão socioambiental.

4.3. Pressuposto inicial

O estudo partiu do seguinte pressuposto inicial: que indivíduos com uma percepção/representação ambiental menos ingênua ou utilitarista, bem como um discurso pró ambiente, deveriam, a princípio, apresentar maior predisposição a uma relação menos antropocêntrica com o meio ambiente, contemplando uma maior responsabilidade socioambiental. Contudo, as atitudes, ações e comportamentos poderão se mostrar contraditórios em relação ao discurso pró ambiente, caso necessidades humanas básicas teorizadas por Maslow não estejam sendo atendidas (Figura 6).

Figura 6 - Representação esquemática do pressuposto inicial, no qual a hipótese geral estabelecida segue a orientação das flechas vermelhas



Fonte: Elaborado pela autora.

5. PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa teve caráter empírico exploratório, de base qualitativa e quantitativa, utilizando-se da estratégia de triangulação concomitante, para que o pesquisador colete simultaneamente os dados quantitativos e qualitativos e depois estabeleça comparações entre a existência ou não de convergências sobre algum fenômeno, visando a complementar e/ou ampliar a perspectiva sobre alguma circunstância, que, no caso específico, seria aprofundar a compreensão de como os indivíduos estabelecem a sua relação com o meio ambiente (CRESWELL, 2010).

Conforme Freitas e Jabbour (2011), a utilização simultânea dessas abordagens permite reunir e maximizar as informações, já que a abordagem quantitativa é responsável pela identificação geral da situação, expressando e mensurando opiniões, hábitos, reações e atitudes do grupo amostral e, assim, fornece material e dados para interpretação dos fenômenos associados a esse estudo de caso, enquanto a abordagem qualitativa, que necessita de certo nível de abstração, é capaz de evidenciar aspectos da complexidade humana e as suas conexões por meio da atribuição de significados e interpretação dos dados apresentados.

A adoção de diferentes estratégias (qualitativa e quantitativa) visa à identificação de um fenômeno em comum, sendo essa combinação capaz de gerar um apontamento ou solução para a demanda apresentada (SANTOS *et al.*, 2017). Quanto à atribuição de pesos referentes a esta pesquisa, procedeu-se de maneira igualmente proporcional para ambos os tipos de dados, havendo a concepção que eles se apoiam mutuamente, principalmente quando fundidos no banco de dados (SANTOS *et al.*, 2017).

Dentro dessa perspectiva, a combinação destes dados visou a gerar informações complexas e complementares, cuja análise resultasse na identificação de convergências e/ou divergências entre as atitudes, ações, comportamentos, motivações e discursos em relação à questão ambiental. A pesquisa teve como embasamento teórico os referenciais da corrente da psicologia humanística a partir dos estudos de Maslow (1970 e 1998), de forma a construir e averiguar um conhecimento que ampliasse o entendimento acerca dos fenômenos psicológicos associados às atividades, escolhas e padrões sociais que explicitem a forma como o indivíduo e a sociedade contemporânea se relacionam com o meio ambiente.

A pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética, conforme CAAE - 16643219.4.0000.5505, parecer - 3.557.711 e projeto CEP/UNIFESP - 0777/2019. Em virtude do seu caráter investigativo, que envolve o contato e mediação humana, o estudo foi realizado por meio de um questionário estruturado, instrumento que favorece o alcance de um maior

número de participantes, possibilitando o anonimato e reduzindo a exposição do pesquisador às influências ou opiniões por parte dos entrevistados (CHAER; DINIZ; RIBEIRO, 2011).

5.1. Caracterização do grupo participante e amostragem

A delimitação do grupo amostral iniciou-se no ano de 2020, antes do cenário de pandemia da Covid-19, com um pressuposto preliminar acerca da diferença entre o discurso e a atitude de um indivíduo perante a questão ambiental, justamente direcionando-se para participantes que já possuíssem algum nível de instrução formal acerca do meio ambiente e das questões socioambientais, como no caso dos estudantes de graduação de Ciências Ambientais e Ciências Biológicas da Universidade Federal de São Paulo, campus Diadema, tratando-se de dois diferentes cursos que dispõem de um elevado número de disciplinas relacionadas a esta temática em suas grades curriculares.

Destaca-se que esta seleção partia do entendimento que isso favoreceria, de uma forma geral, encontrar mais indivíduos com visão globalizante e discurso pró-ambiente, de modo a verificar e validar o teste motivograma psicoambiental a partir das comparações entre as escolhas de repostas em situações de decisão, hábitos e as suas RS de meio ambiente. Portanto, partiu-se do entendimento que os indivíduos de ambos os cursos tenderiam a refletir atitudes mais socioambientalmente responsáveis e, quando não refletissem, avaliou-se se essa discrepância entre o discurso e a prática poderia estar associada às necessidades não atendidas.

Posteriormente a esta delimitação, ocorreu a realização de um pré-teste presencial com um reduzido grupo de alunos de ambos os cursos, assim verificando a aplicabilidade desta ferramenta e a aderência dos participantes, visando a uma futura aplicação em maior escala. Entretanto, mediante o cenário atípico de 2020, cuja pandemia resultou no isolamento e impossibilidade de encontros presenciais, inviabilizou-se a aplicação conforme o modelo testado.

Deste modo, optou-se por uma ampliação do grupo amostral, conjuntamente a uma alteração no procedimento de coleta, convertendo a pesquisa de uma aplicação presencial para uma aplicação virtual, possibilitando a participação de indivíduos de qualquer curso e/ou instituição, desde que estivessem cursando ou já tivessem concluído o ensino superior.

Em vista desta circunstância, o pré-teste também foi refeito, agora para o formato digital, sendo aplicado para 20 indivíduos. A partir das considerações apontadas, houve redução do número de questões e reorganização da estrutura do questionário, tratando-se de adaptações que

facilitaram o alinhamento do instrumento para a plataforma de pesquisa online “Survio”¹⁵, que foi selecionado com base na sua interface intuitiva, variedade nos modelos de questões e capacidade de armazenamento e coleta de dados, visando alcançar o número de participantes pretendido. Somente após este segundo pré-teste e as observações feitas durante a qualificação é que se iniciou uma ampla divulgação em plataformas midiáticas para fins da coleta de dados.

O tamanho amostral baseou-se no conceito Hill & Hill (2012), que se encontra estimado por meio das “Regras do Polegar” (*Rules of Thumb*) para análises simples¹⁶, ou seja, o pesquisador testa a hipótese nula com nível de significância de 5% ($\alpha = 0,05$) e aplica nos resultados obtidos o teste t de Student, a análise de variância simples e o coeficiente de correlação paramétrica (do tipo Pearson).

Neste sentido, objetivou-se conseguir no mínimo 130 a 150 participantes, que, posteriormente à coleta de dados e à tabulação de informações, foram agrupados por área do conhecimento. Esta mudança se fez necessária, visto que o acesso a estudantes relacionados com a temática ambiental ficou comprometido pela inviabilização de encontros e aplicações presenciais na universidade, dependendo totalmente da participação virtual e voluntária daqueles que tivessem acesso ao questionário e se enquadrassem na categoria de formados ou em formação.

O método de amostragem adotado foi o não probabilístico, que é comumente utilizado em pesquisas exploratórias, bem como no presente caso, que se trata da validação e adequação de um questionário estruturado. Este tipo de abordagem incita um viés amostral, inferindo diretamente na representatividade da amostra, tal como abordagem empregada, a por conveniência, que é frequentemente utilizada para geração de ideias e hipóteses, como também associada a pesquisas de participação voluntária (FREITAG, 2018; MAROTTI *et al.*, 2008). Este tipo de pesquisa também traz critérios de inclusão e exclusão, sendo eles norteados pelo próprio pesquisador, tais como os níveis de escolaridade e a propensão por núcleos estudantis ou de formação acadêmica, fomentando critérios para participação e desenvolvimento de uma pesquisa, cujo impacto seja relevante para uma demanda específica, mas que posteriormente possa ser expandida para outros ramos de investigação (MAROTTI *et al.*, 2008).

¹⁵ Link para a plataforma virtual: <https://www.survio.com/survey/d/W4U8H3H3U7W6F2S7W>

¹⁶ É um guia, ou seja, uma regra de aproximação baseada nas experiências de muitos investigadores e tem por objetivo estimar o tamanho mínimo da amostra para que seja possível efetuar uma análise estatística adequada dos dados.

Participaram do presente estudo 152 indivíduos, todavia, em decorrência de inconsistências no preenchimento ou erros durante a execução do questionário, apenas 134 casos foram validados para esta amostragem. O quadro 1 expressa características sociodemográficas do grupo amostral, tais como gênero, idade, renda e nível de escolaridade, incluindo informações sobre o contato com a temática ambiental ou educação ambiental durante o período escolar.

Quadro 1 – Informações de ensino (básico e superior) e dados de interesse (n=134)

Gênero					
Feminino 54%			Masculino 46%		
Idade					
18-22 14%	23-27 51%	28-32 12%	33-42 6%	43-52 6%	53-67 11%
Ensino básico					
Integralmente em escola pública 27%		Integralmente em escola particular 44%		Escola pública e particular 29%	
Houve educação ambiental ou contato com a temática ambiental durante este período?					
Sim 55%			Não 45%		
Despertou seu interesse pela temática?					
Sim 48%			Não 52%		
Ensino superior					
Graduação incompleta 39%		Graduação completa 29%		Pós-graduação 32%	
Áreas do conhecimento					
Engenharias 10%	Ciências Exatas, Agrárias e da Terra 12%	Ciências da Saúde 12%	Ciências Biológicas 14%	Ciências Sociais, Humanas, Linguística, Letras e Artes 26%	Interdisciplinar* 26%
Fonte de renda					
Familiar ou terceiros 71%		Renda própria 21%		Renda própria (Bolsa estudantil) 8%	
Valor da renda financeira (Salário mínimo)					
(1 ou menos) 9%	(1 a 2) 11%	(2 a 3) 20%	(3 a 4) 15%	(4 a 5) 14%	(5 ou mais) 31%
Já considerou atuar na área ambiental?					
Sim 75%			Não 25%		
Se sente responsável pelo meio ambiente?					
Sim 95%			Não 5%		

*(Majoritariamente Ciências Ambientais)

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme previamente proposto nesta pesquisa, objetivou-se identificar o curso de graduação de cada indivíduo e, posteriormente, classificá-lo em uma área do conhecimento, sendo esta classificação norteadada pela tabela de área de conhecimento da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes (CAPES, 2020).

Adotou-se uma delimitação de cursos de maneira abrangente, com base em suas afinidades, objetivos e recursos instrumentais, fornecendo uma organização sistemática, que, caso necessário, posteriormente convergisse para uma classificação mais específica, sendo que o principal objetivo desta classificação seria verificar se ao longo dos resultados haveria alguma tendência ou influência de áreas que possuíssem maior contato com a temática ambiental, ou não (CAPES, 2020).

A questão sobre a fonte de renda e o seu valor foi direcionada ao período em que esses participantes estavam em pleno desenvolvimento acadêmico, ou seja, cursando a graduação, pergunta que evidenciou uma forte relevância do apoio monetário familiar ou de terceiros ao ingresso neste grau de formação.

5.2. Instrumento de pesquisa

A construção do presente instrumento metodológico, também nomeado como motivograma psicoambiental, contemplou as seguintes etapas: revisão bibliográfica, formulação do problema, definição de objetivos, identificação de variáveis e indicadores, avaliação por juízes¹⁷ (APÊNDICE A), definição do público-alvo (adultos e jovens), pré-teste 1 (aplicação presencial), pré-teste 2 (aplicação virtual) e qualificação.

Ressalta-se que a avaliação por juízes, foi realizada por dois diferentes perfis de profissionais, sendo uma psicóloga e uma historiadora da ciência, assegurando uma significativa concordância de ambas considerações, acerca da validação do inventário do perfil psicoambiental.

O instrumento utilizado se trata de um questionário estruturado, cuja técnica de investigação foi composta por questões abertas e fechadas. As questões abertas são livres para que os participantes respondam com suas próprias palavras, proporcionando um espaço de escrita em que não há influência de repostas pré-estabelecidas pelo pesquisador, diferentemente

¹⁷ A avaliação por “juiz” é uma prática comum e reconhecida no campo da psicologia, na qual, logo na primeira fase, o instrumento de coleta de dados é primeiramente avaliado por indivíduos sem ligação com o estudo, buscando-se avaliar o nível de concordância e compreensão em relação ao instrumento.

das questões fechadas, que são conduzidas de acordo com o foco da investigação (CHAER; DINIZ; RIBEIRO, 2011).

O motivograma original (ANEXO I), foi desenvolvido com base na teoria das necessidades de Maslow, todavia sua formação apresenta significativas contribuições de diversos autores voltados ao ambiente de trabalho, sendo comumente utilizado em estudos na área de gestão de pessoas e motivação no trabalho e agora adaptado para a temática socioambiental (HESKETH & COSTA, 1980; BRUNO, 1997; ANDRADE, 2006; MENDES *et. al.*, 2013). Este instrumento visa reconhecer os estágios de motivações e necessidades dos participantes, possibilitando identificar estímulos que os movam ao longo de suas possibilidades, tal como a própria avaliação de suas ações e elucidações (PEREIRA, 2005).

A estrutura original foi mantida, havendo uma composição de 30 questões, com duas alternativas classificáveis para cada uma, às quais devem ser atribuídos os valores (zero, um, dois ou três) em cada opção, ocasionando uma somatória que sempre resulte em três, ou seja, os resultados validos são 0 e 3, 1 e 2, 2 e 1 ou 3 e 0 (SOARES, 2015). No instrumento, as necessidades investigadas são representadas pelas seguintes letras:

- V=Necessidades fisiológicas;
- W=Necessidade de segurança;
- X=Necessidades sociais;
- Y=Necessidades de estima;
- Z =Necessidades de autorrealização.

Contudo, cada questionamento e item de opção foi modificado para atribuir valor e atenção à temática socioambiental, havendo uma avaliação da distribuição das necessidades ao longo de sua sequência de investigação de forma a se garantir uma distribuição equilibrada entre as necessidades, conforme instrumento original (APÊNDICE B). As questões foram classificadas em proposições que objetivavam avaliar possíveis decisões em situações conflitantes quanto a ações pró-meio ambiente, sentimentos de motivação/desmotivação, sentimento de culpa ou emoção de raiva, em relação às necessidades.

A avaliação sobre os resultados deste instrumento metodológico se dá pela soma das pontuações em cada uma das dimensões de necessidades (X, Y, W, Y e Z), conseqüentemente buscando avaliar qual necessidade está mais destacada para o indivíduo no momento específico da aplicação.

Existe também um modelo de gabarito estrutural¹⁸, para que ele possa ser averiguado e avaliado mais facilmente, de maneira que a Figura 7 representa um preenchimento hipotético de como o motivograma psicoambiental poderia estar respondido. Cabe destacar que cada questão traz a comparação entre duas necessidades diferentes para que o respondente atribua um valor entre 0 e 3 para cada necessidade, com a soma das duas atribuições tendo que obrigatoriamente dar 3 e a soma total 90.

Figura 7 - Gabarito hipotético para o preenchimento do motivograma psicoambiental

Item	Necessidade Predominante				
	V	W	X	Y	Z
1	1	-	-	-	2
2	-	0	-	0	3
3	1	-	-	2	-
4	0	-	3	-	-
5	-	1	-	2	-
6	-	-	0	-	3
7	-	1	2	-	-
8	1	-	2	-	-
9	-	-	-	2	1
10	-	1	-	-	2
11	1	-	-	2	-
12	1	-	-	-	2
13	1	2	-	-	-
14	-	1	2	-	-
15	-	1	2	-	-
16	-	-	-	1	2
17	2	1	-	-	-
18	-	-	3	0	-
19	-	-	2	1	-
20	-	-	-	1	2
21	1	-	2	-	-
22	-	-	1	-	2
23	1	-	-	-	2
24	-	2	-	1	-
25	1	-	-	2	-
26	-	-	3	0	-
27	-	1	-	-	2
28	-	1	2	-	-
29	-	-	1	-	2
30	0	3	-	-	-
Totais	11	15	25	14	25
Total			90		

Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁸ O motivograma não possui questões certas ou erradas, o gabarito constitui apenas uma estrutura de preenchimento que facilita a visualização dos resultados.

Além das alterações nas questões originais do motivograma, foi constatada a importância de se ampliar o alcance do instrumento original para além do diagnóstico somente das necessidades predominantes no momento da aplicação, de forma a poder se associar aos resultados obtidos também com a PA e a RS dos indivíduos em relação ao meio ambiente, bem como possíveis hábitos de consumo. Essa ampliação objetivou avaliar se é possível superar as críticas feitas ao instrumento original referentes à consistência dos resultados quanto ao fato de ser um preditor de atitude baseado somente nas motivações (HESKETH e COSTA, 1980).

Sendo assim, a primeira parte do questionário contempla questões que objetivam avaliar a PA, a RS e os hábitos de consumo dos respondentes e, na sequência, o motivograma psicoambiental propriamente dito objetiva identificar as necessidades/motivações. O inventário do perfil psicoambiental encontra-se disponível no APÊNDICE C, contando com uma sequência de melhorias que foram baseadas nos apontamentos realizados durante os pré-testes e nas considerações posteriores à qualificação, bem como nas avaliações por juízes e professores externos.

O instrumento final foi dividido em quatro partes complementares, conforme seguinte estruturação: Bloco 1 – Levantamento sociodemográfico; Bloco 2 – Investigação da RS e PA; Bloco 3 – Investigação do inventário das motivações (motivograma psicoambiental); Bloco 4 – Investigação dos hábitos de consumo.

O Bloco 1 é responsável pelo levantamento dos dados socioeconômicos dos indivíduos, permitindo a delimitação de um perfil e cenário, em que os participantes estão inseridos, caracterizando-os inicialmente como sujeitos individuais e depois permitindo agrupá-los de acordo com as suas especificidades, como por exemplo, área de conhecimento.

O Bloco 2 permite investigar e classificar como os participantes percebem, representam e compartilham o sentido atribuído ao meio ambiente, visando também a classificar as RS dos indivíduos conforme Reigota (2007), assim como a presença ou não de um discurso pró-ambiente, por meio do instrumento metodológico de evocação livre de palavras, de Abric (2001). As questões desta parte são majoritariamente abertas, justamente para que o participante se expresse da maneira mais espontânea possível, complementando o conhecimento acarretado pelos outros blocos deste instrumento e servindo como norte comparativo.

A classificação, segundo Reigota (2007), entre naturalista, antropocêntrica e globalizante tem sido uma das tipologias comumente utilizadas nos estudos de meio ambiente, o que facilita a comparação com outros estudos. Contudo, no entendimento que existem limites tênues entre cada uma dessas categorias, aprofunda-se a investigação com questões complementares, como por exemplo as questões referentes à PA.

O Bloco 3 compõe a parte do questionário que foi adaptada de uma referência externa, tratando-se da transformação de um motivograma convencional, conforme discutido anteriormente.

O Bloco 4 avalia os hábitos de consumo dos participantes, bem como se algumas necessidades estão sendo atendidas ou não. Essas questões são principalmente consideradas como de checagem, pois podem refletir incoerências entre o discurso e a ação, principalmente quando associadas à RS apresentada no Bloco 2 e à necessidade predominante no Bloco 3.

Todavia, é importante ressaltar que, apesar de o motivograma psicoambiental poder ser aplicado isoladamente, a combinação de todas essas questões aprofunda a investigação de uma possível tendência atitudinal, o que fortalece a condição de instrumento diagnóstico do teste a ser aplicado em projetos de educação ambiental. Com efeito, a análise integrada dos resultados apresenta rico potencial para nortear e indicar espaços ou necessidades propícias à ressignificação, como no caso do relacionamento entre o sujeito e o meio ambiente, que, inclusive, pode partir de uma própria necessidade ou motivação interna, mas que também está sendo recorrentemente observado em um coletivo.

Por fim, por relacionar as questões com aspectos profissionais, acredita-se que o motivograma psicoambiental possa ser aplicado para jovens e adultos que estão para ingressar no mundo do trabalho ou que já atuam profissionalmente, pois a sociedade do século XXI demanda profissionais que também reflitam sobre suas escolhas profissionais a partir de uma perspectiva socioambiental.

5.3. Análise dos dados e validação do instrumento

5.3.1. Dados qualitativos

Para os dados qualitativos foi utilizada a análise de conteúdo segundo Bardin (1994, p.38):

Um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Já as palavras evocadas a partir do termo indutor proposto foram analisadas adotando-se as seguintes etapas: definição de dicionários das palavras evocadas; análise de palavras com sentidos semelhantes, quantificação das palavras evocadas e categorização realizada a partir

das categorias de Reigota (2007) a fim de avaliar as representações sociais sobre meio ambiente (naturalista, antropocêntrica e globalizante) entre os participantes.

Foram obtidas 656 evocações, a partir da entrevista de 134 indivíduos, destacando-se que no estudo das RS sabe-se que quanto maior o número de participantes, mais estáveis serão os resultados (WACHELKE e WOLTER, 2011). Destas mesmas evocações, atribui-se 319 palavras à visão antropocêntrica, 215 palavras à visão naturalista e 122 palavras à visão globalizante. Cabe um destaque importante em relação ao tratamento dado às respostas (análise semântica e classificação das RS nas categorias naturalistas, antropocêntrica e globalizante). Segundo estudo conduzido por Wachelke e Wolter (2011), alguns autores optam por agrupar respostas por critérios semânticos, classificando-as conforme um sentido em comum. Assim, respostas como “natureza” e “meio ambiente” podem ser agrupadas numa categoria intitulada com base na resposta mais frequente entre elas, ou com base na resposta que melhor traduz a classe geral que reflete o que elas têm em comum. Outra possibilidade, segundo o autor, é também a de realizar agrupamentos somente de palavras que compartilhem o mesmo radical e classe, o que recebe o nome de lematização.

No presente estudo adotamos o primeiro tratamento e, para minimizar a possível alteração da distribuição dos dados, aumentamos a homogeneidade das frequências; adotou-se, como critério para se determinar a categoria, a frase que os participantes elaboraram com as palavras evocadas, o que permitiu apreender o sentido que estava sendo atribuído a cada palavra citada. Esta frase também foi adotada para a classificação das RS de meio ambiente, segundo Reigota (2007).

A questão 69 não foi analisada com apoio de Bardin, visto que questionava “Como foi para você responder esse questionário? Espaço para o seu feedback (clareza, duração...), deixe sua sugestão se tiver alguma: ”. Assim, optou-se por uma análise qualitativa simples, verificando os pontos mais mencionados, que foram: a estrutura do questionário é boa, mas muito longo, e que o bloco do motivograma psicoambiental causa algumas dúvidas sobre o preenchimento em primeiro momento, apesar de haver informações sobre o modo de preenchimento e um exemplo prático.

5.3.2. Dados quantitativos

Para os dados quantitativos, além de uma estatística descritiva em forma de gráficos e tabelas, também foram adotados os seguintes testes estatísticos com o objetivo de validação do motivograma psicoambiental: o teste alfa de Cronbach e o teste qui-quadrado de Pearson.

O coeficiente alfa de Cronbach foi desenvolvido com apoio do software IBM SPSS Statistics 22, consistindo em uma ferramenta estatística amplamente difundida em pesquisas que envolvem a elaboração de testes e a sua aplicabilidade. Segundo Almeida, Santos e Costa (2010), este índice permite medir a confiabilidade e consistência do que tem sido avaliado, como o caso da magnitude em que os itens do instrumento estão relacionados.

Este tipo de dado representa a consistência interna do questionário, estando associada ao padrão de resposta do grupo amostral, havendo alterações conforme a amostragem e escala. Sua classificação ocorre dentre 0 e 1, sendo que, quanto maiores as correlações dos itens, maior sua homogeneidade e, conseqüentemente, sua consistência no que está sendo medido e averiguado (ALMEIDA; SANTOS e COSTA, 2010; MAROCO e GARCIA-MARQUES, 2006).

Atualmente ainda existem divergências entre qual é o valor mínimo para que o alfa se torne apropriado, porém se tem comumente difundido que 0,70 é o mínimo aceitável, mas, principalmente em áreas correlatas as ciências sociais e humanas, tem sido discutido que o valor de 0,60, já representa um valor aceitável, também levando em consideração que o valor máximo esperado é de 0,90, pois, acima disso, pode indicar alguma redundância ou replicação do que tem sido investigado em mais de um item (MAROCO e GARCIA-MARQUES, 2006).

O alfa de Cronbach proporciona uma estimativa da fiabilidade dos dados obtidos com o motivograma adaptado, demandando a repetição de mais amostras, para que se possa agregar mais validade a este instrumento. Entretanto, o valor de alfa resultante da presente aplicação foi identificado como superior a 0,7, simbolizando um alto potencial de usabilidade (HAIR JR *et al.*, 2005).

O outro teste utilizado foi o qui-quadrado de Pearson, que representa uma medida de comparação entre os conjuntos de frequências observadas e frequências esperadas, assim investigando os desvios entre esses valores. Inicialmente, este teste depende da determinação de hipóteses, como, por exemplo, se as motivações e necessidades de um indivíduo apresentam influência de alguma RS ou se o consumo é também influenciado por alguma necessidade (BUSSAB e MORETTIN, 2012).

Também conhecido como independência qui-quadrado, este teste verifica se existe uma associação entre a variável de linha e a variável de coluna. Esta construção é organizada em uma tabela conforme amostragem, sendo a hipótese nula referente a variáveis não associadas e a hipótese alternativa referente a variáveis associadas.

O qui-quadrado de Pearson necessita que a probabilidade de rejeição da hipótese nula (P-Valor) seja inferior ao nível de significância estabelecido pelo pesquisador, que, neste caso

foi o de 0,05. Ressaltamos que, nas duas hipóteses de trabalho desenvolvidas para a presente pesquisa, os P-Valor alcançaram valores menores que o estabelecido para validação de algumas das suposições.

6. RESULTADOS

Esta pesquisa foi conduzida analisando um total de 134 questionários, nos quais se investigaram a PA, a RS de meio ambiente, os hábitos de consumo e as potenciais influências das necessidades/motivações em relação às atitudes para com as questões socioambientais.

6.1. Análise qualitativa

Os blocos 2 e 4, respectivamente sobre a percepção ambiental/representação social e os hábitos de consumo, são os principais responsáveis por fornecer informações mais complexas sobre as respostas desenvolvidas, visto que as questões abertas ampliam a capacidade de expressão dos indivíduos, e as questões de consumo abordam seu posicionamento mais prático e seu comportamento.

Os dados qualitativos foram avaliados e classificados de acordo com os preceitos de Bardin (1994) e Reigota (2007), sendo que na questão 16, cada indivíduo foi interrogado sobre 5 palavras que associava a meio ambiente e depois instruído a escrever uma frase com essas palavras, tratando-se de uma técnica que consiste em evidenciar qual RS com relação ao meio ambiente era compartilhada pelo grupo.

Analisando a questão 16, foram obtidas 656 evocações, avaliadas com base no sentido atribuído a cada palavra, e 134 frases, agrupadas com base nas RS de meio ambiente que veiculavam. Constataram-se, assim, as seguintes representações de meio ambiente: antropocêntrica (48%); naturalista (33%); e globalizante (19%).

Continuamente considerando as evocações mencionadas, mas filtrando suas principais aparições, delimitaram-se as 10 palavras mais utilizadas em cada grupo e a sua frequência, buscando refletir os perfis e características de cada categoria de RS. Considerando essas principais palavras, após a realização da análise semântica, classificou-se que 134 palavras foram associadas aos indivíduos com visão antropocêntrica, 97 palavras aos indivíduos de visão naturalista e 54 palavras aos de visão globalizante, conforme a Tabela 1, lembrando que esses grupos apresentam um percentual diferente de número de indivíduos.

Tabela 1 – Representações sociais e frequência das 10 palavras mais utilizadas dentre cada visão

Visão antropocêntrica	Freq. de palavras	Visão naturalista	Freq. de palavras	Visão globalizante	Freq. de palavras
Sustentabilidade	21	Florestas / Flora	19	Sustentabilidade	10
Reciclagem	17	Vida	15	Educação	7
Preservação	15	Natureza	15	Preservação	6
Vida	15	Animais / Fauna	14	Conservação	5
Conservação	12	Preservação	7	Equilíbrio	5
Florestas / Flora	12	Água	6	Natureza	5
Animais / Fauna	11	Cuidado	6	Conscientização	4
Natureza	11	Ar	5	Humanidade	4
Poluição	11	Verde	5	Responsabilidade	4
Educação	9	Sustentabilidade	5	Vida	4
Total de menções	134	Total de menções	97	Total de menções	54

Fonte: Elaborado pela autora.

Apesar de existirem palavras que se repetem entre os três tipos de RS, ressalta-se que elas foram distribuídas de acordo com o sentido atribuído em cada frase elaborada pelo participante. No intuito de apresentar algumas das sentenças e a sua categorização, construiu-se um quadro com seguintes exemplos (Quadro 2).

Quadro 2 – Frases classificadas pelas representações sociais de meio ambiente

Representação Social	Frase
Visão antropocêntrica	“Para que possamos fazer manutenção da vida na Terra, é preciso incentivar a sustentabilidade no cotidiano, através da reciclagem e reutilização dos materiais, além de pensarmos em formas anticapitalistas de nos relacionarmos com o meio ambiente, pois a cadeia de produção capitalista impede um meio sustentável de vida”. (LRB – 25 anos)
Visão antropocêntrica	“O descarte e reciclagem corretos do lixo diminuem a poluição em rios e mares, o que ajuda bastante a natureza, que já sofre de inúmeros problemas como, por exemplo, o desmatamento”. (VF – 24 anos)
Visão antropocêntrica	“É preciso pensar no meio ambiente como um sistema integrado, por isso, a preservação e o manejo sustentável dos recursos naturais são essenciais, uma vez que estes são o alicerce fundamental para a manutenção da vida”. (JB – 22 anos)
Visão naturalista	“As árvores são verdes na floresta e devem permanecer dessa forma por meio de políticas ambientais e métodos de sustentabilidade.” (RCO – 25 anos)
Visão naturalista	“A vida dos animais depende da preservação das matas, das florestas e da água.” (CAVL – 41 anos)
Visão naturalista	“A preservação da vida no planeta engloba a preservação de animais, florestas e rios”. (AKH – 18 anos)
Visão globalizante	“Diante do atual cenário do mundo há a necessidade da conscientização de todas as camadas da sociedade para que a conscientização seja completa e possamos em si notar a mudança e refletir não somente a longo prazo como no bem-estar atual, precisamos alterar nossa política, priorizando e adaptando todas as áreas a serem pró meio ambiente e ensinar desde o início do ser como estar em um coletivo e utilizar esse grupo para melhorar ou no mínimo não interferir ao ambiente alocado”. (LMP – 21 anos)
Visão globalizante	“Acho que atingimos um momento em que a humanidade como um todo precisa intensificar mais do que nunca seus esforços no que se refere à Educação, para que assim possa se dar conta de como ela está intrinsecamente conectada ao meio ambiente que nos cerca, pensando não apenas nos aspectos mais óbvios como aqueles ligados à saúde, mas também em tudo que podemos aprender com a

	natureza, exercitando nossas virtudes como o amor, e trabalhando por meio da cooperação.” (SM – 22 anos)
Visão globalizante	“A Educação Ambiental é um instrumento que se faz necessário na formação ambiental da população, pois apenas a conscientização a respeito da dimensão ambiental tem a capacidade formar cidadãos com uma visão crítica, capazes de lutar pelo direito a um meio ambiente ecologicamente equilibrado e pela proteção da biodiversidade, assim como levar em consideração a existência de populações tradicionais de forma a saber quando uma área de proteção deve ser voltada à preservação ou à conservação”. (GDGS -22 anos)

Fonte: Elaborado pela autora.

Cada sentença exemplifica algum aspecto sobre a RS apresentada, mostrando que indivíduos com representação antropocêntrica focam em aspectos utilitaristas ou pragmáticos dos recursos naturais, considerando principalmente a questão de uso, manutenção ou utilidade para a espécie humana.

As respostas com perfil naturalista propõem uma narrativa mais ecológica, ou até mesmo simplista sobre todo o aspecto ambiental, mantendo distanciamento entre a figura humana e a natureza. Diferentemente dessas duas categorias, os sujeitos com representação globalizante descrevem relações harmoniosas ou minimamente equilibradas com o meio ambiente.

A questão 20, trazia a pergunta “Quais são os impactos ambientais que te afetam?” e foi analisada com base na frequência de palavras/ítems, visto que a maioria dos participantes categorizaram os impactos de maneira sucinta e pontual, em forma de tópicos. Houve um total de 369 citações, visto que alguns dos participantes citaram mais de um impacto por resposta. A Tabela 2 demonstra que alterações climáticas, desmatamento/degradação e poluição atmosférica foram os três itens mais referenciados, denotando um alto grau de significância para os participantes desta pesquisa.

Tabela 2 - Frequência de palavras referentes aos impactos ambientais

Freq. de palavras			
Alterações climáticas	47	Urbanização	10
Desmatamento/degradação	44	Exploração de recursos	10
Poluição atmosférica	43	Agropecuária e indústria	8
Poluição	36	Impactos na saúde	7
Poluição aquática	33	Impactos socioambientais	6
Resíduos sólidos	21	Impactos econômicos	5
Contaminação	18	Poluição visual	5
Extinção/caça	17	Impactos emocionais	2
Escassez de recursos	15	Desastres ambientais	1
Todos	15	Erosão	1
Queimadas	13	Nenhum	1
Poluição sonora	11		

Fonte: Elaborado pela autora.

A análise de conteúdo de Bardin foi também utilizada para as questões 6, 12, 15, 19, 67 e 68, desenvolvendo-se quadros com as categorias, número de respostas e um exemplo para cada item, de maneira a classificar as respostas para cada questão, conforme a sequência abaixo.

A questão 6 consistiu na pergunta, “Quais foram os fatores que você levou em consideração para escolher sua graduação?”, no intuito investigar os fundamentos desta decisão. Com base nas respostas, formularam-se cinco categorias de atribuição, conforme o Quadro 3.

Quadro 3 – Categorias referentes à escolha da graduação

Categoria/Exemplo			Respostas
1	Categoria	Praticidade e/ou necessidade de formação	25
	Exemplo	Exemplo: “Nota do ENEM, qual universidade e localização”. (MI – 23 anos)	
2	Categoria	Área de interesse pessoal e/ou acadêmico, com projeção de retorno financeiro	12
	Exemplo	“Afinidade com o curso, bom mercado de trabalho”. (VF – 24 anos)	
3	Categoria	Área de interesse pessoal, acadêmico e/ou vocação	69
	Exemplo	“Afinidade com a área no ensino médio e interesse pelo objeto de estudo”. (GMS – 20 anos)	
4	Categoria	Status e/ou empregabilidade	17
	Exemplo	“Mercado de trabalho, prestígio, engenharia, tecnologia, pessoas modelo que eram engenheiras”. (AIF – 25 anos)	
5	Categoria	Autorrealização, com ambições pessoais e/ou profissionais	11
	Exemplo	“Interesse pessoal pela área e desejo de tentar fazer alguma diferença no mundo”. (MSD – 20 anos)	

Fonte: Elaborado pela autora.

A categoria 1 expõe um posicionamento prático ou objetivo quanto à decisão da graduação, e inclui respostas em que o participante considerou suas próprias qualidades a fim de poder se desenvolver satisfatoriamente no curso, ou a partir das condições estruturais e temporais, como a localização da faculdade, o tempo de transporte, o custo-benefício e as possibilidades de ingresso.

A categoria 2 expressa um sentido derivado das perspectivas quanto ao desenvolvimento profissional dentro de uma área de interesse, com foco na projeção de retornos financeiros, enquanto a categoria 3, que também foi a mais expressiva, considera principalmente a importância do interesse pela área, temática, matéria ou experiência. Já na categoria 4, a escolha se deve ao status do curso escolhido ou ao fator de empregabilidade.

A categoria 5 propõe atribuições mais coletivas quanto a esta decisão, desde a família, até o senso comunitário, preconizando uma transformação, aprendizado ou desenvolvimento que agregue alguma melhoria.

A questão 12 é complementar a pergunta se eles haviam tido contato com a temática ambiental/educação ambiental, durante o ensino fundamental ou médio, solicitando o detalhamento do tipo de contato no caso de respostas afirmativas. O Quadro 4 revela as 4 categorias principais.

Quadro 4 - Categorias dentre os tipos de contatos com a temática ambiental/educação ambiental

Categoria/Exemplo			Respostas
1	Categoria	Aulas ou matérias específicas	33
	Exemplo	“Nas aulas de ciências eram levantados pontos ambientais, mais durante o fundamental”. (JV – 24 anos)	
2	Categoria	Palestras, feiras culturais, testes vocacionais ou estudos de casos	24
	Exemplo	“Palestras isoladas”. (MSP – 28 anos)	
3	Categoria	Matérias específicas sobre meio ambiente	7
	Exemplo	“Tive matérias específicas de meio ambiente, visto que vim de uma escola técnica”. (VGV – 27 anos)	
4	Categoria	Não teve ou respondeu não	70
	Exemplo	“Não” (A – 56 anos)	

Fonte: Elaborado pela autora.

A maioria dos indivíduos que tiveram acesso à temática/educação ambiental durante este período escolar corresponde a uma linha de ensino fragmentado, pois só se deparavam com a temática quando ela era desenvolvida por algum segmento curricular, como geografia, biologia, sociologia, religião, ciências, artes, química e física, sendo essas as matérias que foram citadas, ou seja, enquadrando-se na categoria 1. Outra abordagem relatada refere-se ao uso de atividades pontuais para o desenvolvimento desta temática (categoria 2), ou de matérias específicas (categoria 3). Por fim, a categoria 4 evidencia que muito participantes não tiveram acesso a este tipo de ensino e informação, ou que, no mínimo, não se tratou de um evento significativo em suas experiências.

A pergunta de número 15 buscava avaliar a consideração individual de cada participante sobre seu atual foco de interesse ou importância, por meio da seguinte colocação, “Qual é a sua prioridade no seu atual estágio de vida? ”. Essa formulação resultou em quatro categorias, conforme o Quadro 5.

Quadro 5 - Categorias sobre as atuais prioridades neste estágio da vida

Categorias/Exemplos			Respostas
1	Categoria	Formação e/ou empregabilidade	75
	Exemplo	“Concluir a minha graduação e encontrar uma área de interesse no mercado de trabalho”. (GESS – 19 anos)	
2	Categoria	Estabilidade financeira	22
	Exemplo	“Ter meu salário para que possa sustentar minha vida”. (NSS – 27 anos)	
3	Categoria	Saúde e/ou estabilidade	16

	Exemplo	“Viver com saúde e em paz”. (KF – 66 anos)	
4	Categoria	Desenvolvimento pessoal e/ou familiar ou coletivo	21
	Exemplo	“Garantir boas condições para o desenvolvimento da minha filha e ensinar/produzir conhecimento relevante”. (CRN – 48 anos)	

Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se que a categoria 1 prioriza questões como término do curso, colocação e ambição profissional, bem como inserção no mercado de trabalho, desenvolvimento de carreira e respaldo financeiro. Tal categoria apresentou a maior quantidade de respostas.

A categoria 2 expressa a relevância do aspecto econômico, focando em metas financeiras, busca de renda e preocupações monetárias, semelhante a algumas projeções da categoria 3, que agrega desde aspectos da saúde física, mental e emocional, até segurança financeira e qualidade de vida.

A categoria 4 aborda posicionamentos coletivos e individuais, porém ambos considerando o desenvolvimento e amadurecimento com a relação a um núcleo familiar ou coletivo, assim como aprimoramentos técnicos, emocionais e intrapessoais do ser.

Na questão 19, pedia-se para que os participantes definissem o que entendiam por responsabilidade socioambiental, pergunta que resultou no desenvolvimento do Quadro 6, com 4 categorias.

Quadro 6 - Categorias sobre a definição de responsabilidade socioambiental

Categoria/Exemplo			Respostas
1	Categoria	Consciência sobre os próprios atos e responsabilização pelas consequências	31
	Exemplo	“Ter consciência de como meu estilo de vida impacta no meio ambiente e, sabendo, buscar alternativas para reduzir tais impactos. Compartilhar aquilo que sei com os outros, aumenta a rede de responsabilidade”. (GESS – 19 anos)	
2	Categoria	Comportamentos e posicionamentos mais harmoniosos e/ou equilibrados entre os indivíduos e meio ambiente	23
	Exemplo	“Entendo que por fazer parte de todo sistema ambiental devo realizar ações que o protejam para que todo o planeta possa continuar existindo”. (CAS – 51 anos)	
3	Categoria	Responsabilidade de decisão individual e coletiva	50
	Exemplo	“Eu entendo que responsabilidade socioambiental é a responsabilidade de cada um com os processos sociais e a sua relação com o meio ambiente, essa responsabilidade que vem do estado com políticas públicas e de cada um para cumprir e respeitar”. (GVM – 19 anos)	
4	Categoria	Consideração pelos recursos ou reparação ambiental	30
	Exemplo	“Preservar recursos para gerações futuras”. (UGC – 56 anos)	

Fonte: Elaborado pela autora.

Esta questão apontou diferentes abordagens sobre o que se compreende deste termo: a categoria 1 provém de um pensamento mais reflexivo, com respostas que abordaram o estado

de se estar consciente, ou não, sobre a própria realidade ambiental e os próprios atos, focando mais na própria atitude do que se manifestando sobre alguma conduta específica, que é o caso da categoria 2, em que os participantes alegaram este mesmo estado de consciência, porém focado em suas ações e comportamentos, diretamente direcionados para maior equilíbrio com o meio ambiente.

A categoria 3 agregou respostas em que o fator responsabilidade é amplamente dividido entre dever individual e coletivo, atentando principalmente para hábitos e condutas comumente tratados como comportamentalistas e que se aproximam fortemente das considerações pelos recursos naturais ou reparações ambientais referentes à categoria 4, em que a noção de responsabilidade e atitudes derivam da necessidade de recursos para a sobrevivência ou manutenção, existindo até casos em que os participantes demonstraram pouca ou nenhuma consideração pelos recursos naturais..

Na questão 67, após responderem se trabalhariam em uma empresa com histórico ambientalmente negativo, os participantes tinham que justificar suas motivações para esta decisão, independentemente de terem escolhido uma resposta afirmativa ou negativa. A análise dessas respostas gerou um total de três categorias, que podem ser observadas no Quadro 7.

Quadro 7 - Categorias sobre a possibilidade de trabalho em uma empresa com histórico ambientalmente negativo

Categoria/Exemplo			Respostas
1	Categoria	Sim, porém considerando promover melhorias e agir de maneiras mais conscientes	25
	Exemplo	“Eu desenvolveria cursos ou palestras para alertar, incentivar a mudança de práticas irresponsáveis. É uma oportunidade para mudança”. (CAS – 51 anos)	
2	Categoria	Sim, por questões de necessidades (financeiras ou familiares), empregabilidade ou por não se atentar ao histórico ambiental da empresa	34
	Exemplo	“A depender das minhas necessidades financeiras e da minha família”. (FPI – 24 anos)	
3	Categoria	Não, por incompatibilidade de ideias, valores e discordância das atividades da empresa com relação ao meio ambiente	75
	Exemplo	“Se a empresa não faz a sua parte pelo meio ambiente e causa impacto, eu não trabalharia porque não atua de acordo com os valores que acredito. Inclusive saí do meu último emprego porque a empresa causava impacto e não buscava remediar o que fazia”. (KDLL – 28 anos)	

Fonte: Elaborado pela autora.

A categoria 1 engloba respostas em que os participantes consideram que sua possibilidade de atuação dentro da empresa, por mais que acompanhada de um histórico ambiental negativo, possa acarretar alguma transformação ou ir aprimorando pontos que podem ser melhorados, diferentemente da categoria 2, em que o trabalho se encontra mais associado a demandas pessoais do que ao comprometimento socioambiental. As respostas propostas na

categoria 3 já descartam essa possibilidade de atuação, vista a discrepância e discordância entre as considerações dos indivíduos e as condutas da empresa.

A questão 68 trouxe a seguinte elaboração: “Você já se sentiu coagido a não realizar ações pró-meio ambiente em vista de pressões sociais? Já sentiu vergonha ou medo de realizar alguma dessas ações? Se sim, quais? ”, o que resultou em apenas dois principais perfis: um composto por indivíduos que nunca se sentiram coagidos ou envergonhados (94 respostas) e o grupo dos que foram, ainda que minimamente, questionados por estarem realizando determinada ação e que reforçaram se sentirem às vezes incomodados ou pressionados a não se posicionarem desta maneira (40 respostas).

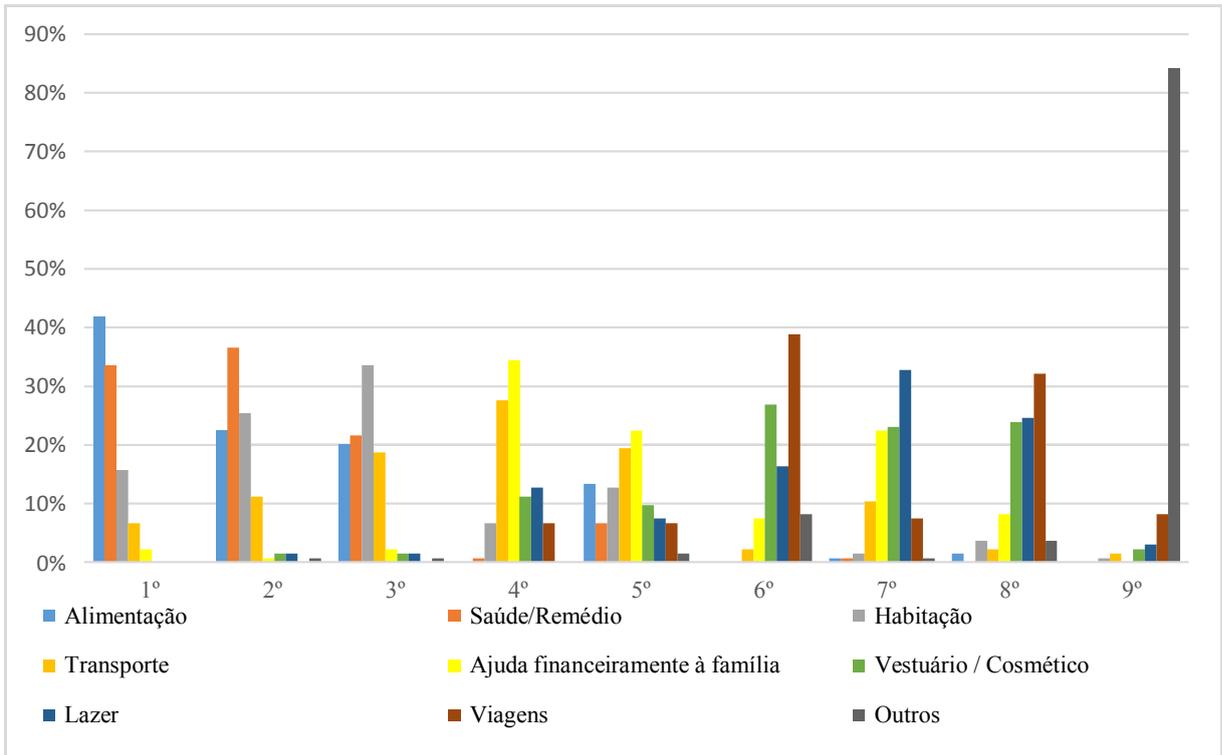
6.2. Análise quantitativa

6.2.1. Hábitos de consumo

As análises dos dados quantitativos apresentaram variados resultados e informações quanto aos hábitos de consumo e posicionamento dos participantes, comumente questionando o nível de importância atribuída (primeiro lugar – muito relevante / último lugar – pouco relevante) ou a tomada de decisão de acordo com alguma situação ou questão apresentada.

Inicialmente, questionou-se quais seriam suas prioridades cotidianas, em vista de uma situação hipotética na qual se encontrassem financeiramente estáveis. Conforme o Gráfico 1, identifica-se que as prioridades cotidianas se consolidaram com maior intensidade nas categorias de alimentação, saúde/remédio e habitação, ao longo dos três primeiros lugares do nível de importância atribuída, ou seja, mesmo que elas variem entre essas três posições, foram as mais destacadas no grupo como um todo, havendo uma tendência de aumento para categoria transporte, dentre estes mesmos níveis. Alimentação teve o maior número de respostas no primeiro lugar, saúde entre o primeiro e segundo lugar e habitação no terceiro, o que poderia indicar uma certa ordenação nas prioridades entre esses três elementos, enquanto as categorias “ajuda financeira à família e transporte” dividiram a quarta e quinta posições e vestuário, lazer e viagens foram alocadas com mais frequência e indistintamente na sexta, sétima e oitava posições.

Gráfico 1 – Prioridades cotidianas

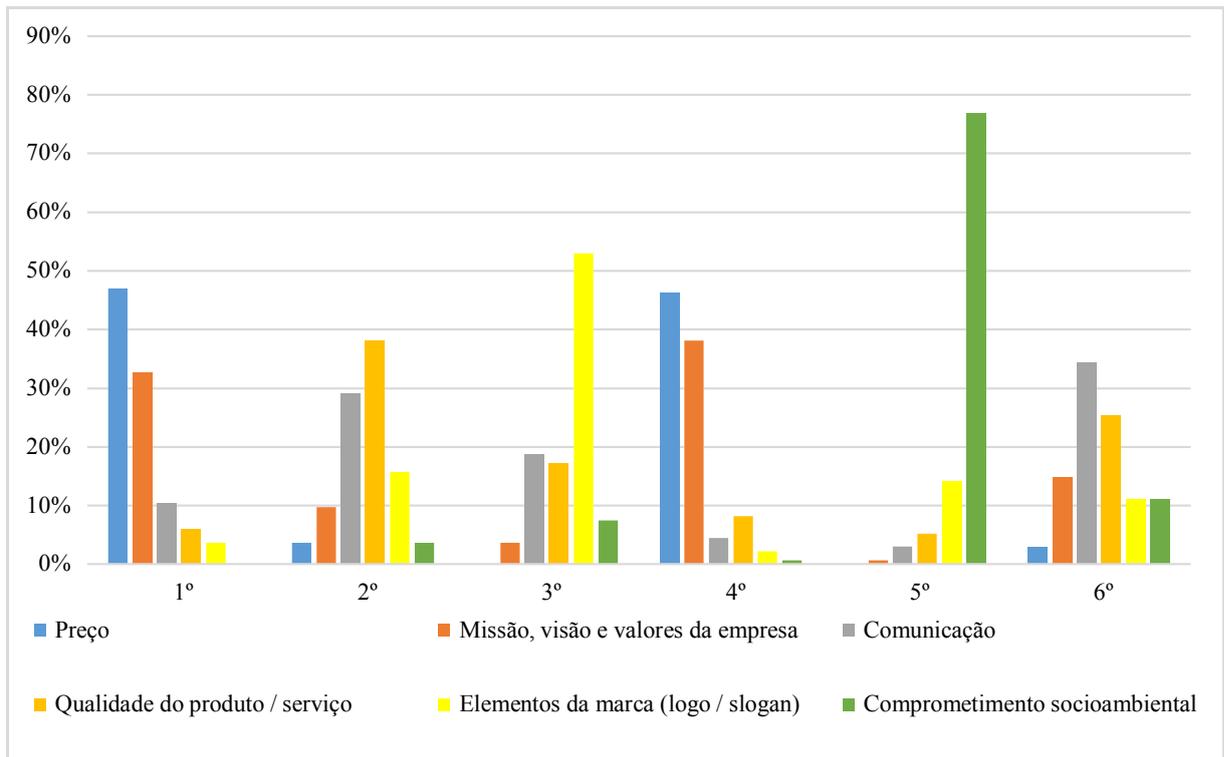


Fonte: Elaborado pela autora.

Esta mesma questão, apresenta um pico de resultados na nona colocação, que se refere a categoria outros e que foi propositalmente adicionada para averiguar se haveria a existência de diferente elemento com considerável grau de importância atribuído, mas que, conforme frequência de alocação de outros nesta colocação, demonstra que as categorias elencadas foram suficientes para conter as principais questões tidas pelos participantes como prioritárias para a alocação dos seus recursos.

O Gráfico 2, representa as escolhas e classificações quanto às prioridades e influências na aquisição de um serviço e na decisão de compras realizadas pelos participantes, com base em elementos do produto ou da empresa.

Gráfico 2 - Prioridades na decisão de compra



Fonte: Elaborado pela autora.

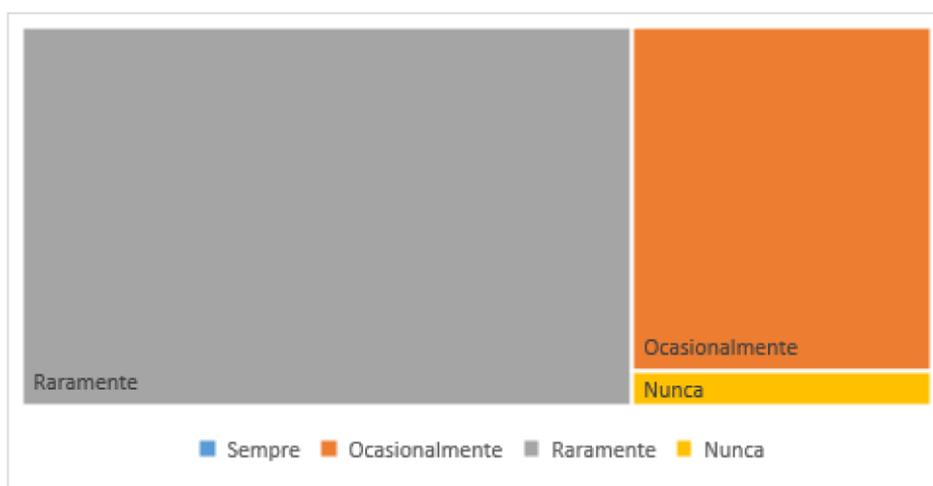
Ao analisar o primeiro lugar, observa-se que o preço recebeu considerável destaque, demonstrando que, para 47% dos participantes, o valor consiste no mais significativo elemento diante de sua decisão de compra, enquanto outra parcela de respondentes destacou a influência da missão, visão e valores da empresa como inicial prioridade nesta decisão, contando com 33% de relevância. Trata-se de duas expressivas categorias, que novamente se destacam em quarto lugar, sugerindo a existência de dois diferentes perfis de participantes, sendo os que consideram preço e valores como muito relevantes e os que os interpretam como moderadamente relevantes, visto que incluíram outras categorias na frente em sua ordem de prioridade.

Destaca-se que a qualidade do produto/serviço expressa significativa relevância no segundo lugar desta classificação, refletindo o mais alto percentual relativo a esta categoria, com 38% das considerações que correlacionam o mesmo elemento e nível. O terceiro lugar apresenta a relevância para os elementos da marca (logo/slogan), contando com 53% das considerações pelo grupo.

No quinto lugar, destaca-se o comprometimento socioambiental (77%), que fica, no entanto, bem atrás de outros elementos considerados mais relevantes para a decisão de compra.

De acordo com o Gráfico 3, identifica-se que o arrependimento acerca de compras ou serviços entre os participantes ocorre raramente (67%) ou ocasionalmente (30%), ressaltando que nenhum dos participantes mencionou a categoria sempre se arrepender, assim como houve um baixo resultado de 3% sobre nunca se arrepender.

Gráfico 3 - Arrependimento quanto à compra de produtos e à contratação de serviços

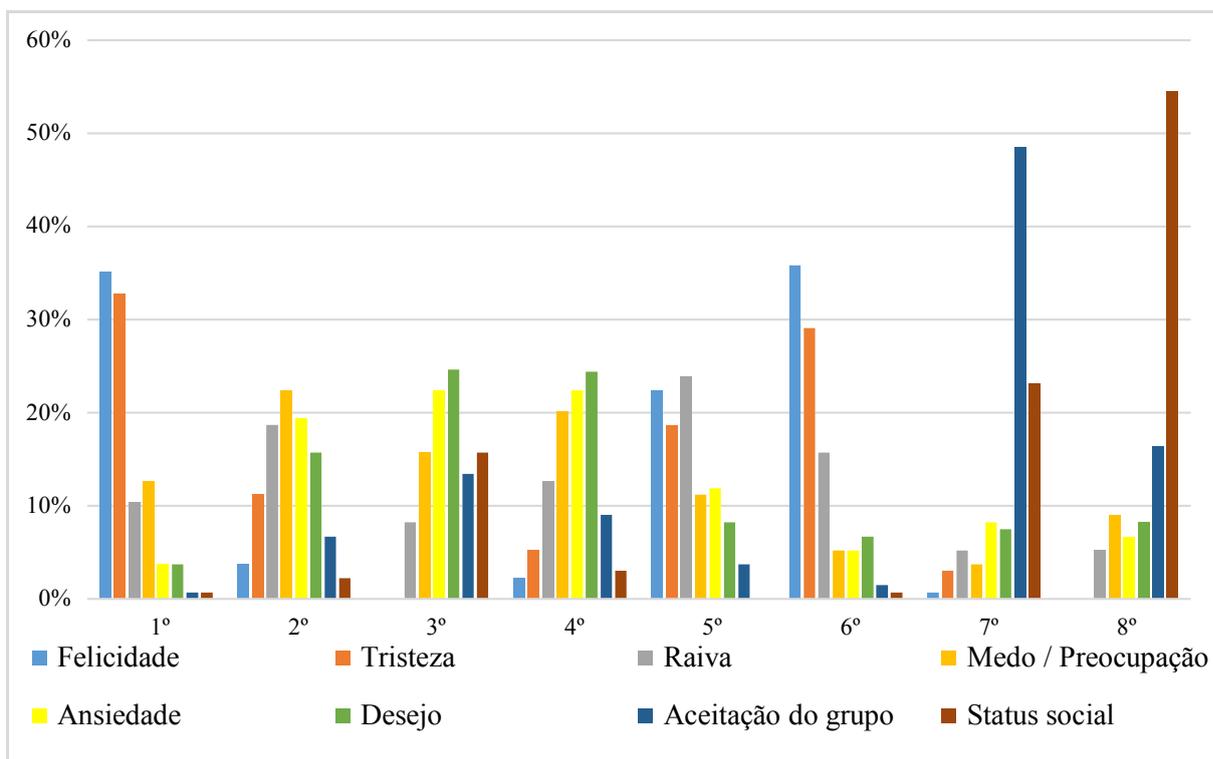


Fonte: Elaborado pela autora.

Por outro lado, quando investigada a questão sobre extrapolar o orçamento, observou-se que esses mesmos indivíduos se posicionaram da seguinte forma: raramente extrapolam (43%), nunca extrapolam (38%), ocasionalmente extrapolam (18%) e sempre extrapolam (1%). Evidencia-se, então, um comportamento bastante controlado, no que diz respeito aos aspectos financeiros de suas compras.

Prosseguindo a análise, avaliaram-se os sentimentos que influenciariam a decisão de consumo, sendo o Gráfico 4 composto pelas mais variadas classificações quanto à categoria (sentimento) e nível de importância atribuída. Cabe lembrar que sentimentos ou emoções encontram-se fortemente correlacionados aos estados motivadores e ao conceito de desejo, conseqüentemente sendo bastante variáveis.

Gráfico 4 - Sentimento que impulsiona o consumo



Fonte: Elaborado pela autora.

Todavia, foi possível pontuar que, dentre a primeira colocação, os sentimentos felicidade (35%) e tristeza (33%) representaram significativos impulsores para decisão de consumo destes participantes, enquanto medo/preocupação apresentou seu mais amplo predomínio durante a segunda colocação, contando com 22% das classificações, seguido pela ansiedade (19%), raiva (19%) e desejo (16%).

O terceiro e quarto lugar demonstram expressiva presença das categorias desejo, ansiedade e medo/preocupação, alterando-se entre essas duas posições, evidenciando uma significativa presença entre os participantes amostrados.

O quinto lugar apresenta raiva, felicidade e tristeza como impulsores para compra, assim como em sexto lugar, mas com proporções diferentes, novamente refletindo uma congruência de categorias, entretanto com nível de importância atribuída diferente. Os elementos com mais significativa presença em alguma posição são a aceitação de um grupo em sétimo lugar, com 49%, e o status social em oitava colocação, com 55%, demonstrando que, para a grande maioria do grupo, estes são os sentimentos que menos influenciam a decisão de compra dos respondentes, de acordo com suas próprias percepções. Esses dados permitem a suposição de que existe mais de um perfil na ordenação destas categorias, com exceção dos itens de aceitação

do grupo e status sociais, que aparentam ser consenso como categorias menos valorizadas por estes participantes.

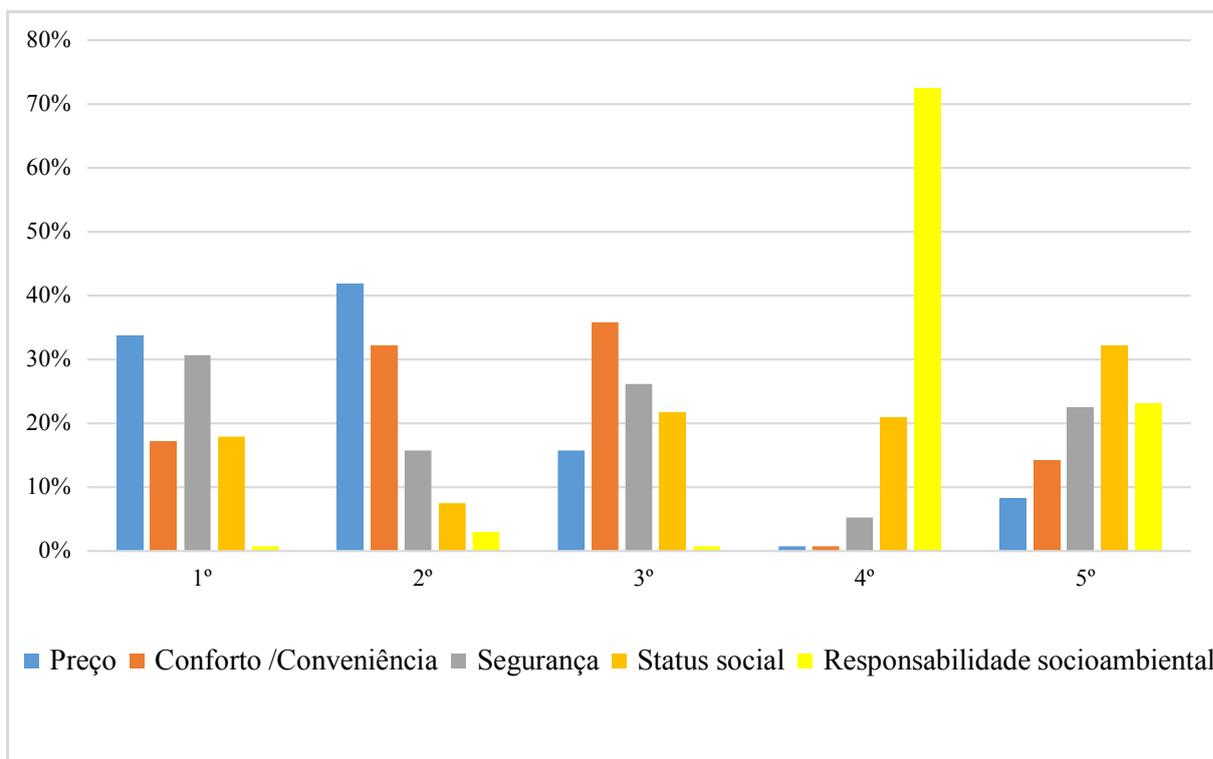
Com o propósito de aproximar a investigação socioambiental ao hábito de consumo, foi apresentada aos participantes uma situação hipotética, na qual deveriam dizer se comprariam um produto com eficácia comprovada e preço competitivo, mesmo sabendo do alto impacto e dano que esse produto causaria ao meio ambiente. Essa questão resultou nas seguintes considerações: raramente comprariam (56%), ocasionalmente comprariam (30%), nunca comprariam (11%) e sempre comprariam (3%). Evidencia-se que, uma parcela dos participantes, em uma situação na qual o produto atenda às suas necessidades, provavelmente tenderá a adquirir o produto a despeito do meio ambiente, principalmente quando relacionado aos próprios hábitos de consumo.

Esta questão foi posteriormente relacionada aos resultados das necessidades/motivações do motivograma psicoambiental, no intuito de verificar e avaliar sua influência ou não perante uma tomada de decisão. Trata-se de uma pergunta que foi desenvolvida com o objetivo de checagem a partir do tratamento estatístico, a fim de verificar a coerência do próprio indivíduo entre o discurso e a prática e de avaliar o pressuposto inicial desta pesquisa.

Os participantes também foram investigados quanto a tipos específicos de compras e a suas motivações, sendo que a primeira compra questionada, foi sobre a aquisição de um automóvel particular, resultando em 70% de indivíduos que já possuíam ou tinham interesse nesta compra e 30% de participante que não possuíam interesse em adquirir um veículo próprio.

Em vista disso, buscou-se investigar quais seriam suas classificações sobre elementos considerados como motivadores capazes de impactar nesta decisão, continuamente havendo uma classificação com base no nível de importância atribuída. Conforme o Gráfico 5, percebe-se que o grupo de participantes se divide entre preço (34%) e segurança (31%) como os critérios prioritários para a aquisição de um veículo. Os dados na segunda e terceira posições demonstram que, ainda que preço e segurança continuem sendo prioridades, o conforto cresce em relevância, complementando o conjunto das três características que mais influem na decisão de compra de um veículo pelos participantes da pesquisa. Frequências significativamente variáveis, quando comparadas com a estável e constante colocação em quarto lugar, no qual a responsabilidade socioambiental se encontra, demonstram uma recorrente organização em que o aspecto ambiental só se apresenta entre os níveis mais baixos de importância. A categoria status social nesta questão, em contraste com situações anteriores, surgiu com relativa importância em outras posições, embora ainda tenha sido colocada com mais frequência como a menos relevante de todas as características.

Gráfico 5 - Influência na decisão de comprar um carro

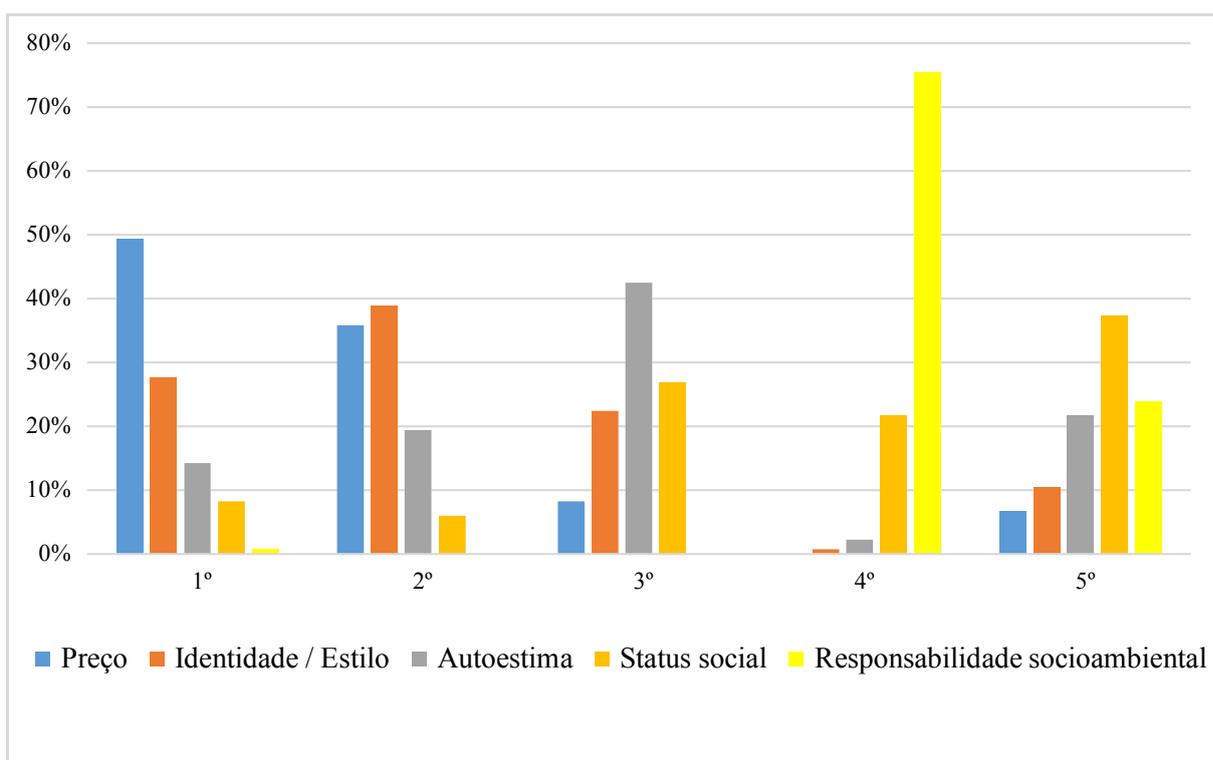


Fonte: Elaborado pela autora.

Os hábitos de consumo em relação ao vestuário, indicam que 68% dos participantes compram apenas quando necessário, 29% compram moderadamente e 3% compram com frequência.

Quando comparados os elementos de influência e aos seus níveis de relevância atribuída, conforme o Gráfico 6, fica evidente que o preço é um dos mais consistentes elementos considerado ao longo desta ordenação, contando com 50% dos participantes que o colocaram em primeiro lugar nesta classificação, sendo que a identidade/estilo se consolida na segunda colocação, representada com 39% das menções, enquanto o terceiro lugar revela 42% de atribuições para autoestima nesta posição. Assim como no item anterior, observa-se que o quarto nível demonstra expressivo valor atribuído à responsabilidade socioambiental (75%), potencialmente refletindo uma baixa consideração por esta categoria, visto que ela é pouco relatada nos níveis mais altos dentro esta organização, o que pode refletir tanto um descaso pelo meio ambiente, quanto uma ausência de correlação crítica, ao relacionar os hábitos de consumo aos impactos ambientais. Já a quinta posição, teoricamente menos considerada, demonstra 37% de atribuições à categoria de status social.

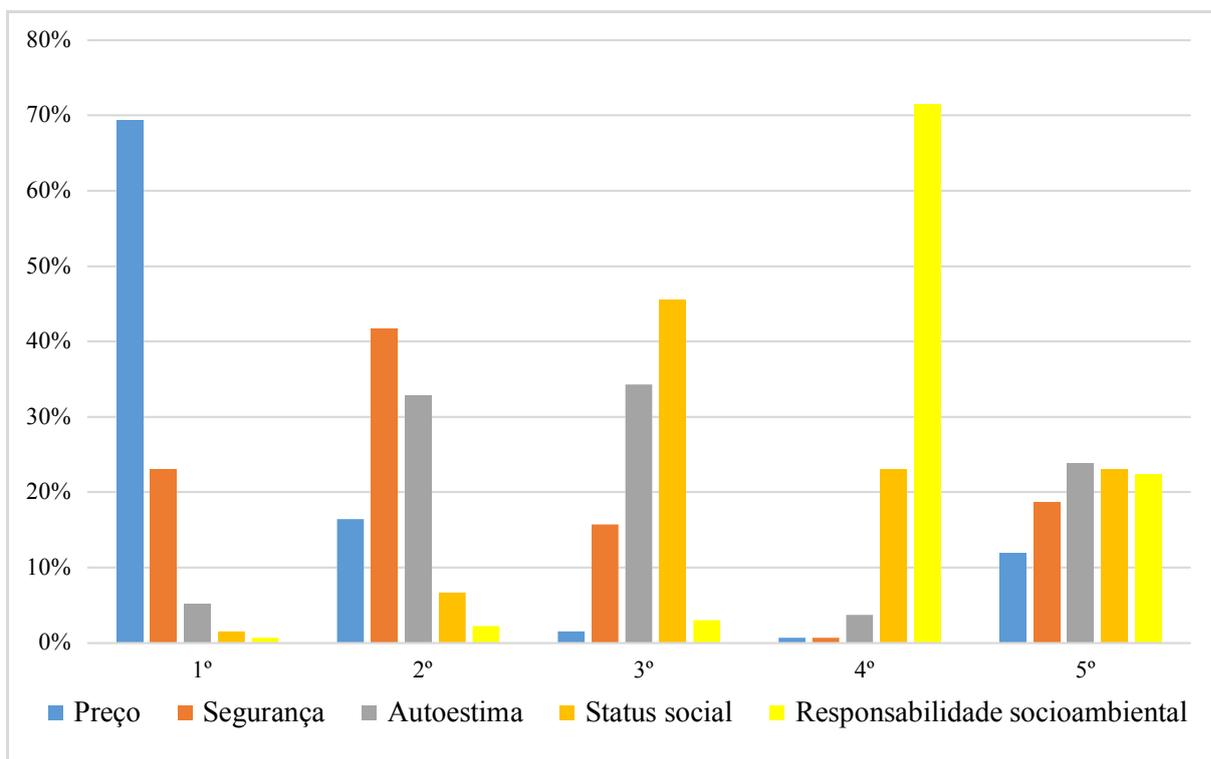
Gráfico 6 - Influência na decisão de comprar vestimentas



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao responder sobre o tempo que costumavam passar com um mesmo celular, os participantes responderam: enquanto ele funcionar (71%), 1 a 3 anos (26%) e aproximadamente 1 ano (3%). O Gráfico 7 representa as influências presentes na decisão de comprar um celular.

Gráfico 7 - Influência na decisão de comprar um celular



Fonte: Elaborado pela autora

Observa-se que o preço é majoritariamente expressado nesta primeira colocação com 69% dos posicionamentos, enquanto o segundo lugar demonstrou a relação entre adquirir um celular e se considerar mais seguro (42%) ou com melhor autoestima (33%), ao passo que o terceiro lugar é marcado pela significância do status social (46%). Pontua-se que, diferentemente dos dois outros itens, a adesão a um produto eletrônico, como o celular, mostra-se mais influenciada pelo reforço da autoestima e do status social, do que a compra de carros ou roupas. Todavia, assim como nos outros casos, a responsabilidade socioambiental só conquista relevância perante à quarta posição.

Esses resultados sobre potenciais motivadores e suas influências nas decisões de compra demonstram que o preço de um produto representa um significativo elemento na decisão de compra, posicionamento que provavelmente pode ser extrapolado para outros hábitos de consumo, visto que se manteve ao longo de diferentes produtos, bem como a colocação sobre a responsabilidade socioambiental, que só abrange visibilidade a partir de um baixo nível de importância atribuída.

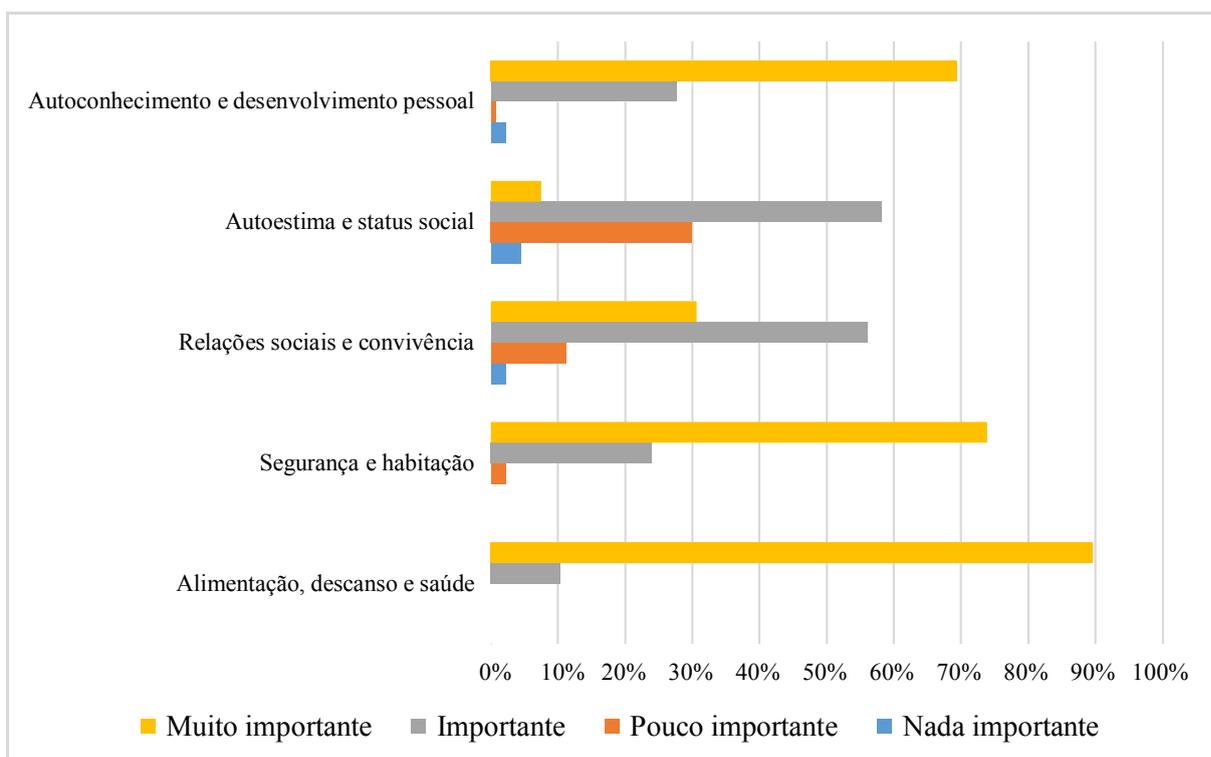
Quando paralelamente questionados se trabalhariam em uma empresa com histórico ambientalmente negativo, 56% responderam que não e 44% que sim, sugerindo que a adoção de um comportamento efetivo apresenta maior passividade de reflexão do que a mecânica ação

de selecionar um produto, como previamente questionado na questão de compra a despeito do dano ao ambiente.

Observando-se que, a despeito do meio ambiente, o produto seria selecionado em virtude de suprir ou saciar uma necessidade do indivíduo, diferentemente do ato de se associar ou realizar este trabalho, que poderia evidenciar o seu papel em algum processo impactante, ponto que, inclusive, foi comumente mencionado nas respostas da questão de número 67 que questionava o motivo para decisão de escolher trabalhar ou não em um local com histórico ambientalmente negativo.

Visando a identificar as próprias considerações dos participantes referentes aos estágios e necessidades representados na teoria das motivações de Maslow, conforme o Gráfico 8, obteve-se a seguinte constatação quanto à sua predominância: necessidades de alimentação, descanso e saúde foram consideradas como muito importantes (90%), assim como as necessidades de segurança (74%), ao passo que necessidades de relações sociais e convivência foram consideradas como importante (56%), bem como as necessidades de autoestima e status social (58%), categoria essa que também foi considerada por muitos como pouco importante (30%), enquanto a necessidade de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal retorna para classificação como muito importante (70%).

Gráfico 8 - Considerações de níveis de importância dentre os estágios ou necessidades



Fonte: Elaborado pela autora.

6.2.2. Motivograma psicoambiental

O motivograma adaptado proporcionou investigar e revelar se existe alguma tendência ou influência entre o atendimento das necessidades e a atitude pró-meio ambiente, visto que o indivíduo busca atendê-las e desenvolvê-las, de acordo com o seu momento atual, sendo elas: necessidades fisiológicas (V), de segurança (W), de associação (X), de estima (Y) e de autorrealização (Z), lembrando que a responsabilidade socioambiental, conforme o referencial teórico utilizado, encontra-se como valor intrínseco apenas nesta última categoria.

Após análise individual de cada participante, identificaram-se as predominantes maiores e menores de suas necessidades, revelando que, no momento da pesquisa, para a maior parte dos participantes as necessidades de segurança prevaleciam (43% no grupo das predominantes maiores), em detrimento, por exemplo, das necessidades de estima (69% no grupo das predominantes menores). Esses dados indicam uma provável busca por estabilidade, estrutura, organização segurança física, segurança financeira, ambientação adequada e outros parâmetros de segurança. Concomitantemente, também se averiguou como as necessidades predominantes e não predominantes eram impactadas pelas RS do meio ambiente (Tabela 3).

Tabela 3 - Predominantes maiores e menores das necessidades e as representações sociais (n = 134)

Representação Social / Grupo	Necessidades	Predominantes maiores (%)	Predominantes menores (%)
Grupo amostral	V	28%	0%
	W	43%	1%
	X	2%	15%
	Y	3%	69%
	Z	24%	15%
Antropocêntrica	V	29%	0%
	W	46%	2%
	X	5%	14%
	Y	3%	67%
	Z	17%	17%
Globalizante	V	24%	0%
	W	28%	0%
	X	0%	8%
	Y	4%	84%
	Z	44%	8%
Naturalista	V	30%	0%
	W	46%	0%
	X	0%	20%
	Y	2%	63%
	Z	22%	17%

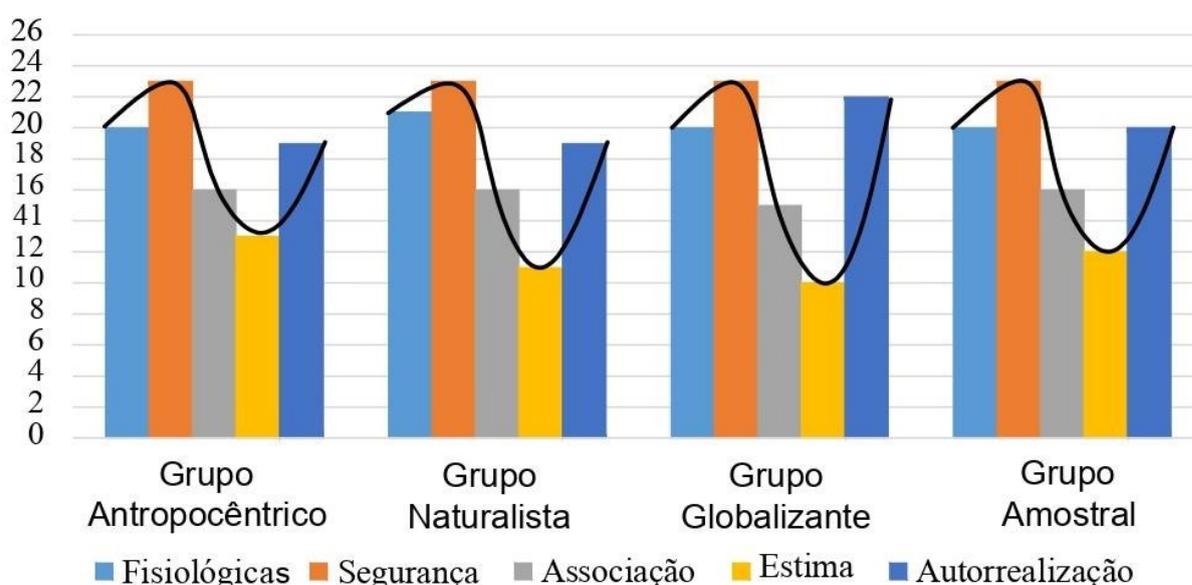
Legenda: necessidades fisiológicas (V), de segurança (W), de associação (X), de estima (Y) e de autorrealização (Z),

Fonte: Elaborado pela autora.

A Tabela 3 expressa o percentual de predominantes maiores e menores dentre cada estágio de necessidade e a RS com relação ao meio ambiente que lhe foi atribuída, demonstrando que indivíduos com representação globalizante foram os que apresentaram um maior comprometimento com as necessidades de autorrealização (44%), na qual o meio ambiente apresenta um valor intrínseco. Já os participantes que foram classificados com uma representação naturalista e antropocêntrica mantiveram suas prioridades principalmente associadas com as necessidades fisiológicas e de segurança. Isso pode se refletir em escolhas diferentes com relação à responsabilidade socioambiental, como, por exemplo, daqueles que apresentaram o predomínio da representação globalizante ($n = 25$) segundo Reigota, 60% responderam que não trabalhariam em uma empresa que causa grandes impactos ambientais. Já entre aqueles que apresentaram as representações naturalistas e antropocêntricas ($n = 109$), 49% não trabalhariam nessa empresa.

Outra maneira de se observar estes mesmos dados foi por meio da média das necessidades, proposta que novamente refletiu a atribuição de uma significativa importância aos estágios das necessidades de segurança e das necessidades fisiológicas, principalmente quando se considera o grupo amostral total, e que, mesmo após classificação quanto à RS, ainda apresenta uma semelhante tendência de prioridades, mas que se diferencia principalmente entre os estágios de estima e autorrealização. Esta variação pode ser observada visualmente com o apoio do Gráfico 9.

Gráfico 9 – Média das necessidades e agrupamentos

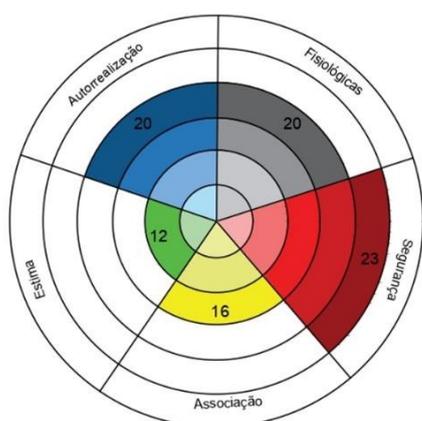


Fonte: Elaborado pela autora.

O Gráfico 9 apresenta a média das necessidades com relação ao nível de importância atribuído dentro o grupo amostral como um todo, mas também da média para cada tipo de visão, evidenciando o potencial diferencial entre indivíduos com visão globalizante, que apresentam uma elevação de importância atribuída ao estágio de autorrealização, o que significa uma possível tendência pró-meio ambiente mais concreta.

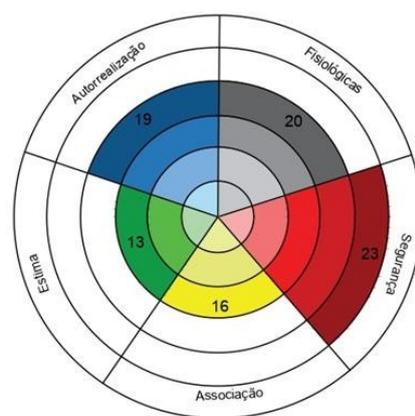
Outra maneira de se avaliar esta mesma diferenciação é por meio do recorte da roda do momento, observando que as médias maiores se sobressaem de acordo com os estágios com maiores níveis de importância atribuída (Figura 8, 9,10 e 11).

Figura 8 - Roda do momento, com a média das necessidades do grupo amostral



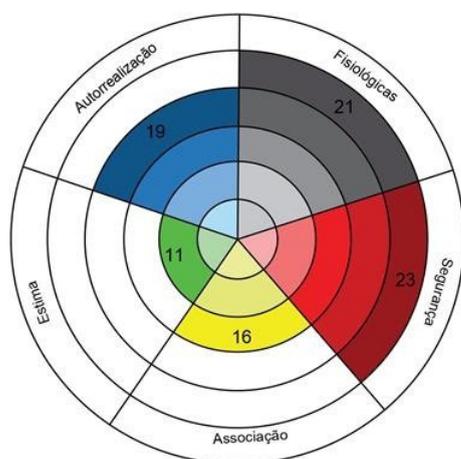
Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 9 - Roda do momento, com a média das necessidades do grupo antropocêntrico



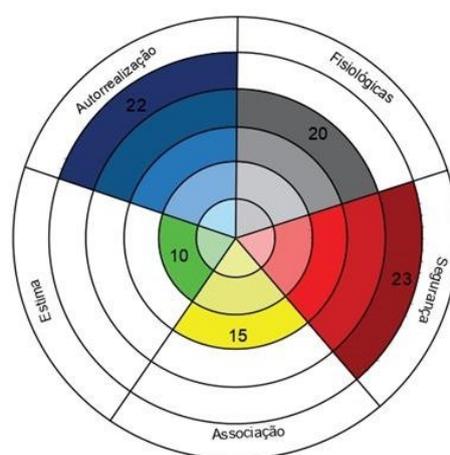
Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 10 - Roda do momento, com a média das necessidades do grupo naturalista



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 11 - Roda do momento, com a média das necessidades do grupo globalizante



Fonte: Elaborado pela autora.

Essas figuras auxiliam a esclarecer como os estágios de necessidades se diferenciam conforme a visão de meio ambiente, apesar de todos manterem a segurança como mais evidente elemento a ser considerado por este grupo.

6.2.3. Alfa de Cronbach e Qui-Quadrado de Pearson

O alfa de Cronbach testou a coerência do motivograma psicoambiental, ou seja, foram avaliadas as 30 questões do bloco 3 do questionário, resultando em um índice de 0,704, conforme software IBM SPSS Statistics 22, sendo que os valores expressados na Tabela 4, também apresentam o valor standardizado pelo programa.

Tabela 4 - Alfa de Cronbach

Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach com base em itens padronizados	N de itens
0,704	0,668	30

Fonte: Elaborado pela autora.

Esta correlação é estabelecida mediante a coerência das respostas de cada participante, transformando-a em uma medida de consistência entre as várias perguntas do motivograma e os seus respondentes. Isso significa dizer que a maioria dos participantes atribuiu o mesmo sentido para as questões do motivograma psicoambiental.

De acordo com Hair Jr et al., (2005) e Nunnally (1978), o alfa de Cronbach acima de 0,7, corresponde a uma medida dada como adequada, que demonstra coerência, como o resultado referente ao motivograma psicoambiental, sendo que dentre investigações de ciências sociais ou que impliquem um forte envolvimento humano, o alfa de 0,6 também é considerado como satisfatório (MAROCO e GARCIA-MARQUES, 2006 *apud* NUNNALLY, 1978).

Comparativamente a outros trabalhos que também objetivavam validar um instrumento para avaliação da relação entre o indivíduo e o meio ambiente, foi possível encontrar resultados que variaram de 0,64 a 0,90 para o alfa de Cronbach (PATO e TAMAYO, 2006; POWELL *et al.* 2011; DIJKSTRA e GOEDHART, 2012; ERDOGAN *et al.*, 2012; BEERY, 2013; UGULU, 2015; ALMEIDA, 2016; BIASUTTI e FRATE, 2016; OLSSON *et al.*, 2019; SZCZYTKO *et al.*, 2019; VARELA-LOSADA *et al.*, 2019).

O qui-quadrado de Person é dependente da formulação de uma hipótese, sendo que, nesta investigação o objetivo foi testar se as motivações/necessidades recebem influência da RS do meio ambiente que o participante compartilha com o grupo. Esta avaliação é importante, pois é sabido que o núcleo da representação é relativamente estável (ABRIC, 2001), o que

poderia ajudar a avaliar se a motivação do participante está baseada em uma necessidade intrínseca, conforme preconizado por Maslow (1970), ou se seriam as motivações um componente importante na constituição das RS, o que evidenciaria a importância de se estudar também a inter-relação entre necessidade/motivações e RS. Além disso, é possível avaliar se a representação globalizante (Reigota 2007) está relacionada com a necessidade de autorrealização, o que corroboraria a escolha feita para o motivograma psicoambiental de se colocar o meio ambiente como valor intrínseco neste estágio de necessidade.

A hipótese foi testada e corroborada pelos dados de frequência das motivações/necessidades da Tabela 5, apresentando as diferenças entre os conjuntos observados e os esperados e fomentando que existe associação entre as representações de meio ambiente, conforme as categorias adotadas de Reigota (2007), e as motivações e necessidades humanas tratadas por Maslow (1970). A hipótese também é validada pelo valor de qui-quadrado de 6,876 com dois graus de liberdade e P-Valor igual a 0,032, expressos na Tabela 6.

Tabela 5 - Conjunto de frequência entre as necessidades e as representações sociais

	Visão antropocêntrica	Visão globalizante	Visão naturalista
Necessidades: V, W, X, Y	82,5%	56%	76,8%
Necessidade: Z	17,5%	44%	23,2%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 6 - Qui-quadrado de Pearson entre as necessidades e as representações sociais

	Valor	GL	P-Valor
Qui-quadrado de Pearson	6,876	2	0,032

Fonte: Elaborado pela autora.

Ou seja, com esse P-Valor, podemos dizer, com probabilidade igual a 0,032 (3,2%), que há evidência de que as motivações/necessidades podem depender da visão de meio ambiente, e que, de acordo com a frequência, indivíduos com visão globalizante tendem a ter elementos mais associados ao estágio de motivações/necessidades de autorrealização (FEIJOO, 2010).

O teste de qui-quadrado foi igualmente utilizado para averiguar se haveria associação entre as motivações/necessidades e os hábitos de consumo, investigando se a aquisição de um produto danoso ao meio ambiente é influenciada pela satisfação de uma necessidade predominante, o que poderia levar um indivíduo, mesmo com um discurso pró-meio ambiente, a ter uma prática não sustentável, principalmente se o discurso estiver associado a uma

representação antropocêntrica ou naturalista de meio ambiente, conforme classificação de Reigota (2007).

Neste sentido, avaliou-se se as motivações/necessidades (conforme Maslow, 1970) influenciam ou não a decisão de compra, sendo que, conforme a Tabela 7, observa-se que nesta questão o qui-quadrado alcançou o valor 15,015, com 4 graus de liberdade, o que nos leva a inferir, com probabilidade igual a 0,005 (0,5%) de erro, o que reflete em 95% de confiabilidade, que as motivações/necessidades realmente podem influenciar na decisão de compra, relembrando que a questão utilizada para esta checagem foi a de número 58, conforme questionário.

Tabela 7 - Qui-quadrado de Pearson entre as necessidades e os hábitos de consumo

	Valor	GL	P-Valor
Qui-quadrado de Pearson	15,015	4	0,005

Fonte: Elaborado pela autora.

Ambos os testes apontam que o motivograma psicoambiental pode ser utilizado como instrumento de avaliação do estado motivacional de um grupo em relação às questões socioambientais, fortalecendo o uso e a aplicação do instrumento como um todo, visto que o qui-quadrado de Pearson testa se as variáveis estão associadas, corroborando uma influência das representação de meio ambiente nas motivações/necessidades, que conseqüentemente impactam o consumo, assim como o alfa de Cronbach demonstra a coesão do questionário e o entendimento dos participantes.

7. DISCUSSÃO

Em seu livro *Epistemologia Ambiental*, Leff (2010) inicia sua reflexão destacando que, na história humana, o desenvolvimento do conhecimento sobre o mundo e a realidade sempre foi influenciado pelo contexto geográfico, ecológico e cultural que produzia e em que se reproduzia uma formação social determinada. Portanto, determinados grupos sociais, a partir do contexto e cultura em que estavam (ou seja, de suas necessidades), foram gerando uma percepção e representação de mundo e da natureza, bem como uma transformação do meio, dependente desses contextos. Esta capacidade de transformação do meio foi posteriormente potencializada pela capacidade humana de estabelecer relações abstratas. Entretanto, segundo o autor, o desenvolvimento do conhecimento teórico acompanhou seus saberes práticos na espécie humana.

Estas relações entre o conhecimento teórico e os saberes práticos aceleraram-se com a Revolução Industrial e aprofundam-se com o advento do capitalismo, bem como com o surgimento da ciência moderna e com a institucionalização de uma racionalidade econômica, aliados à uma matematização e fragmentação do conhecimento. O resultado disso é uma ruptura entre ser humano e meio ambiente, além do predomínio na sociedade brasileira de uma RS bastante ecologizada, utilitarista e antropocêntrica da natureza, conforme os atuais estudos na psicologia ambiental e social vêm demonstrando, tal como destacado na introdução. Esse mesmo resultado foi também observado no presente estudo, no qual as RS de meio ambiente conforme classificação de Reigota (2007) foram predominantemente antropocêntricas e naturalistas (81%).

Enfatiza-se que parte da influência para a manutenção destes dois principais tipos de representações pode estar associada ao modelo de educação ambiental comportamentalista ou até mesmo romantizado sobre a natureza, característica de uma práxis mais conservadora ou pragmática (LAYRARGUES, 2014), mais precisamente aos modelos desenvolvidos ao longo da infância e anos escolares da maioria dos brasileiros, nos quais pouco se discute sobre uma relação equilibrada entre o meio e o ser humano, assim como pouco se desenvolve o pensamento crítico (BUSATO et al., 2012; FARIAS, 2017; MACHADO e TERÁN, 2021). No presente trabalho, 45% dos participantes responderam que não tiveram Educação Ambiental na educação básica e, dentre aqueles que tiveram, estes relataram em sua maioria atividades comportamentalistas e somente informativas, o que corrobora o que vêm sendo encontrado em outros estudos (REJESKI, 1982; KELIHER, 1997; SEEMAN, 2003; ANTONIO e GUIMARÃES, 2005; FERREIRA *et al.*, 2007; MARTINHO e TALAMONI, 2007;

PEDRINI, COSTA e GHILARDI, 2010; REIGOTA, 2010; SOUZA e PEREIRA, 2011; MAGALHÃES e TOMANIK, 2013, RUA *et al.*, 2015; FARIAS *et al.*, 2017; COLAGRANDE *et al.*, 2021). Cabe também destacar que a maioria dos participantes vieram de uma formação na educação básica predominantemente na rede privada de educação, portanto, para este grupo, não parece que o fator rede de ensino público versus rede de ensino privado teve impacto na práxis de educação ambiental desenvolvida. Cabe ressaltar que a educação ambiental está garantida por lei desde 1999 no Brasil e que pelo menos 78% dos participantes possuíam idades entre 18 e 32 anos no momento da coleta de dados (BRASIL, 1999), o que significa que já estariam na faixa etária beneficiada pela implementação da lei.

Todavia, compreende-se que, apesar desses modelos de educação ambiental poderem significar um primeiro contato com a temática socioambiental no contexto educacional, estas práxis não dão conta de problematizar a complexidade da questão socioambiental e nem da inter-relação indivíduo-sociedade em suas diferentes dimensões. É preciso superar dicotomias como sujeito – objeto, natureza – cultura, humanos – não humanos, conforme discutem Iared e Oliveira (2017), levando-se em consideração que mente, corpo e mundo são indissociáveis. Portanto, a própria trajetória pessoal de cada indivíduo agrega e impacta na forma em que ele interpreta e se relaciona com o meio, incluindo o atendimento ou não de suas necessidades.

Contudo, uma questão vem se destacando entre os pesquisadores da área ambiental: qual a melhor estratégia de educação ambiental a ser adotada de maneira a favorecer a nossa reconexão e ressignificação da nossa relação com o meio ambiente, favorecendo que este adquira um valor intrínseco? E, dentro dessa perspectiva, outras questões surgem a partir do presente trabalho: qual seria o papel das necessidades/motivações nesta questão? Elas teriam um impacto no fortalecimento ou enfraquecimento do nosso vínculo com o meio ambiente e, portanto, deveriam ser levadas em consideração no desenvolvimento de projetos de educação ambiental?

Os resultados iniciais obtidos no presente estudo se mostraram reveladores em relação à questão do impacto que as necessidades/motivações, segundo a perspectiva de Maslow (1970), podem ter na constituição e/ou consolidação de uma RS de meio ambiente e, conseqüentemente, nas atitudes, ações e comportamentos envolvendo a nossa relação com as questões ambientais. Destaca-se que as RS são o resultado de uma experiência subjetiva (por isso, a importância da percepção), mas também são condicionadas, ou seja, apresentam dependência com relação às inserções sociais dos indivíduos que as produzem e compartilham (MOSCOVICI, 2005).

Dentro dessa perspectiva, de uma maneira geral, 95% dos participantes declararam

sentirem-se responsáveis pelo meio ambiente, mas com um predomínio das RS antropocêntricas e naturalistas, o que pode explicar, por exemplo, os diferentes sentidos atribuídos à palavra sustentabilidade, além do fato de o construto “responsabilidade socioambiental” aparecer na quarta posição mais de uma vez em questões que buscavam avaliar as prioridades na aquisição de produtos. Neste sentido, Américo *et al.* (2007) e Hansla *et al.* (2008), autores que se dedicam ao estudo das motivações ambientais, argumentam que são três possíveis categorias para classificar estas motivações: 1) enfoque egoísta - no qual indivíduos problematizam a questão socioambiental a partir das consequências dos problemas e do impacto ambiental para si mesmo, ou seja, o que traria, por exemplo, prejuízos à própria saúde ou perda de qualidade de vida; 2) enfoque socioaltruístico - seriam aqueles indivíduos que levariam em consideração as consequências do impacto ambiental no coletivo, ou seja, para os seres humanos em geral e 3) enfoque biosférico - destacam as consequências do impacto ambiental para a fauna, flora e ecossistemas. Para Américo *et al.* (2007), ainda é possível relacionar o enfoque egoísta e o enfoque socioaltruístico com uma representação antropocêntrica de meio ambiente, o que se aproxima aos resultados obtidos no presente trabalho, quando os participantes, ao responderem à questão “Quais são os impactos ambientais que te afetam?”, demonstraram um enfoque tendendo ao socioaltruístico, citando impactos ambientais, tais como mudanças climáticas, desmatamento e poluição.

Com relação à análise das necessidades/motivações, agora novamente a partir da perspectiva de Maslow (1970), constatou-se um predomínio, a partir dos resultados obtidos, que entre os participantes a necessidade/motivação mais emergente foi a de segurança, seguida pela necessidade fisiológica, o que pode indicar que estas teriam inclusive predominância mesmo quando a responsabilidade socioambiental tivesse que ser levada em consideração. Isto fica evidente quando os resultados apontam que 44% dos participantes trabalhariam em uma empresa com histórico ambientalmente negativo ou comprariam um produto (embora alguns tenham dito que raramente – 56%) que causa muito impacto ao meio ambiente, mas com eficácia comprovada e preço competitivo, o que aproximaria os resultados obtidos do enfoque egoísta, conforme discutido por Américo *et al.* (2007).

Portanto, o que os resultados parecem evidenciar é que, dependendo das necessidades/motivações predominantes no momento, as quais também apresentam uma relação com a RS de meio ambiente compartilhada pelo grupo, estas podem levar o indivíduo ou o grupo a minimizar a própria responsabilidade socioambiental, podendo recorrer ao mecanismo de desengajamento moral para justificar as próprias escolhas, conforme problematiza Bandura (2007), particularmente se vierem associadas às RS naturalistas ou

antropocêntricas segundo Reigota (2007). Isso responde parcialmente ao pressuposto inicial do presente estudo: “que indivíduos com uma percepção/representação ambiental menos ingênua ou utilitarista, bem como um discurso pró ambiente, deveriam, a princípio, apresentar maior predisposição à uma relação menos antropocêntrica com o meio ambiente, contemplando uma maior responsabilidade socioambiental. Contudo, as atitudes, ações e comportamentos poderão se mostrar contraditórios em relação ao discurso pró ambiente, caso necessidades humanas básicas, conforme teorizadas por Maslow (1970) não estejam sendo atendidas”.

Todavia, não é possível afirmar que o pressuposto inicial se confirmou totalmente para aqueles que tiveram como RS predominante a representação globalizante, segundo classificação de Reigota (2007). Para estes, o estágio de necessidades/motivações que se destacou foi o da autorrealização, no qual o meio ambiente apresenta valor intrínseco, conforme proposto pelo motivograma psicoambiental, bem como pela organização feita por Vernalha (2017) apresentada na Figura 5. Isso pode ter se refletido nos resultados apresentados com relação à responsabilidade socioambiental, como, por exemplo, daqueles que apresentaram o predomínio da representação globalizante ($n = 25$) segundo Reigota, 60% responderam que não trabalhariam em uma empresa que causa grandes impactos ambientais. Já entre aqueles que apresentaram as representações naturalistas e antropocêntricas ($n = 109$), 49% não trabalhariam em uma empresa com essas características. Entretanto, é importante destacar que este resultado não pode ser confirmado no presente estudo do ponto de vista estatístico devido ao “n” amostral baixo, característico de um estudo exploratório, mas evidenciando a importância de uma investigação futura mais aprofundada. De uma forma geral, os resultados obtidos sugerem que indivíduos com representação antropocêntrica e naturalista tendem a se preocupar mais com suas necessidades fisiológicas, segurança, social e estima, enquanto os com representação globalizante tendem a considerar também elementos presentes na necessidade de autorrealização, como, por exemplo, a maior probabilidade de levar em consideração o bem comum do que somente o individual.

Outro ponto a ser mencionado consiste na própria consideração realizada pelo Maslow (1970), segundo a qual, apesar de as necessidades não ocorrerem em ordem fixa, pré-determinada ou até mesmo hierarquizada, existe maior propensão de um indivíduo se sentir mais apto ou disposto a atender às demais necessidades, caso as mais básicas, que eventualmente garantem parâmetros de sobrevivência, estejam supridas. Sendo assim, extrapola-se que a predominância das necessidades de segurança e fisiológicas observadas no presente estudo possa ser devida ao atual cenário de pandemia, no qual destaca-se uma crescente sensação de insegurança, inclusive com incertezas e polarizações políticas no cenário

brasileiro, que também demonstraram fortes impactos com relação ao valor e significado do que é segurança. Portanto, é importante também se levar em consideração estes possíveis estados motivadores, haja vista o período da coleta de dados, particularmente no que tange às emoções e hábitos de consumo observados no presente trabalho. Principalmente porque, segundo Maslow (1970), as necessidades/motivações dos estágios fisiológicos, segurança, sociais e estima estariam mais suscetíveis a estados motivadores oriundos das emoções ou sentimentos. Ressalta-se que os sentimentos felicidade e tristeza vêm sendo apontados como significativos impulsores na motivação para o consumo, sendo que os estudos e artigos sobre as influências das emoções e sentimentos em comportamento de compra e consumo têm recebido maior destaque, particularmente entre as ramificações de marketing e publicidade (CARVALHO, 2010).

Neste sentido, parte-se do entendimento de que indivíduos estão constantemente sujeitos a algum tipo de emoção ou sentimento, sendo eles tristeza, felicidade, raiva, desejo, ansiedade e/ou outros, os quais, por sua vez, podem afetar tanto o processo cognitivo quanto o comportamento social, inclusive o consumo (CARVALHO, 2010). O ato de comprar é uma experiência agregada de significado, de acordo com Portilho (2005), que discute justamente sobre os dilemas entre responsabilidade socioambiental e o impacto da ação individual e coletiva. No presente estudo, apesar de os participantes responderem que não costumavam se arrepender com frequência das próprias compras, sentimentos de felicidade, tristeza e ansiedade foram construtos importantes no tocante a estados motivadores relacionados ao consumo. E levando-se ainda em consideração a relação inter-relação indivíduo sociedade no cenário contemporâneo, na qual o status social e a felicidade são associados ao consumo (PORTILHO, 2005), é inegável a influência da dimensão emocional. Particularmente, porque de acordo com Carvalho (2010), a cultura do consumo mesclou-se a uma incisiva associação entre aquisição de bens e a realização pessoal humana, uma espécie de “autorrealização” distorcida para alguns indivíduos, que, segundo a perspectiva de Maslow (1970), estaria associada aos estágios de necessidade/motivação social e estima.

Em vista desta e de outras especulações, buscou-se investigar e analisar hábitos de consumo, pontuando diretamente alguma questão ambiental, tal como uma compra financeiramente satisfatória para o participante, mas que em contraponto geraria muito impacto ao ambiente. Essa situação dividiu resultados entre os que raramente comprariam (maioria) e os que ocasionalmente comprariam, demonstrando que, apesar de pouquíssimos afirmarem que comprariam sempre, independentemente deste impacto, a maior parcela demonstrou que, ao ponderar entre a sua necessidade e o ato de responsabilidade socioambiental, tenderia

eventualmente a valorizar mais sua própria necessidade, já que avaliaria suas circunstâncias pessoais, ao optar por raramente ou ocasionalmente.

Esta questão inclusive foi estatisticamente checada pelo teste de qui-quadrado de Pearson, ponderando entre as necessidades/motivações e os seus impactos nos hábitos de consumo, havendo um elevado grau de significância. Demonstrou-se coerência com os resultados quanto às questões sobre adesão de automóvel, vestuário e celular, nas quais, as escolhas dos participantes enfatizavam principalmente o aspecto financeiro e de segurança física, mas também de status social quando se tratava do celular.

Frente a esses resultados, retoma-se a questão previamente levantada: qual a melhor estratégia de educação ambiental a ser adotada de maneira a favorecer a reconexão e ressignificação da nossa relação com o meio ambiente, favorecendo que este adquira um valor intrínseco?

Talvez praticando uma educação ambiental que, além de fazer o indivíduo refletir a respeito de si próprio enquanto sujeito social e político, também seja capaz de ajudá-lo a conseguir reconhecer as próprias necessidades, ou seja, saber o que realmente se deseja, pois esta seria uma conquista psicológica considerável, segundo Maslow (1970), além de ser duplamente verdadeira quando se trata da necessidade de autorrealização.

E, na sequência, buscando o aprofundamento ao fazer com que o indivíduo reflita sobre como isso se relaciona com a própria responsabilidade socioambiental, conforme exemplo trazido por Vernalha (2017), a partir do qual é possível problematizar estágios de necessidades/motivações e possíveis temas a serem considerados em projetos de educação ambiental. Isso pode favorecer o engajamento moral de indivíduos e grupos na luta por transformações sociais que objetivem diminuir injustiças e desigualdades sociais a partir do estágio de necessidade predominante em um determinado momento, mas com a compreensão da importância de se buscar, sempre que possível, o estágio da autorrealização, no qual, segundo Maslow (1970), o indivíduo tende a procurar o que este autor denominou de valores S: ser livre de psicopatologias; percorrer de forma mais independente os estágios de necessidades; valorizar questões do ser, como verdade, integridade, alegria, beleza, justiça, vontade e outros; perceber de forma mais eficiente a realidade; aceitar a si, aos outros e à natureza; apreciar o novo ou diferente; espontaneidade e simplicidade; resolutiva quanto a problemas; autonomia; relacionamentos interpessoais saudáveis e profundos; estrutura e caráter democrático; compreensão entre meios e fins; criatividade e resiliência. Por fim, esse é o estágio no qual o meio ambiente passa a ter um valor intrínseco.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos objetivos específicos propostos no presente estudo, foi possível constatar que o motivograma psicoambiental se mostrou um instrumento adequado para estudos que objetivem avaliar a inter-relação necessidades/motivações e meio ambiente.

A necessidade de autorrealização, apesar de muito importante quando se trata do meio ambiente como tendo um valor intrínseco, não foi o estágio predominante entre o grupo participante do estudo, no qual predominaram as necessidades/motivações de segurança e fisiológicas, o que pode estar relacionado com o período da coleta de dados, realizada durante a pandemia que teve início oficial no Brasil em março de 2020.

Por fim, acredita-se que, com base em um diagnóstico inicial obtido a partir do motivograma psicoambiental, particularmente se aplicado juntamente com questões que visem a avaliar a PA, bem como as RS com relação ao meio ambiente e aos hábitos de consumo, sendo ele o inventário do perfil psicoambiental, pode-se aferir quais potenciais atitudes com relação às questões ambientais estão predominantes em determinado grupo antes de se iniciar um projeto de educação ambiental.

Destaca-se o fato de que o presente estudo teve um caráter exploratório e, portanto, deve ser ampliado para uma compreensão mais aprofundada a respeito da influência das necessidades/motivações, a partir da perspectiva de Maslow, em atitudes com relação às questões socioambientais, bem como da possível inter-relação entre as RS e o meio ambiente.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRIC, J. C. *Práticas sociais y representaciones*. México: Ediciones Coyoacán, 2001.
- ALBUQUERQUE, B. P. *As relações entre o homem e a natureza e a crise socioambiental*. Rio de Janeiro, RJ. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz, 2007.
- ALMEIDA, D; SANTOS, M. A. R; COSTA, A. F. B. *Aplicação do coeficiente alfa de Cronbach nos resultados de um questionário para avaliação de desempenho da saúde pública*. In: XXX Encontro Nacional de Engenharia de Produção. São Carlos, 2010.
- ALMEIDA, S.C.S. *Adaptação e validação da escala de atitudes de educação ambiental sustentável*. Dissertação de mestrado. Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino, 2016.
- ANDRADE, R. L. *Aspectos não financeiros da motivação: estudo de caso da Líder Comercio de Lubrificantes LTDA*. Monografia (especialização em Gestão de Pessoas). Bahia: Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, 2006.
- ANTONIO, D.G.; GUIMARÃES, S.L. *Representações do meio ambiente através do desenho infantil: refletindo sobre os procedimentos interpretativos*. Educação Ambiental em Ação, v. 14, 2005.
- BAUMAN, Z. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BAUMAN, Z.; DONSKIS, L. *Cegueira Moral: a parda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- BANDURA, A. *Impeding ecological sustainability through selective moral disengagement*. Int. J. Innovation and Sustainable Development, v. 2, n. 1, 2007.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições Setenta, 1994.
- BEERY, T.H. *Establishing reliability and construct validity for an instrument to measure environmental connectedness*. Environmental Education Research, v. 19, n. 1, 2013.
- BERNI, L.E.V. “Quando fala o Coração: Psicoterapia na Interface Humanista Transpessoal” apresentada no 14º Encontro de Cardiociência, promovido pela Casa Urusvati em 14/10/2020. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?extid=CL-UNK-UNK-UNK-AN_GK0T-GK1C&v=3442048859209092. Acesso em: 12/0/07/2021.
- BIASUTTI, M.; FRATE, S. *A validity and reliability study of the Attitudes toward Sustainable Development scale*. Environmental Education Research, v.23, n.2, 2016.
- BOAVISTA, S.C.P.C. *Pesquisa Hábitos de Consumo Dia Mundial do Consumidor*, 2016. Disponível em: <https://www.boavistaservicos.com.br/wp-content/uploads/2016/03/resultados-pesquisa-dia-mundial-consumidor-2016.pdf>. Acesso em: 22/04/2021.

BRASIL. LEI Nº 9.795, DE 27 DE ABRIL DE 1999. *Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm. Acesso em: 22/04/2021.

BRITO, T. S. A; DIAS, R. *O Paradoxo do Consumo e a Perspectiva da Sustentabilidade: A Motivação do Comportamento Adolescente em Escolas de Belo Horizonte – MG*. Revista Ciências Sociais em Perspectiva, p. 177 – 192, 2011.

BRUNO, D. E. *Motivação para o trabalho no setor de produção em uma empresa de médio porte*. Monografia (conclusão de curso de Psicologia). Canoas: ULBRA, 1997.

BUSATO, C.; et al. *Representações sociais de meio ambiente em estudantes de ensino médio/técnico dos estados do Espírito santo e Paraná*. Engenharia Ambiental – Espírito Santo do Pinhal, v.9, n.3, 2012.

BUSSAB, W.O; MORETTIN, P.A. *Estatística Básica*. São Paulo: Editora Saraiva, 2012.

CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). *Tabela de Áreas de Conhecimento/Avaliação, 2020*. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/instrumentos/documentos-de-apoio-1/tabela-de-areas-de-conhecimento-avaliacao>. Acesso em: 21/11/2020.

CARMO, P.S. *Merleau-Ponty: uma Introdução*. São Paulo: Revista de Educação pública, 2000.

CARVALHO. C. S. *O consumo e a representação da felicidade em 40 anos de propaganda brasileira, 2010*. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/76/o/CAMILA_DA_SILVA_CARVALHO.pdf. Acesso em: 23/04/2021.

CHAER, G; DINIZ, R. R. P; RIBEIRO, E. A. *A técnica do questionário na pesquisa educacional*. Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, 2011.

COLAGRANDE, E.A.; FARIAS, L.A.; BITTENCOURT, A.L.V.; LEITE, L.O.C. *Educação Ambiental em Escolas Municipais de Diadema, SP: estudo de características e práxis*. Ciênc. educ., v. 27, 2021.

CRESWELL, J.W. *Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CROCHÍK, J. L. *Os Desafios Atuais do Estudo da Subjetividade na Psicologia*. Psicol. USP, v.9, n. 2, 1998.

CUNHA, A. S; LEITE, E. B. *Percepção Ambiental: Implicações para a Educação Ambiental, 2009*. Disponível em: http://www4.pucminas.br/graduacao/cursos/arquivos/ARE_ARQ_REVIS_ELETR20090930145741.pdf. Acesso em: 27/03/2021.

CUNHA, R.M. *A Teoria de Maslow é válida para o estudo de hábitos de consumo ou as relações sociais estabelecem as necessidades de consumo de um grupo determinado, 2015*. Disponível em:

https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/19422/TCCE_ESEM_EaD_2015_CUNHA_RO_SINHA.pdf?sequence=1. Acesso em: 27/05/2021.

DAVIS, K.; et al. *Comportamento humano no trabalho*. São Paulo: Pioneira, 1992.

DEL RIO, V; OLIVEIRA, L. *Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira*. São Paulo, São Carlos: Studio Nobel, Editora da UFSCar, 1996.

DIJKSTRA, E.M.; GOEDHART, M.J. *Development and validation of the ACSI: measuring students' science attitudes, pro-environmental behaviour, climate change attitudes and knowledge*. Environmental Education Research, v. 18, n. 6, 2012.

DUTRA, L. H. A. *Ação, comportamento e movimento, 2006*. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/manuscripto/article/view/8643607>. Acesso em: 15/06/2021.

DWORKIN, R. *El dominio de la vida*. Barcelona: Ariel, 1998.

ERDOGAN, M.; OK, AHMET; MARCINKOWSKI, T.J. *Development and validation of Children's Responsible Environmental Behavior Scal.*, Environmental Education Research, v. 18, n.4, 2012.

FAGGIONATO, S. *Percepção Ambiental, 2004*. Disponível em: <http://educar.sc.usp.br>. Acesso em: 10/06/2021.

FARIAS, L.; SILVA, J.; COLAGRANDE, E. A.; ARROIO, A. *Opposite shore: a case study of environmental perception and social representations of public school teacher in Brazil*. International Research in Geographical and Environmental Education, v. 27, n. 1, 2017.

FEIJOO, A.M.L.C. *Provas estatísticas*. In: A pesquisa e a estatística na psicologia e na educação [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010, p. 43-69. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/yvnwq/pdf/feijoo-9788579820489-10.pdf>. Acesso em: 12/06/2021.

FEIST, J; FEIST G; ROBERTS, T. *Teorias da personalidade, 2008*.

FERREIRA, A.; et. al. *Teorias de motivação: uma análise da percepção das lideranças sobre suas preferências e possibilidade de complementaridade*. XIII SIMPEP, Bauru, 2006.

FERREIRA, C.F. B.; et al. *Análise das representações sociais sobre meio ambiente de técnicos e professores das secretarias de educação e meio ambiente de municípios da bacia de campos – RJ, 2007*. Disponível em: http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/vienpec/CR2/p869.pdf Acesso em: 21/04/2021.

FREITAG, R. M. K. *Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência?* Revista de Estudos da Linguagem, v. 26, n. 2, p. 667 –686, 2018.

FREITAS, W. R. S; JABBOUR, C. J. C. *Utilizando Estudo de Caso (s) como Estratégias de Pesquisa Qualitativa: Boas Práticas e Sugestões*. Revista Estudo & Debate, Lajeado, v. 18, n.2, 2011.

GREGORI, M. S; ARAUJO, L. E. B. *Epistemologia Ambiental: A crise ambiental como uma crise da razão*. Revista Eletrônica do Curso de Direito, Santa Maria, v.8, 2013.

HAIR JR, J. F.; et al. *Análise multivariada de dados*. 5 Edição. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HANSLA, A.; GAMBLE, A.; JULIUSSON, A.; GÄRLING, T. *The relationships between awareness of consequences, environmental concern, and value orientations*. Journal of Environmental Psychology, v. 28, 2008.

HESKETH, J. L; COSTA, M. T. P. M. *Construção de um Instrumento para Medida de Satisfação no Trabalho*. Revista Administração de Empresas, Rio de Janeiro, v. 20, n.3, 1980.

HILL, M. M; HILL, A. *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo, 2012.

IARED, V.G.; OLIVEIRA, H.T. *O walking ethnography para a compreensão das interações corporais e multissensoriais na educação ambiental*. Ambiente & Sociedade, v. XX, n. 3, 2017.

KELIHER, V. *Children's perceptions of nature*. International Research in Geographical and Environmental Education, v. 6, n. 3, 1997.

KOTLER, P. ARMSTRONG, G. *Princípios de Marketing*. 15 Ed. São Paulo: Pearson, 2015.

KRZYSCZAK, F. R. *As Diferentes Concepções de Meio Ambiente e suas Visões*. Revista Educação do IDEAU – Instituto de Desenvolvimento Educacional Alto Uruguai, v. 11, n. 23, 2016.

LACERDA, T.S. *Teorias Da Ação E O Comportamento Do Consumidor: Alternativas E Contribuições Aos Modelos De Fishbein E Ajzen, 2007*. Disponível em: http://www.anpad.org.br/diversos/down_zips/33/MKT-A1715.pdf. Acesso em: 15/06/2021.

LAYRARGUES, P.P; LIMA, G.F.C. *As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira*. Ambiente & sociedade, v. 17, n. 1, 2014.

LEFF, E. *Racionalidade ambiental: a reprodução social da natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. *Epistemologia ambiental*. 4ª Edição. São Paulo: Cortez, 2010.

LOPES, T. V. M. *Motivação no trabalho*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1980.

MACHADO, A.C; TERÁN, A. F. *Educação Ambiental: Desafios e possibilidades no ensino fundamental I nas escolas públicas, 2021*. Disponível em: <https://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=3522#:~:text=Concluiu%2Dse%20que%20os%20principais,perspectiva%20puramente%20contemplativa%20da%20natureza>. Acesso em: 22/04/2021.

MAGALHÃES JR, C. A. O; TOMANIK, E.A. *Representações sociais de meio ambiente: Subsídios para a formação continuada de professores, 2013*. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132013000100013. Acesso em: 21/04/2021.

- MAROCO, J; GARCIA-MARQUES, T. *Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?* Laboratório de Psicologia, p. 65-90, 2006.
- MAROTTI, J.; et al. *Amostragem em pesquisa clínica: tamanho da amostra*. Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo, v. 20, p. 186 – 194, 2008.
- MARRAS, J. P. *Administração de recursos humanos: do operacional ao estratégico*. São Paulo, 2000.
- MARTINHO, L.R.; TALAMONI, J.L.B. *Representações sobre meio ambiente de alunos da quarta série do ensino fundamental*. Ciência & Educação, v. 13, n. 1, 2007.
- MASLOW, A. H. *Introdução à psicologia do ser*. 3ª Edição. New York: John Wiley & Sons, 1998.
- MASLOW, A. H. *Motivation and Personality*. 2ª Edição. New York: Harper & Row, 1970.
- MASSENA, F. S; MARINHO, E. C. P. *Educação Ambiental: considerações a partir da Teoria das necessidades*. Revista JURIS, Rio Grande, v. 16, p. 167- 178, 2011.
- MELLO JR, N. R. *Motivação e o programa de desempenho por resultados do município de santos*. Fundação Getúlio Vargas Escola De Administração De Empresas De São Paulo, 2014.
- MENDES, J. M.; ALVES, J.L.S.; MATOS, M.C.P. *Influência do perfil motivacional no desempenho técnico: Análise no setor de manutenção de sistemas industriais*. UNISANTA Law and Social Science, v. 2, n. 1, 2013.
- MENDES, C.C.L.R. *Inclusão Escolar de Crianças com Trissomia 21: Atitudes de Alunos*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve Escola Superior de Educação de Beja do Instituto Politécnico de Beja. Faro, 2009.
- MERIGUETI, B. A.; et al. *Programa de conscientização da sociedade voltado a importância do uso racional de água para região metropolitana de Vitória – ES*. Vitória, 2004.
- MOUTINHO, K; ROAZZI, A. *As Teorias Da Ação Racional E Da Ação Planejada: Relações Entre Intenções E Comportamentos*. Avaliação Psicológica, p. 279-287, 2010.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 3ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2005.
- MOSER, G. *Psicologia Ambiental*. Natal: Estudos de Psicologia, v. 3, n. 1, 1998.
- OLSSON, D.; GERICKE, N.; SASS, W.; PAUW, J-B. *Self-perceived action competence for sustainability: the theoretical grounding and empirical validation of a novel research instrument*. Environmental Education Research, v. 25, n.12, 2019.
- PASQUALI, L. *Psicometria*. Rev Esc Enferm USP, v. 43, n. 1, 2009.
- PATO, C.M.; TAMAYO, A. *Escala de Comportamento Ecológico: desenvolvimento e validação de um instrumento de medida*. Estudos de Psicologia, v.11, n. 3, 2006.

PEDRINI, A. G; COSTA, E. A; GHILARDI, N. *Percepção Ambiental de Crianças e Pré-Adolescentes em Vulnerabilidade Social para Projetos de Educação Ambiental*. Revista Ciência & Educação, Bauru, v. 16, n. 1, p. 163 – 179, 2010.

PEREIRA, M. A. *Análise motivacional de ambiente de trabalho em uma concessionária Volkswagen*. Monografia (conclusão do curso de Administração) - Faculdade XV de Agosto. Socorro, p.35, 2005.

PITANGA, A. F. *O enfrentamento da crise socioambiental: Um diálogo em Enrique Leff sobre a racionalidade e o saber ambiental*. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande, v. 32, n. 1, 2015.

PORTILHO, F. *Sustentabilidade Ambiental, consumo e cidadania*. São Paulo: Cortez, 2005.

POWELL, R.B.; STERN, M.J.; KROHN, B.D.; ARDOINE, N. *Development and validation of scales to measure environmental responsibility, character development, and attitudes toward school*. Environmental Education Research, v. 17, n. 1, 2011.

RAMOS, E. A. *Auto-Realização: Uma necessidade existencial, 1980*. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/30774/1/1980_art_earamos.pdf. Acesso em: 21/02/2021.

RÉGIS, L. N. *Identificação das necessidades motivacionais dos funcionários da Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Itapema – SC, 2007*. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Leandro%20Nilton%20Regis.pdf>. Acesso em: 12/04/2021.

REIGOTA, M. *Meio Ambiente e Representação Social*. 7ª Edição. São Paulo: Cortez, 2007.

REIS, S. L. A; BELLINI, M. *Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental*. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, Maringá, v. 33, n. 2, p. 149-159, 2011.

REJESKI, D. *Children Look at Nature: Environmental Perception and Education*. The Journal of Environmental Education, v. 13, n. 4, 1982.

RODRIGUES, M. L.; et al. *A Percepção Ambiental Como Instrumento de Apoio na Gestão e na Formulação de Políticas Públicas Ambientais*. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 21, 2012.

ROSA, R. S; SANTOS, K. *A Representação Social de Meio Ambiente Como Ponto de Partida Para Ações de Educação Ambiental: Uma Ocupação Irregular Como Espaço de Educação Não Escolar*. Ambiente & Educação, v.22, n. 1, 2017.

RUA, M.B.; PEDRINI, A.; BERNARDES, L.; MARIANO, D.; FONSECA, L.; NUNES, R.M.N.; BROTO, D. *Marine environment perception by children in Rio de Janeiro, Brazil*. Revista Biociências, v. 21, n.1, 2015.

SÁ, C.P. *Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central*, Temas em Psicologia, Rio de Janeiro, n.3, p. 19-31, 1996.

SALDANHA, V. *Psicologia Transpessoal: uma abordagem integrativa, um conhecimento emergente em psicologia da consciência*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

SAMPAIO, J. R. *O Maslow desconhecido: uma revisão de seus principais trabalhos sobre motivação*. Revista de Administração, São Paulo, v. 44, n. 1, 2009.

SANTOS, J. L. G.; et al. *Integração entre Dados Quantitativos e Qualitativos em uma Pesquisa de Métodos Mistos*. Texto & Contexto – Enfermagem, Florianópolis, v. 26, n.3, 2017.

SASS, W.; PAUW, I.J.B.; MAEYER, I.S.; PETEGEM, P.V. *Development and validation of an instrument for measuring action competence in sustainable development within early adolescents: the action competence in sustainable development questionnaire (ACiSD-Q)*. Environmental Education Research, v. 25, n.12, 2021.

SCHNELLER, A.J., JOHNSON, B.; BOGNER, F.X. *Mexico validating a modified version of measures to test the Model of Ecological Values (2-MEV)*, Environmental Education Research, v. 21, n.1, 2015.

SEEMAAN, T. M. S. *Visões de mundo e representações de meio ambiente entre licenciandos da UFSC*. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/86018/199864.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27/04/2021.

SILVA, V. L.; et. al. *Análise da motivação de pessoas: um estudo baseado em princípios da Hierarquia de Necessidades de Maslow*. Revista Foco, v. 10, n.2, p. 148 – 166, 2017.

SILVERTHORN, D. U. *Fisiologia Humana - Uma Abordagem Integrada*. 7ª Edição, Artmed, 2017.

SMITH, P.J. *A percepção como uma relação: uma análise do conceito comum de percepção*. Analytica, v. 18, nº 1, 2014.

SOARES, T. L. *Administração de pessoas, 2015*. Disponível em: http://proedu.rnp.br/bitstream/handle/123456789/1491/Administracao_Pessoas_ADMINISTRACAO%3%87%C3%83O-IFSP.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 29/05/2021.

SOUZA, P. P. S.; PEREIRA, J. L. G. *Representação social de meio ambiente e educação ambiental nas escolas públicas de Teófilo Otoni-MG, 2011*. Disponível em: <http://revbea.emnuvens.com.br/revbea/article/viewFile/2031/1040>. Acesso em: 21/04/2021.

SZCZYTKO, R.; STEVENSON, K. M.; PETERSON, N.; NIETFELD, J. *Development and validation of the environmental literacy instrument for adolescents*. Environmental Education Research, v. 25, n. 2, 2019.

TOASSA, G. *Conceito de consciência em Vigotski*, Psicologia USP, p. 59-83, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/41891/45559>. Acesso em: 15/06/2021.

UGULU, I. *Development and validation of an instrument for assessing attitudes of high school students about recycling*. Environmental Education Research, v. 21, n. 6, 2015.

VARELA-LOSADA, M; PÉREZ-RODRÍGUEZ, U.; VEGA-MARCOTE, P.; REID, A. *Dealing with global environmental change: the design and validation of the GEC attitude scale*. V. 25, N. 2, 2019.

VERÍSSIMO, M.R. *Necessidades essenciais das crianças para o desenvolvimento: referencial para o cuidado em saúde*. Rev Esc Enferm USP, v. 51, n. e03283, 2017.

VERNALHA, E. *Por que preservamos (ou não) o meio ambiente?* Disponível em: <https://www.correiodeatibaia.com.br/opiniaio/por-que-preservamos-ou-nao-o-meio-ambiente>. Acesso em: 23/05/2021.

WACHELKE, J. F. R; CAMARGO, B. V. *Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento*. Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology, v.41, n. 3, 2007.

WACHELKE, J. F. R; WOLTER, R. *Critérios de Construção e Relato da Análise Prototípica para Representações Sociais*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 27, n. 4, 2011.

WAGNER, W. *Sócio-gênese e características das representações sociais*. Estudos interdisciplinares de representação social, Goiânia, p. 3-25, 1998.

ANEXO I

MOTIVOGRAMA

Instruções:

Responda às questões, pontuando-as da forma seguinte.

3- a resposta corresponde ao meu comportamento.

2- a resposta corresponde em parte ao meu comportamento.

1- a resposta corresponde ao meu comportamento.

0- a resposta não corresponde ao meu comportamento.

A soma das alternativas de cada questão deve ser 3.

1. O que mais incentiva e estimula o meu desempenho é:

V- Um salário compatível com as minhas necessidades básicas e as de minha família.

Z - A oportunidade de testar a minha própria capacidade e ter acesso aos meus resultados.

2. Se eu tiver que escolher entre duas organizações para trabalhar, prefiro aquela que:

W - Oferecer normas de trabalho claramente definidas, sólidas garantias de estabilidade, e assegurar privilégios mais amplos de assistência médica hospitalar.

Z - Proporcionar autonomia para criar, liberdade para experimentar e autoridade para inovar.

3. O tipo de subordinado que mais me irrita é aquele que:

V- Não valoriza as boas condições ambientais de trabalho que lhe são oferecidas (instalações físicas confortáveis, bem iluminadas, restaurante interno, etc.).

Y - Não me confere o devido respeito e consideração.

4. Desenvolvo minhas responsabilidades com maior entusiasmo e eficiência quando:

V - Recebo um salário compatível com as minhas necessidades básicas e as de minha família.

X - Mantenho um relacionamento cordial e harmonioso com os meus colegas, meus superiores e meus subordinados, bem como a convicção de que sou bem aceito por eles.

5. Se na minha próxima promoção me for dada a oportunidade de escolher entre dois cargos, darei preferência àquele que:

W - Oferecer normas de trabalho claramente definidas, sólidas garantias de estabilidade, e assegurar-me privilégios mais amplos de assistência médica hospitalar.

Y - Conferir maior prestígio e poder.

6. A minha produtividade pode ser prejudicada quando:

X - Delegam responsabilidade que exige a minha dedicação pessoal, e fico privado de compartilhar os meus problemas e as minhas ideias com os meus companheiros.

Z - As minhas responsabilidades atuais deixarem de representar um desafio.

7. O que mais incentiva e estimula o meu desempenho é:

Y - O reconhecimento que me conferem exclusivamente em função dos meus méritos.

W - Um supervisor imediato em quem eu possa confiar, condições de trabalho bem organizadas, e um ambiente de trabalho onde quase tudo já foi previsto e planejado.

8. Se eu tiver que escolher entre duas organizações para trabalhar, prefiro aquela que:

X – Convidar-me para fazer parte de uma equipe de trabalho que mantém excelentes relações entre os seus membros.

V- Oferecer-me boas condições de trabalho: ambiente confortável, amplo e limpo, com boa iluminação e temperatura agradável, restaurante interno com comida saborosa.

9. O tipo de subordinado que mais me irrita é aquele que:

Y - Não me confere o devido respeito e consideração.

Z - Resiste ao colaborar comigo na experimentação de novas ideias.

10. Desenvolvo minhas responsabilidades com maior entusiasmo e eficiência quando:

Z - Proporcionam a oportunidade de testar a minha própria capacidade e tenho acesso aos meus resultados.

W - Tenho um superior imediato em quem posso confiar; condições de trabalho bem organizadas, e um ambiente de trabalho onde quase tudo já foi previsto e planejado.

11. Se na minha próxima promoção me for dado escolher entre dois cargos, darei preferência àquele que:

Y - Conferir maior prestígio e poder.

V - Oferecer boas condições de trabalho: ambiente confortável, amplo e limpo, com boa iluminação e temperatura agradável, restaurante interno com comida saborosa.

12. A minha produtividade pode ser prejudicada quando:

Z - As minhas responsabilidades atuais deixarem de representar um desafio.

V - Sou excessivamente solicitado no exercício de minhas atribuições a ponto de ter que sacrificar sistematicamente o meu horário de almoço ou de saída.

13. O que mais incentiva e estimula o meu desempenho é:

V - Um salário compatível com as minhas necessidades básicas e as de minha família.

W - Um superior imediato em quem eu possa confiar, condições de trabalho bem organizadas, e um ambiente de trabalho onde quase tudo já foi previsto e planejado.

14. Se eu tiver que escolher entre duas organizações para trabalhar, prefiro aquela que:

W - Oferecer normas de trabalho claramente definidas, sólidas garantias de estabilidade, e assegurar-me privilégios mais amplos de assistência médica hospitalar.

X - Convidar para fazer parte de uma equipe de trabalho que mantém excelentes relações entre os seus membros.

15. O tipo de subordinado que mais me irrita é aquele que:

X - É antissocial e confunde qualquer iniciativa de sociabilidade com "puxasaquismo".

W - Não pensa no dia de amanhã.

16. Desenvolvo minhas responsabilidades com maior entusiasmo e eficiência quando:

Y - Conferem reconhecimento em função dos meus méritos exclusivamente.

Z - Proporcionam a oportunidade de testar a minha própria capacidade e tenho acesso aos meus resultados.

17. Se na minha próxima promoção me for dado escolher entre dois cargos, darei preferência àquele que:

W - Oferecer normas de trabalho claramente definidas, sólidas garantias de estabilidade, e assegurar-me privilégios mais amplos de assistência médica hospitalar.

V - Oferecer boas condições de trabalho: ambiente confortável, amplo e limpo, com boa iluminação e temperatura agradável, restaurante interno com comida saborosa.

18. A minha produtividade pode ser prejudicada quando:

X - Delegam responsabilidade que exige a minha dedicação pessoal, e fico privado de compartilhar os meus problemas e as minhas ideias com os meus companheiros.

Y - Outro executivo, sem as qualificações que possuo, for promovido por mero favoritismo para o cargo que eu estou planejando assumir no futuro próximo.

19. O que mais incentiva e estimula o meu desempenho é:

Y - O reconhecimento que me conferem exclusivamente em função dos meus méritos.

X - O relacionamento cordial e harmonioso com os meus colegas, meus superiores e meus subordinados, bem como a convicção de que sou bem aceito por eles.

20. Se eu tiver que escolher entre duas organizações para trabalhar, prefiro aquela que:

Z - Proporcionar autonomia para criar, liberdade para experimentar e autoridade para inovar.

Y - Oferecer um cargo que confira maior prestígio e poder.

21. O tipo de subordinado que mais me irrita é aquele que:

V - Não valoriza as boas condições ambientais de trabalho que lhe são oferecidas (instalações físicas confortáveis, bem iluminadas, restaurante interno, etc.)

X - É antissocial e confunde qualquer iniciativa de sociabilidade com "puxasaquismo".

22. Desenvolvo minhas responsabilidades com maior entusiasmo e eficiência quando:

Z - Proporcionam a oportunidade de testar a minha própria capacidade e tenho acesso aos meus resultados.

X - Mantenho relacionamento cordial e harmonioso com os meus colegas, meus superiores, e meus subordinados, bem como a convicção de que sou bem aceito por eles.

23. Se na minha próxima promoção me for dado escolher entre dois cargos, darei preferência àquele que:

V - Oferecer boas condições de trabalho: ambiente confortável, amplo e limpo, com boa iluminação e temperatura agradável, restaurante interno com comida saborosa.

Z - Proporcionar autonomia para criar, liberdade para experimentar e autoridade para inovar.

24. A minha produtividade pode ser prejudicada quando:

Y - Outro executivo, sem as qualificações que possuo, for promovido por mero favoritismo para o cargo que eu estou planejando assumir no futuro próximo.

W - Perco a confiança no meu chefe, desconfio da estabilidade do meu cargo, temo pela sobrevivência da minha organização.

25. O que mais incentiva e estimula o meu desempenho é:

V - Um salário compatível com as minhas necessidades básicas e as de minha família.

Y - O reconhecimento que me conferem exclusivamente em função dos meus méritos.

26. Se eu tiver que escolher entre duas organizações para trabalhar, prefiro aquela que:

Y - Oferecer um cargo que confira maior prestígio e poder.

X - Convidar para fazer parte de uma equipe de trabalho que mantém excelentes relações entre os seus membros.

27. O tipo de subordinado que mais me irrita é aquele que:

W - Não pensa no dia de amanhã.

Z - Resiste a colaborar comigo na experimentação de novas ideias.

28. Desenvolvo minhas responsabilidades com maior entusiasmo e eficiência quando:

X - Mantenho relacionamento cordial e harmonioso com os meus colegas, meus superiores e meus subordinados, bem como a convicção de que sou bem aceito por eles.

W - Tenho um superior imediato em quem eu possa confiar, condições de trabalho bem organizadas, e um ambiente de trabalho onde quase tudo já foi previsto e planejado.

29. Se na minha próxima promoção me for dado escolher entre dois cargos, darei preferência àquele que:

Z - Proporcionar autonomia para criar, liberdade para experimentar e autoridade para inovar.

X - Proporcionar oportunidade para integrar uma equipe de trabalho que mantém excelentes relações entre os seus membros.

30. A minha produtividade pode ser prejudicada quando:

V - Sou excessivamente solicitado no exercício de minhas atribuições a ponto de ter que sacrificar sistematicamente o meu horário de almoço ou o de saída.

W - Perco a confiança no meu chefe, desconfio da estabilidade do meu cargo, temo pela sobrevivência da minha organização.

APÊNDICE A

ESTUDO SOBRE MOTIVAÇÕES E MEIO AMBIENTE

Caro (a) Juiz (a)

Segue anexo o questionário (auto administrado) que faz parte de um estudo cujo objetivo é identificar e compreender se o atendimento ou não das necessidades presentes na Teoria de Maslow comprometem as atitudes e ações de indivíduos com discurso pró meio ambiente.

- 1) Leia cada um dos itens encontrados no questionário e indique se você concorda de uma maneira geral com os conteúdos dos Blocos, bem como qual o nível de concordância. A pontuação “cinco” é a mais alta e indica uma alta qualidade formal do bloco (correção sintática, clareza semântica, adequação da linguagem usada para a população, por exemplo). Enquanto a pontuação “um” representa uma baixa clareza do bloco e uma recomendação implícita para sua reformulação, conforme sugestão enviada.
- 2) Caso veja a necessidade de comentar algo em relação a algum item de um bloco específico, por favor, o destaque na primeira coluna da tabela.

BLOCOS	Concordo conteúdo do Bloco		Nível de Concordância (aspectos formais 1-5)	Observações
	SIM	NAO		
Bloco 1 – do levantamento socioeconômico.	X		5	Item 9: sugiro especificar quando se questiona o período em que a pessoa se interessou pela área ambiental. A pergunta não deixa claro se está se referindo ao período da faculdade ou a uma fase da vida.
Bloco 2 – da investigação da percepção ambiental e representação social.	X		5	Item 4: sugiro colocar uma observação para o termo “desastres antrópicos”.
Bloco 3 – da investigação dos hábitos de consumo.	X		5	Item 1: sugiro especificar se a forma de “() ajuda familiar” é financeira.
Bloco 4 – do inventário das motivações (motivograma).	X		5	

APÊNDICE B

Análise da distribuição das questões conforme a necessidade			
Item	Proposta da questão	Necessidade refletida - Opção 1	Necessidade refletida - Opção 2
01	Ação (decisão)	Fisiológica	Autorrealização
02	Motivação	Segurança	Autorrealização
03	Provocação (irritação)	Fisiológica	Autoestima
04	Ação (decisão)	Fisiológica	Associação
05	Ação (decisão)	Segurança	Autoestima
06	Desmotivação	Associação	Autorrealização
07	Motivação	Segurança	Autoestima
08	Ação (decisão)	Fisiológica	Associação
09	Culpa (arrependimento)	Autoestima	Autorrealização
10	Ação (decisão)	Segurança	Autorrealização
11	Ação (decisão)	Fisiológica	Autoestima
12	Desmotivação	Fisiológica	Autorrealização
13	Ação (decisão)	Fisiológica	Segurança
14	Ação (decisão)	Segurança	Associação
15	Culpa (arrependimento)	Segurança	Associação
16	Ação (decisão)	Autoestima	Autorrealização
17	Ação (decisão)	Fisiológica	Segurança
18	Desmotivação	Associação	Autoestima
19	Motivação	Associação	Autoestima
20	Ação (decisão)	Autoestima	Autorrealização
21	Provocação (irritação)	Fisiológica	Associação
22	Ação (decisão)	Associação	Autorrealização
23	Ação (decisão)	Fisiológica	Autorrealização
24	Desmotivação	Segurança	Autoestima
25	Motivação	Fisiológica	Autoestima
26	Ação (decisão)	Associação	Autoestima
27	Provocação (irritação)	Segurança	Autorrealização
28	Desmotivação	Segurança	Associação
29	Ação (decisão)	Associação	Autorrealização
30	Desmotivação	Fisiológica	Segurança

Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

INVENTÁRIO DO PERFIL PSICOAMBIENTAL

Olá, estamos muito satisfeitos pela sua participação em nossa pesquisa!

As perguntas a seguir têm como objetivo compreender e avaliar a sua relação com o meio ambiente, por meio de um instrumento chamado Motivograma Psicoambiental. Você conhece suas motivações e como isso impacta em sua relação com a natureza? Este teste apontará possíveis tendências e comportamentos em virtude de suas necessidades mais importantes.

Sua participação é voluntária, sendo importante que saiba:

1. Sua identidade será preservada e em nenhum momento você precisará se identificar, uma vez que suas respostas permanecerão em sigilo;
2. O registro de todas as informações que vierem a ser coletadas serão utilizados única e exclusivamente para esta pesquisa;
3. Você não terá nenhum ganho ou gasto financeiro por participar desta pesquisa;
4. Você poderá achar o questionário um pouco extenso, entretanto saiba que você pode deixar de participar desta pesquisa a qualquer momento. Garantimos que apesar de um possível cansaço ou uma possível reflexão sobre sua vida não há nenhum outro risco ao continuá-la até o fim;
5. Participantes que tenham interesse em obter o resultado parcial de seu Motivograma Psicoambiental serão convidados a deixar seus e-mails, para que possa ser realizada sua devolutiva (sendo uma opção totalmente voluntária);
6. Respondendo esta pesquisa, você colaborará para produção de novos conhecimentos científicos.

A pesquisa tem sido desenvolvida pela mestranda Anna Karolina Osório Pimentel, sob orientação da Prof^a Dr^a Luciana Aparecida Farias, e os co-orientadores Prof^a Dr^a Cristina Rossi Nakayama e Prof. Dr. Claudio Benedito Baptista Leite. Tratando-se de uma exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Análise Ambiental Integrada, do Programa de Pós-

Graduação (Stricto Sensu) do Instituto de Ciências Ambientais, Químicas e Farmacêuticas da Universidade Federal de São Paulo – Campus Diadema.

Quaisquer dúvidas e considerações relativas à ética da pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora, pelo e-mail annakarolina.op1995@gmail.com, ou com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNIFESP, o qual tem como objetivo assegurar a ética na realização das pesquisas com seres humanos, situado à Rua Botucatu, 740, cep 04023-900, Vila Clementino, São Paulo/SP, e-mail cep@unifesp.br, telefones (11)55711062 / (11)55397162, e horário de atendimento telefônico e presencial nas Segundas, Terças, Quintas e Sextas, das 09:00 às 12:00hs.

Atenciosamente,

Orientanda: Anna Karolina Osório Pimentel

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Aparecida Farias

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Rossi Nakayama

Co-orientador: Prof. Dr. Claudio Benedito Baptista Leite

MOTIVOGRAMA PSICOAMBIENTAL: DESENVOLVIMENTO DE UM INSTRUMENTO METODOLÓGICO A PARTIR DA TEORIA DE NECESSIDADES DE MASLOW

QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

1. Iniciais:
2. Idade:
3. Com qual gênero você se identifica? <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Outros <input type="checkbox"/> Prefiro não responder
4. Qual o seu atual nível de instrução? <input type="checkbox"/> Superior Incompleto <input type="checkbox"/> Superior Completo <input type="checkbox"/> Pós-graduação (MBA, Especialização, ...) <input type="checkbox"/> Mestrado <input type="checkbox"/> Doutorado
5. Nome do curso de graduação que está realizando ou realizou:
6. Quais foram os fatores que você levou em consideração para escolher sua graduação?
7. Qual é ou era sua principal fonte de renda para se manter na graduação?

<input type="checkbox"/> Familiar (depende de terceiros) <input type="checkbox"/> Própria (trabalha) <input type="checkbox"/> Própria (bolsa estudantil)
8. Qual é ou era a faixa de renda do principal provedor em sua residência durante a graduação? <input type="checkbox"/> Não possui renda fixa <input type="checkbox"/> Até R\$1045,00 <input type="checkbox"/> De R\$1045,00 a R\$2090,00 <input type="checkbox"/> De R\$2090,00 a R\$3135,00 <input type="checkbox"/> De R\$3135,00 a R\$4180,00 <input type="checkbox"/> De R\$4180,00 a R\$5225,00 <input type="checkbox"/> Acima de R\$5225,00 <input type="checkbox"/> Prefiro não responder
9. Quantas pessoas moram ou moravam em sua residência durante a graduação? <input type="checkbox"/> 1 ou 2 <input type="checkbox"/> 3 ou 4 <input type="checkbox"/> 5 ou 6 <input type="checkbox"/> 7 ou mais
10. Seus estudos durante o ensino fundamental e médio foram: <input type="checkbox"/> Integralmente em escola pública <input type="checkbox"/> Integralmente em escola particular <input type="checkbox"/> Maior parte em escola pública <input type="checkbox"/> Maior parte em escola particular
11. Você teve contato com a temática ambiental/educação ambiental, durante o ensino fundamental ou médio? <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
12. Caso sim, como?
13. Esse contato despertou seu interesse pela área ambiental? <input type="checkbox"/> Não me interessa particularmente pela área ambiental <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
14. Você já teve interesse em atuar ativamente na área ambiental? <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
15. Qual é a sua prioridade no seu atual estágio de vida?

PERCEPÇÃO AMBIENTAL E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

16. Cite 5 palavras que vêm à sua mente quando você pensa em meio ambiente:
17. Escreva uma frase utilizando essas 5 palavras:
18. Você se sente responsável pelo meio ambiente?

() Não
() Sim
19. Defina o que você entende por responsabilidade socioambiental:
20. Quais são os impactos ambientais que te afetam?

21. Caso queira um resultado parcial sobre esta pesquisa, com base no seu motivograma psicoambiental, escreva aqui o seu e-mail:

MOTIVOGRAMA PSICOAMBIENTAL

Entendendo que as questões ambientais e processos sociais são indissociáveis, apresentamos a seguir uma série de situações ligadas à temática socioambiental e que acontecem, ou poderiam acontecer, no dia-a-dia de todos nós.

Algumas dessas situações você já pode até ter vivido, outras não. Assim, por favor, leia cada uma das situações propostas e analise as duas alternativas oferecidas, estabelecendo uma pontuação para cada delas. Atribua notas, de modo que a soma seja obrigatoriamente três, conforme a graduação abaixo:

0 - Eu nunca agiria assim.

1 - Eu poderia agir assim em pouquíssimas ocasiões.

2- Eu agiria dessa forma algumas vezes.

3 - Eu certamente agiria assim.

Por favor, lembre-se de que não há uma resposta certa, boa ou má, apenas aquilo que teria mais chance de acontecer. Compreendeu? Vamos lá?!!

EXEMPLO:

22. Se você tivesse que comprar, "obrigatoriamente", uma camisa para ir a uma festa, pois não tem nenhuma e está com pouco tempo. Ao ir à única loja na cidade, você escolhe:

(A) uma camisa escura de manga curta

(B) uma camisa clara, estampada de manga longa.

Cada figura representa uma possível formulação de resposta, sendo que esses modelos são os únicos aceitáveis para essa parte do questionário.

	0	1	2	3
(A) uma camisa escura de manga curta.	 			
(B) uma camisa clara, estampada de manga longa.				

Possível resposta 1: (A) – 0 e (B) - 3

	0	1	2	3
(A) uma camisa escura de manga curta.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
(B) uma camisa clara, estampada de manga longa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Possível resposta 2: (A) – 1 e (B) - 2

	0	1	2	3
(A) uma camisa escura de manga curta.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
(B) uma camisa clara, estampada de manga longa.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Possível resposta 3: (A) – 2 e (B) - 1

	0	1	2	3
(A) uma camisa escura de manga curta.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
(B) uma camisa clara, estampada de manga longa.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Possível resposta 4: (A) – 3 e (B) - 0

23. Se eu tiver que comprar um produto alimentício produzido de formas diferentes quanto à responsabilidade socioambiental, vou escolher aquele que:

V () não interfira ou inviabilize o atendimento às minhas necessidades básicas ou da minha família, independentemente da sua forma de produção.

Z () me trará a oportunidade de proporcionar um ganho socioambiental, mesmo que este signifique que irei sacrificar alguns interesses importantes para mim.

24. Ao procurar um emprego, o que mais me incentiva e estimula a tomar uma decisão em prol do meio ambiente é:

W () quando sinto que aquele emprego me dará segurança, estabilidade, com um bom salário e plano de saúde.

Z () quando já sei que a política socioambiental da empresa permite práticas compatíveis com o que eu acredito que sejam importantes para uma maior equidade e igualdade socioambiental no meu país, estado ou cidade.

25. A crítica que mais me incomoda em relação à questão ambiental de quando compro algo é:

V () “Eu sei que você atendeu uma necessidade básica sua e da sua família, mas você não deveria ter comprado esse produto porque ele causa danos ao meio ambiente”.

Y () “Eu sei que você se sente bem e com mais autoestima, mas você não deveria ter comprado esse produto porque ele causa danos ao meio ambiente”.

26. Tomo minhas decisões em relação à questão socioambiental com mais responsabilidade e entusiasmo:

V () quando as necessidades básicas minhas ou da minha família (como, por exemplo, alimentação) estão atendidas.

X () quando isso não resulta em conflitos com os meus relacionamentos, sejam familiares, com os amigos ou amorosos.

27. Se eu tiver que escolher entre duas empresas para trabalhar e não sei qual é a política ambiental de ambas vou preferir aquela que me:

W () faz sentir em segurança, por exemplo, estabilidade no emprego, com um bom salário e plano de saúde.

Y () conferir maior prestígio e poder.

28. Sinto-me desmotivado (a) em ser responsável socioambientalmente:

X () quando isso exige de mim ficar privado (a) de estar na companhia ou compartilhar ideias com minha rede de relacionamentos.

Z () quando envolvem atividades que não representam desafios ou prejudicam a minha evolução pessoal na busca de meus ideais.

29. O que mais me incentiva e estimula em ser responsável socioambientalmente é:

W () sentir-me seguro (a) e confiante da redução de ameaças à qualidade ambiental.

Y () quando isso me fornece reconhecimento dos meus méritos.

30. Se eu tiver que escolher entre duas empresas para trabalhar e não sei qual é a política ambiental de ambas vou preferir aquela que me:

V () oferecer um espaço confortável para trabalho e boas opções para refeição.

X () convidar para fazer parte de uma equipe de trabalho que mantém excelentes relações entre os seus membros.

31. O que mais me faz sentir culpado (a) em relação à questão socioambiental quando compro algo é:

Y () quando sei que comprei apenas por impulso a fim de reforçar minha autoimagem.

Z () quando precisei deixar de lado meus ideais e valores em relação à questão socioambiental.

32. Tomo minhas decisões em relação à questão socioambiental com mais responsabilidade e entusiasmo:

W () quando tenho certeza de que já garanti minha segurança financeira, pessoal e integridade física.

Z () quando eu sei que isso me trará a oportunidade de atender aos meus ideais e valores.

33. Se eu tiver que escolher entre duas empresas para trabalhar e não sei qual é a política ambiental de ambas vou preferir aquela que me:

V () oferecer um espaço confortável para trabalho e boas opções para refeição.

Y () conferir maior prestígio e poder.

34. Sinto-me desmotivado (a) em ser responsável socioambientalmente:

V () quando isso significa que terei que sacrificar algum bem ou serviço que me traz satisfação ou praticidade, como a escolha de um alimento.

Z () quando envolvem atividades que não representam desafios ou prejudicam a realização de meus ideais.

35. Tomo minhas decisões em relação à questão socioambiental com mais responsabilidade e entusiasmo:

V () quando já tenho as minhas necessidades básicas e da minha família garantida.

W () quando já me sinto seguro em relação a minha integridade física.

36. Se eu tiver que escolher entre duas empresas para trabalhar e não sei qual é a política ambiental de ambas vou preferir aquela que me:

W () oferecer boas condições de trabalho, garantia de estabilidade e privilégios mais amplos de assistência médico-hospitalar.

X () convidar para fazer parte de uma equipe de trabalho que mantém excelentes relações entre os seus membros.

37. O que mais me faz sentir culpado (a) em relação à questão socioambiental quando compro algo é:

W () quando lembro que aquele produto ou serviço ameaça o meio ambiente e pode vir também a me colocar em perigo devido a uma exposição ambiental perigosa ao longo do tempo. X () quando lembro que comprei aquele produto ou serviço porque ele aumentava minha identificação com meu círculo social.

38. Tomo minhas decisões em relação à questão socioambiental com mais responsabilidade e entusiasmo:

Y () quando estou bem emocionalmente e com uma autoimagem positiva.

Z () quando eu sei que isso me trará a oportunidade de atender aos meus ideais e valores.

39. Se eu tiver que escolher entre duas empresas para trabalhar e não sei qual é a política ambiental de ambas vou preferir aquela que me:

V () oferecer um espaço confortável para trabalho e boas opções para refeição.

W () oferecer boas condições de trabalho, garantia de estabilidade e privilégios mais amplos de assistência médico-hospitalar.

40. Sinto-me desmotivado (a) em ser responsável socioambientalmente:

X () quando isso exige de mim ficar privado (a) de estar na companhia ou compartilhar ideias com minha rede de relacionamentos.

Y () quando isso significa que terei que renunciar a algo que me fará muito bem e me trará autoestima.

41. O que mais me incentiva e estimula (a) em ser responsável socioambientalmente é:

X () quando isso permite me manter entrosado (a) e fazendo parte do meu círculo social. Y

() quando isso me fornece reconhecimento dos meus méritos.

42. Se eu tiver que escolher entre duas empresas para trabalhar e não sei qual é a política ambiental de ambas vou preferir aquela que me:

Y () vou preferir aquela que me conferir maior prestígio e poder.

Z () eu não trabalharia em uma empresa sobre a qual eu não conhecesse a política socioambiental.

43. A crítica que mais me irrita em relação à questão ambiental de quando compro algo é:

V () “Eu sei que você atendeu uma necessidade sua e da sua família, mas você não deveria ter comprado esse produto porque ele causa danos ao meio ambiente.”

X () “Eu sei que ter esse produto o faz se sentir enturmado (a), mas você não deveria tê-lo comprado porque ele causa danos ao meio ambiente.”

44. Tomo minhas decisões em relação à questão socioambiental com mais responsabilidade e entusiasmo:

X () quando isso permite me manter entrosado (a) e fazendo parte do meu círculo social.

Z () quando eu sei que isso me trará a oportunidade de atender aos meus ideais e valores.

45. Se eu tiver que escolher entre duas empresas para trabalhar e não sei qual é a política ambiental de ambas vou preferir aquela que me:

V () oferecer um espaço confortável para trabalho e boas opções para refeição.

Z () eu não trabalharia em uma empresa sobre a qual eu não conhecesse a política ambiental.

46. Sinto-me desmotivado (a) em ser responsável socioambientalmente:

W () quando isso exige que eu faça uma escolha na qual eu me sinta ameaçado física ou financeiramente.

Y () quando isso significa que terei que renunciar a algo que me fará muito bem e me trará autoestima.

47. O que mais me incentiva e estimula em ser responsável socioambientalmente é:

V () ter as minhas necessidades básicas e da minha família garantida.

Y () receber o reconhecimento das minhas qualidades, melhorando minha autoimagem.

48. Se eu tiver que escolher entre duas empresas para trabalhar e não sei qual é a política ambiental de ambas vou preferir aquela que me:

X () convidar para fazer parte de uma equipe de trabalho que mantém excelentes relações entre os seus membros.

Y () conferir maior prestígio e poder.

49. A crítica que mais me irrita em relação à questão ambiental de quando compro algo é:

W () “Eu sei que você agora tem mais segurança para você e sua família, mas você não deveria ter ido morar no novo condomínio fechado, pois é fruto de uma especulação imobiliária que praticou desmatamento”.

Z () “Você não deveria ter comprado aquele produto porque ele causa danos ao meio ambiente e você renuncia aos seus ideais e valores”.

50. Sinto-me desmotivado (a) em ser responsável socioambientalmente:

W () quando isso exige que eu faça uma escolha na qual eu me sinta ameaçado física ou financeiramente.

X () quando isso não permite me enturmar e ser bem aceito em meu contexto social.

51. Se eu tiver que escolher entre duas empresas para trabalhar e não sei qual é a política ambiental de ambas vou preferir aquela que me:

X () convidar para fazer parte de uma equipe de trabalho que mantém excelentes relações entre os seus membros.

Z () eu não trabalharia em uma empresa sobre a qual eu não conhecesse a política ambiental.

52. Sinto-me desmotivado (a) em ser responsável socioambientalmente:

V () quando o espaço de trabalho é insalubre e não há boas opções para refeição.

W () quando isso exige que eu faça uma escolha na qual eu me sinta ameaçado física ou financeiramente.

HÁBITOS DE CONSUMO E COMPORTAMENTO

<p>53. Em uma situação hipotética, na qual você encontra-se financeiramente estável, organize as seguintes opções por ordem de sua prioridade (classifique de 1° a 9° lugar):</p> <p>() Alimentação</p> <p>() Habitação</p> <p>() Lazer</p> <p>() Ajudar financeiramente a família</p> <p>() Saúde / remédio</p> <p>() Transporte</p> <p>() Vestuário/cosméticos</p> <p>() Viagens</p> <p>() Outros</p>
<p>54. O que te influencia na sua decisão de compra ou adesão de um serviço, ordene conforme prioridade (classifique de 1° a 6° lugar):</p> <p>() Preço</p> <p>() Elementos da marca (logo e slogan)</p> <p>() Missão, visão e valores da empresa</p> <p>() Qualidade do produto e serviço</p> <p>() Comunicação (apresentação, mídia, propaganda e relação com o cliente)</p> <p>() Comprometimento socioambiental</p>
<p>55. Você costuma se arrepender de suas compras ou serviços?</p> <p>() Sempre</p> <p>() Ocasionalmente</p> <p>() Raramente</p> <p>() Nunca</p>
<p>56. Você costuma fazer compras fora do seu orçamento?</p> <p>() Sempre</p> <p>() Ocasionalmente</p> <p>() Raramente</p> <p>() Nunca</p>
<p>57. Quais desses sentimentos / emoções e / ou necessidades já impulsionaram sua vontade de consumir (classifique de 1° a 8° lugar)?</p> <p>() Felicidade</p> <p>() Medo/Preocupação</p> <p>() Tristeza</p> <p>() Ansiedade</p> <p>() Raiva</p> <p>() Desejo</p> <p>() Aceitação por um grupo</p> <p>() Status social</p>
<p>58. Você leu o rótulo de um produto e constatou que ele causa muito impacto ao meio ambiente, mas tem eficácia comprovada e preço competitivo, que cabe em seu</p>

orçamento. Você compraria esse produto a despeito do dano que ele causa ao meio ambiente:				
<input type="checkbox"/> Sempre				
<input type="checkbox"/> Ocasionalmente				
<input type="checkbox"/> Raramente				
<input type="checkbox"/> Nunca				
59. Você possui ou gostaria de possuir um automóvel particular?				
<input type="checkbox"/> Não				
<input type="checkbox"/> Sim				
60. Sua escolha por ter ou não um automóvel advém de quais fatores (classifique de 1° lugar a 5° lugar)?				
<input type="checkbox"/> Preço				
<input type="checkbox"/> Conforto / Conveniência				
<input type="checkbox"/> Segurança				
<input type="checkbox"/> Status social				
<input type="checkbox"/> Responsabilidade socioambiental				
61. Com relação ao seu vestuário, você:				
<input type="checkbox"/> Compra de acordo com a necessidade				
<input type="checkbox"/> Compra moderadamente				
<input type="checkbox"/> Compra com frequência				
62. Sua escolha de compra advém de quais fatores (classifique de 1° lugar a 5° lugar)?				
<input type="checkbox"/> Preço				
<input type="checkbox"/> Identidade/estilo				
<input type="checkbox"/> Autoestima				
<input type="checkbox"/> Status social				
<input type="checkbox"/> Responsabilidade socioambiental				
63. Quanto tempo você costuma permanecer com um mesmo celular?				
<input type="checkbox"/> Não possuo celular				
<input type="checkbox"/> Aproximadamente 1 ano				
<input type="checkbox"/> 1 a 3 anos				
<input type="checkbox"/> Enquanto ele funcionar				
64. Sua escolha advém de quais fatores (classifique de 1° lugar a 5° lugar)?				
<input type="checkbox"/> Preço				
<input type="checkbox"/> Segurança				
<input type="checkbox"/> Autoestima				
<input type="checkbox"/> Status social				
<input type="checkbox"/> Responsabilidade socioambiental				
65. Classifique esses itens conforme o nível de importância que você atribui em seu cotidiano:				
	Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante
Alimentação, descanso e saúde				

Autoconhecimento e desenvolvimento pessoal				
Autoestima e status sociais				
Relações sociais e convivência				
Segurança e habitação				
66. Você investiria seu tempo e trabalharia em uma empresa com histórico ambientalmente negativo? () Não () Sim				
67. Independente de sim ou não, justifique suas motivações para essa decisão:				
68. Você já se sentiu coagido a não realizar ações pró meio ambiente em vista de pressões sociais? Já sentiu vergonha ou medo de realizar alguma dessas ações? Se sim, quais?				
69. Como foi para você responder esse questionário? Espaço para o seu feedback (clareza, duração...), deixe sua sugestão se tiver alguma:				

AGRADEÇO MUITO SUA PARTICIPAÇÃO!

LEGENDA:

V = NECESSIDADES FISIOLÓGICAS

W = NECESSIDADES DE SEGURANÇA

X = NECESSIDADES DE ASSOCIAÇÃO

Y = NECESSIDADES DE AUTOESTIMA

Z = NECESSIDADES DE AUTORREALIZAÇÃO

ITEM	V	W	X	Y	Z
01.		==	==	==	
02.	==		==	==	
03.		==	==		==
04.		==		==	==
05.	==		==		==
06.	==	==		==	
07.	==		==		==
08.		==		==	==
09.	==	==	==		
10.	==		==	==	
11.		==	==		==

12		==	==	==	
13			==	==	==
14	==			==	==
15	==			==	==
16	==	==	==		
17			==	==	==
18	==	==			==
19	==	==			==
20	==	==	==		
21		==		==	==
22	==	==		==	
23		==	==	==	
24	==		==		==
25		==	==		==
26	==	==			==
27	==		==	==	
28	==			==	==
29	==	==		==	
30			==	==	==
TOTAIS					
	V	W	X	Y	Z